RODRIGO CALDEIRA BAGNI MOURA

O AMADORISMO, O PROFISSIONALISMO, OS SURURUS E OUTRAS TRAMAS

O futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Belo Horizonte, 2010

Rodrigo Caldeira Bagni Moura

O AMADORISMO, O PROFISSIONALISMO, OS SURURUS E OUTRAS TRAMAS

O futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Lazer, linha de pesquisa Lazer, História e Diversidade cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Moreno

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Belo Horizonte – 2010

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni.

O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: O futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2010.

Dissertação (Mestrado). UFMG. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

I. Futebol. II Amadorismo. III. Profissionalismo. IV. Diversão V. Belo Horizonte.

Dissertação defendida em 15 de Março de 2010, sendo a banca examinadora constituída pelos (as) professores (as):

Professora Doutora Andrea Moreno – Orientadora
Universidade Federal de Minas Gerais

Professor Doutor Luiz Carlos Rigo
Universidade Federal de Pelotas

Professor Doutor Victor Andrade de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professor Doutor Tarcísio Mauro Vago
Universidade Federal de Minas Gerais

Professora Doutora Marilita Aparecida Arantes Rodrigues
Universidade Salgado de Oliveira

Dedico este trabalho a minha mãe Mirtes pelo amor incondicional. A ela devo tudo que sou.

Aos meus irmãos Kleber e Katy, com quem já partilhei tantas coisas boas.

À minha namorada Fernanda que com sua presença foi determinante para a realização deste trabalho.

À Vitória que nos momentos mais tensos convidou-me para brincar.

Ao meu pai, que foi embora tão cedo, deixando tantas saudades...

SUMÁRIO

Resumo.....7
Abstract.....8

APRESENTAÇÃO.....12

INTRODUÇÃO.....18

CAPÍTULO 1: Os habitantes de Belo Horizonte "como os maiores admiradores do esporte Bretão".....30

CAPÍTULO 2: O debate sobre o profissionalismo no futebol em Belo Horizonte.....59

CAPÍTULO 3: "O Supremo tribunal das encrencas *sportivas* que é a Liga Mineira" e os "sururus".....80

CAPÍTULO 4: A implantação do profissionalismo no futebol no campo esportivo em Belo Horizonte.....103

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....132

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....138

ANEXOS.....146

Resumo

Problematizei nessa pesquisa o movimento de afirmação do profissionalismo no futebol em Belo Horizonte. Nesse contexto, busquei compreender o futebol nas suas múltiplas expressões, nas décadas de 1920 e 1930. O grande envolvimento das pessoas com essa prática na capital mineira foi um dos pontos centrais identificados neste trabalho. Este esporte consolidou-se na cidade como uma das principais alternativas de divertimento.

Esforcei-me para compreender como era viver o futebol em Belo Horizonte, quais eram as representações presentes e como a afirmação do profissionalismo impactou as experiências dos diversos sujeitos envolvidos com esse jogo. As fontes encontradas não permitiram-me afirmar se existiu algum tipo de remuneração para os jogadores de futebol em Belo Horizonte antes de 1933, embora os envolvidos com essa modalidade fossem reconhecidos e aclamados no campo esportivo que constituiu-se na capital do estado de Minas Gerais.

O estudo apontou que o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930 deve ser compreendido a partir das suas particularidades, pois constatei que em Belo Horizonte houve um amadorismo bem diferente daquele vivenciado no Rio de Janeiro e em São Paulo, e um profissionalismo que não estava totalmente configurado nas décadas investigadas nessa pesquisa, embora a especulação sobre o êxodo de jogadores para as capitais que instituíram primeiramente o profissionalismo no futebol brasileiro tenha contribuído para o movimento, deflagrado por alguns clubes mineiros, para a proclamação do profissionalismo em Minas Gerais.

Acompanhando mais detidamente as tramas, que desencadearam conflitos na realidade belo-horizontina, identifiquei vários aspectos que impactaram as experiências dos envolvidos com o futebol na cidade, como: os sururus, as crônicas sobre o esporte, os debates sobre o profissionalismo, a liga mineira e diversos representantes dos clubes que exerceram influência nesse período.

ABSTRACT

On this research, I have questioned the strong assertion action in the professionalism of the football in Belo Horizonte. In this context, I have searched the comprehension on football in its multiple expressions in the 1920`s and 1930`s. The great involvement of the people upon this practice in Minas Gerais capital was one of the main purpose identified on this work. This sport was consolidated in the city as one of the main alternative of entertainment.

I have taken all efforts to understand what was it like to live with football in Belo Horizonte, and also which were the actual representations and how the strong assertion in the professionalism caused an effect on the experiences from several individuals involved to this game. The sources found haven`t allowed myself whether there was a sort of remuneration to the Footballers in Belo Horizonte before 1930, although the ones involved with this modality were recognized and acclaimed on sports fields which was set up in the capital of Minas Gerais.

This study aimed that football in Belo Horizonte in the 1920`s and 1930`s should be understood from its particularities since I have noticed that there was in Belo Horizonte an amateurism rather different from the ones already existed in Rio de Janeiro and Sao Paulo, and a professionalism which was not entirely featured on the decades explored on this research, whereas the speculation about the footballers exodus to the capital cities which established firstly the professionalism on Brazilian football has contributed to the action set off by some football teams from Minas Gerais in order to declare the professionalism in Minas Gerais.

Going along more carefully with swindles which brought conflicts on the reality of Belo Horizonte, I have identified many aspects which caused an impact on the experiences from the ones involved with the football in this city, such as : The Sururus, the chronicles about sport, the debates about professionalism, the league from Minas Gerais and several representative from the local football teams who exerted influence in this period.

Agradecimentos

Agradeço primeiro a Deus, por ter me concedido à vida, por ter me conduzido até aqui, e por ter me dado forças em todos os momentos, os bons e os difíceis.

A Andrea Moreno, com quem aprendi muito... agradeço imensamente pela acolhida carinhosa... pelas orientações sempre instigantes e que contribuíram tanto; por mostrar outras possibilidades para a pesquisa, por ter sabedoria para conduzir todo esse processo e pelas muitas sugestões. Meu reconhecimento eterno e minha amizade, por ter feito este caminho tão difícil ser mais suave e agradável. Assumo aqui a total responsabilidade pelas lacunas deste trabalho.

A minha mãe Mirtes, a Fernanda, a Vitória, a Katy e ao Kleber. Por tudo... e por compartilhar comigo tantas experiências inenarráveis...

A todos os integrantes do CEMEF - não vou arriscar citar nomes para não esquecer de ninguém... vocês foram fundamentais como grupo de pesquisa e também como colegas, amigos e pessoas a quem tenho o mais profundo respeito e admiração.

Aos professores Victor Andrade de Melo e Luiz Carlos Rigo que deram contribuições fundamentais para a qualificação do projeto, pois os pareceres foram muito importantes no desenvolvimento da pesquisa. Agradeço também por aceitarem prontamente participarem da banca examinadora da dissertação.

A professora Marilita Aparecida Arantes Rodrigues e ao professor Tarcísio Mauro Vago, que também aceitaram o convite para comporem a banca examinadora na condição de suplentes, e a quem eu muito admiro.

Aos Colegas do mestrado, “a turma que deu liga”, pelas aulas e pelo companheirismo na travessia.

Aos meus amigos Georgino Neto e Renato Machado que me ajudaram com algumas fontes.

Ao Professor Helder Ferreira Isayama e a Professora Christiane Luce Gomes, que me incentivaram desde a graduação a me enveredar na área de estudos do lazer.

Aos colegas do curso de Educação Física da Universidade Salgado de Oliveira. Em especial ao meu amigo e professor de inglês Alexandre.

A todos os (as) alunos(as), com quem aprendi tanto e continuo aprendendo na minha experiência como docente.

A todos os professores que contribuíram de alguma forma na minha trajetória escolar pelas escolas públicas por onde passei.

A todo povo brasileiro por ter me oportunizado estudar em ótimas escolas PÚBLICAS por toda a minha vida.

A família Caldeira. Em especial a tia Neide, ao tio Mauro, a tia Nilza, a tia Cristina, a tia Stela, ao tio Flávio (em memória), a tia Neuza, ao tio Arnaldo, a tia Lúcia e ao meu primo Fernando. Agradeço também a Sônia.

Ao Jonas e a Cristina. Ao Edgar e a Natália. E a María Eugenia.

Aos meus amigos de infância com quem compartilhei muitas experiências com o futebol e que de alguma forma fizeram parte desse trabalho.

“A harmonia secreta da desarmonia: quero não o que está feito mas o que tortuosamente ainda se faz. Minhas desequilibradas palavras são o luxo de meu silêncio. Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas – escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio.”

Clarice Lispector

APRESENTAÇÃO

Pelas principais ruas de Belo Horizonte era possível sentir um entusiasmo diferente nos dias de jogos de futebol, nas décadas de 1920 e 1930. Os deslocamentos aconteciam de muitas formas, e quase todos convergiam para um mesmo lugar. "Ao meio dia a multidão da torcida começou a movimentar-se[1]" e as pessoas aglomeravam-se quase sempre nos arredores dos campos de futebol.

"Automóveis cheios. Onnibus andando pesadamente. Subindo o morro, grandes grupos de gente apressada davam a idea de uma emigração penosa[2]". Acompanhando as crônicas nesse período, e atentando para a movimentação das pessoas pelas ruas, eram flagrantes as diversas formas de envolver-se com o esporte na capital mineira, contrariando uma visão expressa muitas vezes nos jornais, que atribuía ao habitante da jovem capital um estigma de ser apático e sem gosto pelas diversões.

Cenas que repetiam-se com regularidade desde que o futebol foi introduzido em Belo Horizonte como: "O domingo *sportivo* despovoou muito cedo o centro da cidade[3]". Esse esporte[4] demonstrou uma impressionante capacidade de transformar[5] a dinâmica da cidade a ponto do cronista afirmar que "Belo Horizonte ficou sendo o campo do Atlético[6]". Era ali naquele espaço que as pessoas passavam, sem pressa, horas e horas, e onde muitas pessoas tornavam-se mais próximas.

Mesmo quem não acompanhava o futebol nos estádios nesse momento não estava alheio ao entusiasmo por esse esporte que foi tomando conta das

[1] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 10 e 11 de Julho de 1929, p.12.
[2] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 10 e 11 de Julho de 1929, p.12.
[3] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 10 e 11 de Julho de 1929, p.12.
[4] Adoto a compreensão de Esporte de MELO (2001), para quem "O esporte será entendido como um campo relativamente autônomo, com uma lógica interna específica que não pode ser reduzida a explicações de caráter econômico e social".
[5] Ver o artigo MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. A contribuição do *Football* na transformação do espaço em lugar em Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX. XI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. Viçosa-MG, 2009.
[6] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 10 e 11 de Julho de 1929, p.12.

pessoas. Ao cronista[7] coube o papel de registrar com a sua sensibilidade a experiência dos habitantes da capital mineira com essa modalidade esportiva.

Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, numa crônica intitulada "Enquanto os mineiros jogavam[8]" relatou a sua perplexidade ao observar um grupo de torcedores que se aglomeravam na Avenida Afonso Pena e acompanhavam um jogo que acontecia no Rio de Janeiro.

> Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na Avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde; o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção. Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois de ter terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses. Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do *center-half* investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação. Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de visão, deixa-me frio e silencioso. Os meus patrícios, porém, rasgaram-se anteontem de gozo, imaginando os tiros de Nariz, e sentiram na espinha o frio clássico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se no joelho, deixara o combate.

[7] Para RIBEIRO, 2004, p.108, "O cronista mesmo quando dá toda vazão à sua memória afetiva, não deixa de ser um homem do seu tempo. Portanto a sua criação não possui uma total liberdade. Ela expressa uma leitura original e livre de sua experiência efetiva, individual e social". Movimento, Porto Alegre, v.10, n.3, p.108, Setembro/Dezembro de 2004. Para quem deseja compreender melhor o futebol brasileiro e a forma adotada pelos cronistas para traduzir esse esporte recomendo as crônicas sobre o futebol de RODRIGUES (1993) e RODRIGUES (2007); e de SALDANHA (1980).

[8] Crônica datada de 20-21/07/1931.

> Alguns pensaram em comprar iodo para o herói e outros gritavam para Carazzo que não chutasse fora. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado e declarou-me: o Sr. está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada. Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e entusiasmos; e fugi[9].

A capital de Minas Gerais, conectada ao que estava acontecendo em outras cidades brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, desenvolveu uma maneira bem peculiar de lidar com as demandas que o futebol exigiu. As informações dessas outras realidades chegavam pela imprensa, mas também através das pessoas que circulavam por outras cidades. A relação que as pessoas assumiram com o esporte em Belo Horizonte, e, sobretudo, as experiências a partir do futebol serão problematizadas no capítulo I deste trabalho, intitulado: Os habitantes de Belo Horizonte "como os maiores admiradores do esporte Bretão[10]".

Nesse capítulo problematizarei como o futebol era vivenciado como divertimento, mas também os interesses que começaram a surgir nesse esporte. Foi necessário um esforço para não naturalizar o que aconteceu em Belo Horizonte, e, principalmente, para não atrelar ingenuamente os acontecimentos na capital mineira com o movimento que ocorria no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Fui identificando, por exemplo, as particularidades do nosso amadorismo e o lento movimento em direção ao profissionalismo, em parte freado pela tradicional sociedade mineira, e, em parte, pelo debate que instituiu-se em torno dessa questão.

Outro aspecto importante no capítulo I será identificar a participação dos jogadores – como Mário de Castro, Jairo, Said, Brant, Nininho, Ninão e Piorra – que foram tantas vezes citados nos jornais, e construíram suas trajetórias pelos campos de futebol em Belo Horizonte, bem como, apresentar o envolvimento

[9] ANDRADE, 2002, p. 23 e 24.
[10] Arquivo Público Mineiro. Revista Bello Horizonte, 19 de Agosto de 1933, p.16.

dos torcedores – muitos deles anônimos – e, apaixonados por esse esporte, o que gerou uma crescente euforia das camadas populares com o futebol, fato este impulsionado pela proliferação de times pelos bairros periféricos da cidade.

Esse propósito desdobrou-se nas seguintes perguntas: Como era viver o futebol nesse momento em Belo Horizonte? Como as experiências dos jogadores, dos torcedores e dos demais envolvidos com o futebol foram impactadas pelo crescente debate sobre o profissionalismo nesse esporte? Quais as representações estavam presentes e foram mais fortes sobre os envolvidos com o futebol nas décadas priorizadas nesse estudo?

No capítulo 2, cujo título é: "O debate sobre o profissionalismo no futebol em Belo Horizonte" fui identificando diferentes opiniões que foram delineadas sobre o profissionalismo.

A ênfase deste capítulo estará direcionada para as representações sobre o futebol nesse momento de afirmação do profissionalismo em Belo Horizonte. A transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol deu-se em grande parte ancorada no debate sobre os rumos do futebol, que pode ser acompanhado nos jornais na capital do estado de Minas Gerais.

Como ressaltou CALDAS, com a implantação do profissionalismo nessa modalidade esportiva em nosso país temos talvez o mais importante marco na história do nosso futebol[11]. Só essa já seria, a meu ver, uma importante justificativa[12] para centrarmos nossas atenções nesse período ainda tão pouco investigado.[13].

---

[11] CALDAS, 1990, p.37.

[12] Segundo CARVALHAES, 1996, p.225, que reflete sobre as ações de determinados atores ligados diretamente à efetivação da prática institucional do futebol no país: "Para quem tem paixão pelo futebol e para quem entende que ele é um patrimônio cultural do país toda essa discussão é relevante. Se o orgulho e a identidade nacionais são fatores importantes para a construção de uma nação, nenhum outro elemento terá contribuído tanto para essa finalidade no Brasil quanto o velho esporte Bretão. O futebol é uma expressão da cultura popular, e é na alegria e no prazer que ele proporciona regularmente a milhões de Brasileiros que reside sua importância fundamental".

[13] CALDAS, Waldenyr. 1990, p.37. Para ele, "Os limites entre amadorismo e profissionalismo no futebol brasileiro sempre foram muito obscuros. Apesar de ter nascido amador, reconhecemos que esse período teve uma trajetória relativamente curta. Ainda em 1915, quando dava seus primeiros passos, nosso futebol apresenta talvez, o primeiro sintoma de que o amadorismo não iria muito longe. Jogadores de São Paulo e do Rio de Janeiro já recebiam nessa época, algum dinheiro para entrar em campo como forma de incentivo às vitórias."

Inspirado em Marc Bloch[14] e no seu "método regressivo[15]" foi possível perceber a relevância desse estudo[16], pois o profissionalismo concretizou-se e atingiu patamares inimagináveis[17].

SALLES[18] identificou que no Rio de Janeiro e em São Paulo

> os debates iniciais sobre o profissionalismo surgiram de forma ambígua, onde os dirigentes se dividiram entre interessados e contrários ao surgimento do regime profissional. Os discursos geravam argumentos moralizadores que alimentavam ambos os lados.

Em Belo Horizonte, no mesmo período, foi possível identificar posições divergentes e conflituosas, embora os indícios encontrados apontem que os desdobramentos e os impactos nas experiências das pessoas a partir do futebol em Minas Gerais tenham especificidades e diferenças substanciais quando comparados a outros estados.

Atento às particularidades locais, no capítulo 3, intitulado: "O Supremo tribunal das encrencas sportivas que é a Liga Mineira" e os "sururus", lancei meu

[14] BLOCH, 2001, p.10.

[15] Para SCHWARCZ, 2001, p.7-12, na apresentação à edição brasileira ao livro "Apologia da história ou o ofício de historiador" BLOCH inaugurou a noção de "história como problema" e o seu "método regressivo" constituiu-se em: temas do presente condicionam e delimitam o retorno, possível, ao passado.

[16]Segundo FREITAS (2004), muitas vezes, a subjetividade floresceu nas informações divulgadas sobre o futebol em Minas Gerais pela falta de obras de cunho científico- livros ou teses- que tratem da origem histórica dos times em Belo Horizonte. Existem informações sobre o futebol mineiro em sites dos clubes e da federação mineira. No entanto, essas fontes devem ser analisadas com cuidado, pois os seus idealizadores são torcedores dos clubes, e as informações, em muitos casos, são distorcidas de acordo com o interesse de quem as divulga.

[17] Na atualidade é possível ter contratos milionários envolvendo clubes, jogadores, empresários e grandes empresas de materiais esportivos. Apostas vultosas em seleções, times, jogadores, resultados das partidas, equipes rebaixadas em bolsas que ostentam cifras inimagináveis. Manipulação de resultados, malas brancas, assédios a jogadores e árbitros para forjarem resultados. Interesses econômicos, sociais e políticos que vão muito além do campo, do estádio ou da própria paixão que o futebol desperta nos amantes dessa prática. Sonhos (distantes) de ganhar muito dinheiro, de enriquecer jogando futebol e possibilitar uma vida luxuosa para os familiares. Sonho que consubstancia-se no ícone da casa própria, do carro importado e das belas mulheres que são atraídas pelo sucesso alcançado por jovens que conseguem ascender no esporte. Direito de imagem, luvas, contratos publicitários, jogar em grandes clubes europeus e na seleção nacional, assédio da imprensa, autógrafos, ser cultuado, entrevistado, aparecer na TV. Entretanto, uma reportagem da Folha de São Paulo de 1997, intitulada "Abismo econômico cria mundo de milionários e miseráveis" revela que 50,8% dos jogadores profissionais brasileiros inscritos na CBF em 1986 recebiam 1 salário mínimo. Folha de São Paulo – Especial – País do Futebol – 23 de Fevereiro de 1997. Esse paradoxo aponta que muitos jovens atletas que sonham em ser jogadores de futebol, para conseguirem altos rendimentos e uma vida luxuosa, são frustrados pelas contingências do Esporte.

[18] SALLES, 2004, p.123

olhar para as tramas que desencadearam conflitos na realidade belo-horizontina e que constituíram em sérios entraves a participação de alguns jogadores, alterando a forma como os mesmos relacionavam-se com o futebol. Sendo a liga mineira a instituição responsável por normatizar e gerir o futebol, a mesma, através dos seus integrantes, interferiu nos rumos dessa modalidade ao agir de forma abrupta e sem critérios claros.

Sem perder de vista o papel assumido pelas instituições que comandavam o futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo destacarei que a liga mineira não teve interferência significativa na passagem do amadorismo para o profissionalismo no futebol em Belo Horizonte.

No decorrer da pesquisa fui observando que muitos outros fatores tiveram importância crucial e decisiva, a ponto de alterar as experiências das pessoas com o futebol na cidade de Belo Horizonte. Assim sendo, no capítulo 4, cujo título é: “A implantação do profissionalismo no futebol em Belo Horizonte”, vou narrar o movimento empreendido em 1933 pela afirmação do profissionalismo na capital mineira. As estratégias e as astúcias dos dirigentes e dos jogadores serão destacadas neste capítulo. As declarações dos jogadores e dos dirigentes sobre o profissionalismo revelam os entraves à implantação do profissionalismo na cidade, bem como as visões moralistas e conservadoras assumidas pelos pertencentes a este campo esportivo.

INTRODUÇÃO

As minhas experiências relacionadas ao futebol revelam um tempo aonde ver, sentir, ouvir, tocar, cheirar, relacionar-se, descobrir, e muitos outros sentimentos eram novos, grandiosos ao mesmo tempo que singelos, únicos. Essas experiências traduziam-se em movimento na dialética relação com o mundo, no aprimoramento de diversas linguagens, na educação dos sentidos e na construção de representações estéticas.

O jogo era uma das manifestações culturais que possibilitava-me descobrir o mundo. O futebol já começava a transformar-se em paixão, em brincadeiras de bola, construídas e reconstruídas o dia todo. O esporte apresentava-se com seus códigos, sem que eu percebesse totalmente como isso processava-se.

Lembranças de uma outra época me fazem reviver o dia em que dei a primeira “volta olímpica”, ainda na tenra infância, com um grupo de crianças por volta dos cinco anos que não entendiam bem os preceitos do futebol e nem o que ele representava no imaginário coletivo. Corremos ao redor do quarteirão depois de uma final de um campeonato estadual de grande repercussão nacional gritando o nome do time vencedor. Não tínhamos nem assistido ao jogo, mas era uma grande brincadeira para nós.

Na Rua das Flores[19], onde fui morar com seis anos, esse esporte seduziu-me completamente. Seja praticando e brincando na rua, ou nos campinhos de terra batida perto de casa. O futebol teve uma importância muito grande na minha vida. Estreitava meu relacionamento com outras crianças e possibilitava-me momentos ímpares, que ficaram registrados na memória e nos sentidos, como o cheiro de terra no campinho, o sentimento de pertencimento ao brincar de futebol na rua e ao dar novos significados aos espaços disponíveis.

Construíamos o próprio campinho na casa do vizinho que cedia o espaço no quintal e, democraticamente, pegávamos todos na enxada para acertarmos o

[19] Rua Maestro Batista Lopes, denominada anteriormente como “Rua das Flores”, na cidade de São joão Del Rei onde nasci.

terreno irregular; fazíamos a marcação do gol com pedra ou pau; cortávamos sacos de serragem e confeccionávamos as redes. Já estávamos cansados quando tudo ficava pronto, e ainda íamos dividir os times e nos divertirmos com o pé no chão, correndo atrás de uma bola, que nem sempre era das melhores. Ao me inserir nesse universo experimentava, também, sensações de frustração, por não conseguir jogar com os garotos mais velhos, por não compreender as regras e por não ter ainda um desempenho compatível com o dos outros colegas.

Alguns espaços para a realização do jogo e da brincadeira contrariavam todos os padrões de um campo de futebol. Um desses campinhos era totalmente íngreme, um declive bem acentuado e sem traves. Outras vezes, improvisávamos, com um esforço tremendo e com a ajuda de todos, traves de bambu, que rapidamente sucumbiam diante nosso furor e empolgação, que fazia a nossa alegria e despertava nossa imaginação.

Seria impossível descrever com exatidão todas as experiências que tive com o futebol. Como descrever a sensação de jogar futebol na chuva, sentir a água gelada tocando o rosto e o pé afundando na lama, a bola rolando com dificuldade e parando na poça d'água, como se estivesse a espera de alguém para chutá-la, o gol e a comemoração.

A partir das muitas experiências com o futebol que a vida foi me possibilitando, quando chegou a época de escolher uma profissão, resolvi fazer Educação Física para trabalhar com o esporte. Tive algumas experiências como professor de futebol em algumas escolas e clubes da cidade.

Na graduação fui aproximando-me da área de estudos do lazer. Já no segundo semestre do curso de Educação Física integrei-me ao Centro de Estudos do Lazer e Recreação (CELAR) da UFMG. Como bolsista de iniciação científica comecei a pesquisar a relação lazer e trabalho.

Comecei a investigar como as pessoas vivenciavam o seu tempo disponível para o lazer e quais os fatores influenciavam nas escolhas individuais. Pesquisei os autores clássicos que investigaram o trabalho, o lazer e a inter-

relação entre essas esferas da vida humana e, ainda, o lazer de profissionais e de estudiosos do lazer no Brasil.

Decidi que queria estudar o futebol quando deparei-me com a obra de Carlos Drummond de Andrade[20] e escrevi um artigo intitulado “Reencontrando a arte do futebol na obra de Carlos Drummond de Andrade”[21].

Ao decidir fazer o mestrado sabia que queria pesquisar o futebol em Belo Horizonte nas décadas iniciais do século XX. Contudo, o meu problema de pesquisa foi delineando-se quando efetivamente comecei a ter contato com a produção historiográfica sobre o futebol na cidade, com a minha imersão nos arquivos e a descoberta das fontes.

É interessante perceber que, de alguma forma, voltei a discutir o que as pessoas fazem no seu tempo disponível para se divertir e como a sociedade constrói representações, estereótipos e rótulos sobre as práticas de diversão e sobre os sujeitos, numa sociedade que supervaloriza o trabalho, a diversão acaba ficando relegada, para alguns, a um segundo plano, enquanto outros teimam em resistir e a consideram como uma parte importante das suas vidas.

Ao acessar o debate sobre o profissionalismo no futebol em Belo Horizonte nas crônicas - nos jornais e revistas - e com a possibilidade dessa prática tornar-se uma profissão, fui aos poucos identificando noções, conceitos e categorias que ajudavam-me a compreender o objeto de pesquisa.

[20] ANDRADE, 2002. “*Quando é dia de Futebol*”, coletânea de textos, crônicas e poesias de Carlos Drummond de Andrade.
[21]MOURA, 2004. “*Reencontrando a arte do futebol na obra de Carlos Drummond de Andrade*”, MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. CD Room do V Seminário O Lazer em debate.

OS CAMINHOS, OS ATALHOS E OS DESCAMINHOS DA PESQUISA

O propósito central deste trabalho é compreender quais os sentidos e significados que as pessoas atribuíam ao futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930. Para isso foi necessário refletir sobre a afirmação do profissionalismo, quais os impactos esse debate acarretou nas experiências dos jogadores e se existia alguma relação semiprofissional[22] no futebol em Belo Horizonte.

Ao assumir como propósito a tentativa de compreender o processo de (re) significação e transformação do esporte na cidade busquei ampliar minha sensibilidade, aflorar o meu imaginário e captar a experiência de muitos sujeitos num outro tempo acessando o que deles ficou registrado e persistiu no tempo. Procurei também compreender quais foram os impactos nas experiências dos envolvidos com o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930.

Ao enfrentar a operação historiográfica procurei captar e narrar os acontecimentos a partir das fontes e dos indícios "garimpados" nos arquivos, com o entendimento de que muitas outras tramas podem e devem ser pensadas e narradas sobre esse tema, por ser um período muito importante e ainda não investigado[23].

Penso que é de suma importância problematizar os períodos e as fontes na tentativa de compreender as experiências dos sujeitos num outro tempo. Esse desafio que nos mobiliza na narrativa, para a construção da trama inteligível que sustentará a história, faz da subjetividade de quem pergunta, no presente sobre o passado, um exercício de desvelar o que se passou e uma tentativa de deslocamento parcial do pesquisador, comprometido com os fatos e com a representação que as fontes nos trazem. Só assim, vislumbro uma possibilidade de fugir do anacronismo.

---

[22] RIGO, 2003, p.154, afirma que em Pelotas muitos jogadores passaram a "viver da bola" e tornaram-se andarilhos pelas condições de atletas semiprofissionais que os mesmos assumiram nos anos 30 e 40. Meu desafio foi tentar captar nas condições vislumbradas nas fontes, nos jornais e revistas em Belo Horizonte, vestígios que apontem se os envolvidos com o futebol recebiam dinheiro ou vantagens para jogar nesse período na capital mineira.

[23] Levando em consideração que não encontrei nenhuma pesquisa sobre o futebol em Belo Horizonte que tivesse por objetivo investigar essa prática nas décadas de 1920 e 1930.

Nesse sentido, os capítulos foram estruturados a partir dos fatores sugeridos pelas fontes que mais impactaram as experiências dos diversos sujeitos envolvidos com o futebol no período mencionado acima.

Escrever sobre a experiência de sujeitos num outro tempo é escrever sobre sonhos, sobre circunstâncias de vidas, sobre emoções e sensibilidades. Sobre a necessidade de me colocar na condição do outro e de entender o conceito de alteridade, reconhecendo o outro num outro tempo, de identificar as diferenças que constituem as muitas experiências que são vislumbradas nas matérias e crônicas encontradas nos jornais e revistas como elementos para compor a trama e responder às perguntas e problematizações.

Para GOELLNER "o fazer metodológico na pesquisa histórica deriva tanto do problema como também da perspectiva teórica que ilumina o olhar do(a) pesquisador(a)". E dessa forma é fundamental para o pesquisador "conjugar textos, ampliar fontes, interpretar silêncios, ler o não-escrito, investigar... molhar-se no tempo estudado, evitar os anacronismos, observar a linguagem, estar atento à imprevisibilidade, desconfiar do óbvio, articular hipóteses, evocar interpretações, garimpar palavras, expor idéias, dizer sobre e, também, dizer-se[24]".

Busquei inspirar-me nas fotografias[25], textos e crônicas da época quando na solidão da escrita tentava me reconhecer, ou reconhecer nas minhas experiências tão afetuosas com o futebol, estabelecendo algumas analogias com as experiências dos torcedores ou dos jogadores dos times de periferia que

[24] GOELLNER, 2007, p.23.

[25] De acordo com BURKE, 2004, p. 18, "É desnecessário dizer que o uso do testemunho de imagens levanta muitos problemas incômodos. Imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho. Elas podem ter sido criadas para comunicar uma mensagem própria, mas historiadores não raramente ignoram essa mensagem a fim de ler as pinturas nas "entrelinhas" e aprender algo que os artistas desconheciam estar ensinando. Há perigos evidentes nesse procedimento, para utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário, como no caso de outros tipos de fonte, estar consciente das suas fragilidades. A "crítica da fonte" de documentos escritos há muito tempo tornou-se uma parte essencial da qualificação dos historiadores. Em comparação, a crítica de evidência visual permanece pouco desenvolvida, embora o testemunho de imagens, como o dos textos, suscite problemas de contexto, função, retórica, recordação (se exercita pouco, ou muito, tempo depois do acontecimento), testemunho de segunda mão, etc. Daí porque certas imagens oferecem mais evidência confiável do que outras".

começaram a ser formados em Belo Horizonte[26]. Iniciei um esforço em não diferenciar “grandes” e “pequenos” acontecimentos, grandes e pequenos feitos, e a não fazer distinção entre os jogadores que conquistaram notoriedade no futebol e aqueles que não atingiram tal patamar, nem mesmo entre os torcedores e os jogadores menos afeitos à prática do esporte, ou as pessoas que se envolviam pouco com o futebol.

Assim sendo, coloco-me no lugar das personagens que elegi nesta pesquisa para compreender a experiência com o futebol, mas também a vida dessas pessoas em Belo Horizonte. Uma cidade ainda muito jovem, nas décadas de 1920 e 1930, mas que estava sendo ocupada, descoberta, partilhada. Cidade que começava a mostrar-se para os seus habitantes na medida em que o espaço ia sendo transformado e novas construções proliferavam a cada dia.

As pessoas, que vieram de outros lugares, iam paulatinamente construindo suas relações afetivas, criando laços de amizade, assumindo suas diversões, seus conflitos, seus anseios e desejos, e assim foram tecendo vínculos complexos, por vezes antagônicos e controversos, em outros momentos sutis e tácitos, ou mais condescendentes, cordiais e simples, como toda relação entre seres humanos.

Percebi, a partir do trabalho com as fontes, que os conceitos[27] de representação, de Roger CHARTIER[28], de experiência, de Walter BENJAMIN[29], e a noção de campo, de BOURDIEU[30], ajudavam-me a problematizar o período

[26] Guardadas as diferenças temporais e as devidas particularidades espaciais ou geográficas.

[27] Os autores que dialogaram comigo neste trabalho foram extremamente importantes. Não quis em momento algum utilizar seus conceitos, noções e categorias de forma funcionalista, ou como meras referências bibliográficas. Convidei-os a entrar no texto pela importância que tiveram nesse percurso para que eu pudesse olhar as fontes com mais clareza, menos prepotência para não julgar, menos preconceitos... aprendizagem que valeu para toda a vida e que foi fundamental em toda a escrita deste trabalho.

[28] CHARTIER, 1988, p. 82.

[29] BENJAMIN, 1994. Inspirei-me sobretudo nas teses “Sobre o conceito de história”, p. 222-232; e no texto “Experiência e pobreza”, p. 114-119. Devo também ressaltar a importância da disciplina “Corpo, cidade e educação: itinerários com Walter Benjamin”, ministrada pela professora Andrea Moreno e pelo professor Tarcísio Mauro Vago, na Faculdade de Educação da UFMG, no segundo semestre de 2008.

[30] BOURDIEU, 1983, p.136-153.

pesquisado, as fontes investigadas e as tramas que foram constituindo-se na narrativa.

Segundo BOURDIEU “é importante saber a partir de que momento (não se trata de uma data precisa) se pode falar em esporte, isto é, a partir de quando se constituiu um campo de concorrência no interior do qual o esporte apareceu definido como prática específica, irredutível a um simples jogo ritual ou ao divertimento festivo”.

Para DAMO[31], o conceito de campo pode ser visto da seguinte forma:

> A noção de campo, importada de Bourdieu, serve como guia de leitura, de revisão de literatura, e sobretudo, como uma bússola que, se não diz exatamente o caminho a ser trilhado pela exegese, ao menos oferece indícios de fronteiras, trilhas convencionais e/ou inexploradas, encruzilhadas e assim por diante. Este conceito ajuda a compreender a floresta estando no meio dela, sem se perder. Trata-se não apenas de um ponto de partida, mas também de um pressuposto imanente ao método: há um todo (campo) no interior do qual – e tão somente sob tal condição – as partes (agentes) são o que são; pensam, criam, oferecem resistência, produzem/ reproduzem, etc. O agente, seja ele pesquisador ou pesquisado, é produto e produtor do (campo) social.

Desse modo RIBEIRO[32] utilizando o conceito de campo conseguiu identificar em 1922 a consolidação do Futebol em Belo Horizonte, como expresso abaixo:

> No ano seguinte, as arquibancadas do stadium americano já estavam assentadas. Ainda naquela década, primeiro o Palestra e depois o Athletico implementariam melhoramentos semelhantes nos seus campos. Com isso, o futebol dava mostras de ter não só

[31] DAMO, 2003, p.133-134.
[32] RIBEIRO, 2007, p. 95.

> se consolidado em Belo Horizonte, como assumido posição de liderança no movimento esportivo da cidade. A partir das realizações desenvolvidas pelos entusiastas da modalidade, criaram-se diversos elementos constituintes de uma esfera do mundo social que formulava seus valores e instituições específicas. p. 95.

Sendo assim, acredito que é possível identificar em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930 "instituições e agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos" como apontou BOURDIEU[33]. A imprensa começou a fazer o seu papel de promotora dos jogos e de formadora de opinião, a assistência ou torcida consumia o esporte das mais diferentes formas e divertia-se com o futebol.

Posso identificar também nas condições que para BOURDIEU[34] configuram um campo esportivo, "os agrupamentos esportivos públicos ou privados que têm como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas" como foi o caso da liga mineira, e "até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrumentos, treinadores, médicos especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos dos campeões ou loterias esportivas)".

Para Jorge Larrosa Bondía "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca[35]". A tentativa de compreender o que se passou, o que aconteceu e o que tocou os homens[36] e as mulheres constituiu-se como um manancial de descobertas que ajudaram-me a compreender um pouco mais esse momento de entusiasmo e de rupturas no futebol na cidade de Belo Horizonte.

---

[33] BOURDIEU, 1983, p. 137.
[34] BOURDIEU, 1983, p. 137.
[35] BONDÍA, 2002, p.21.
[36] Para BLOCH (2001), a história seria a "ciência dos homens, ou melhor dos homens no tempo".

Para CHARTIER, dentro das possíveis acepções, “a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é[37]”. Na consolidação do futebol pelo mundo, e mais especificamente no Brasil, os símbolos, os códigos e as imagens que foram construídas em torno do esporte, das equipes e dos jogadores funcionam como uma representação dos mesmos.

O desafio, no entanto, para CHARTIER é: “como que uma configuração narrativa pode corresponder a uma refiguração da própria experiência”. Desafio imposto para a história cultural, e para todos os que assumem os riscos de tentar captar as experiências de um outro tempo, e traduzi-las para o papel na sua versão, que o pesquisador supõe ser a “verídica”, ou a verdade do historiador.

Segundo CHARTIER, “É demasiado simples a oposição que pretende pôr, em contraste as explicações sem relato e os relatos sem explicações: a compreensão histórica no e pelo próprio relato, pelos seus ordenamentos e pelas suas composições[38]”. Nesse sentido, os argumentos utilizados pelo autor, na passagem acima, não isenta o pesquisador de tentar interpretar as fontes e extrair das mesmas as tramas que permitem a reconstrução de versões das realidades que os produziram.

O encontro com as fontes possibilitou-me reconstruir uma representação do futebol nesse momento em que ela apresentava-se arraigada e em processo de sedimentação e acomodação para mim.

A intensificação da problematização fez-me abrir novas trilhas e caminhos para pesquisa que encontravam-se até aquele momento na obscuridade do óbvio.

A cada fonte acessada fui desvelando diversas experiências, o que propiciou-me um olhar para a cidade de estranhamento, mas também de

[37] CHARTIER, 1988, p. 82.
[38] CHARTIER, 1988, p. 82.

descoberta e encantamento. Encontrei-me com personagens[39], com bairros, com ruas[40], com parques[41] e com cidades do interior de Minas. Fui deparando-me com as matérias e crônicas sobre o futebol nos jornais e revistas.

Para constituir as fontes interessou-me diretamente todos os aspectos relacionados ao futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930, o debate sobre o profissionalismo, a diversão a partir do futebol e os conflitos e as brigas, que aparecem nas fontes como os sururus[42].

Os arquivos visitados foram: o Arquivo da Cidade de Belo Horizonte, a Hemeroteca Pública, o Arquivo Público Mineiro, o Centro de Referência Audiovisual de Belo Horizonte (CRAV), o Museu Histórico Abílio Barreto e o Arquivo da Impressa Oficial.

No Arquivo da Imprensa Oficial tive contato com o que viria a se constituir como as minhas principais fontes de pesquisa: o Jornal Minas Geraes. Pesquisei o Minas Geraes[43] de 1926 à 1937, período de transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol.

No Arquivo Público Mineiro acessei a Revista Bello Horizonte de 1933 à 1941. Essa revista foi de extrema importância para o ajuste do foco nessa investigação. Destinada à elite da capital mineira a revista trazia muitas crônicas que me fizeram aguçar a imaginação e tentar compreender a experiência dos sujeitos envolvidos com o futebol naquele momento na capital mineira.

Através da Coleção Linhares[44] pude pesquisar jornais cujos títulos e os conteúdos evidenciaram a importância que o esporte e mais especificamente o futebol foram adquirindo em Belo Horizonte. Jornais como: Diário Esportivo,

---

[39] BORGES, Brasil. Seu Horizontino e Belo: miudezas de uma vida comum. Taurus Editora. Belo Horizonte, 1996.

[40] SALLES, José Bento Teixeira de. Rua da Bahia. Belo Horizonte. Conceito Editorial, 2005. 87 p. (BH a cidade de cada um; 3).

[41] GUIMARÃES, Ronaldo. Parque Municipal. – Belo Horizonte: Conceito Editorial, 2005. 80 p. – (BH a cidade de cada um; 5).

[42] De acordo com as fontes os sururus são as brigas, os conflitos, as confusões que aconteciam nos campos de futebol.

[43] O jornal Minas Geraes, órgão oficial do estado, tem a sua publicação diariamente. Nos doze anos pesquisados tive acesso a mais de 3500 exemplares.

[44] A Coleção Linhares é um conjunto de publicações periódicas que circularam em Belo Horizonte. Reunidas e descritas em forma de catálogo por Joaquim Nabuco Linhares, entre o final do século XIX, até o seu falecimento, em 1956. Esta coleção pode ser acessada em parte pela internet (até os títulos que começam com a letra H), e está depositada na Biblioteca Central da UFMG, no campus dessa universidade.

Esporte em Minas, O Esporte, Folha de Minas Esportiva, Folha Esportiva (1º.), Folha Esportiva (2º.), O *Foot-Ball*, *Footing*, Gazeta Esportiva, *Goal*, dentre outros que embora não trouxessem no título uma associação direta com o esporte ou com as diversões possuíam em suas páginas seções destinadas aos esportes, tais como os jornais: Diário da Manhã, Diário da Tarde, Diário de Minas, Diário Mineiro, Diário de Notícias, A Epocha, O Estado de Minas, Folha de Minas, Folha da Tarde , Folha da Noite, dentre outros.

No Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte deparei-me com muitas fotografias sobre o futebol nas revistas. Selecionei os títulos pelo período, ou seja, concentrei a busca nas revistas da década de 1920 e 1930. Os títulos pesquisados foram: revista Semana Ilustrada[45], Belo Horizonte[46] e Metrópole Mineira[47].

Consultei livros[48], teses[49] e dissertações[50] relacionadas à história do futebol no Brasil e em Belo Horizonte, como: O Negro no Futebol Brasileiro, de Mário Filho, e Footballmania, de Leonardo Pereira; dissertações e teses sobre o Futebol em Belo Horizonte, como as de COUTO, RIBEIRO e RODRIGUES.

Na dissertação de COUTO, intitulada "Belo Horizonte e futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)[51]", o autor buscou aprofundar a compreensão sobre o futebol como um importante fenômeno para a vida social belo-horizontina no início do século XX. Nesse sentido, essa dissertação contribuiu muito para o presente trabalho, pois forneceu-me elementos para pensar a constituição dos times de futebol na cidade, as identidades coletivas e a integração social, como explicitou o autor.

[45] Encontrei fotos sobre futebol em Belo Horizonte nas edições:Anno I, Num 34, de 21 de Janeiro de 1928; Anno I, Num 35, de 28 de Janeiro de 1928; Anno I, NS 44 – 45, de 14 de Abril de 1928.
[46] Encontrei fotos sobre o futebol em Belo Horizonte na edição Anno I, Num I, de Março de 1932.
[47] Encontrei fotos sobre o futebol em Belo Horizonte na edição Anno I, Num. 111, de Setembro de 1931.
[48] Para uma melhor compreensão do futebol brasileiro consultar os livros de CUNHA (2000); HELAL (1997); FRANCO JÚNIOR (2007); LUCENA (2001); SANTOS NETO (2002); SANTOS (1981); e SILVA (2006).
[49] Destacam-se os trabalhos de HOLLANDA (2008) e FARIA (2008).
[50] Veja os trabalhos de BOTÊLHO (2005); ANDRADE (2006); RIBEIRO (2005); e GUTERMAN (2006).
[51] COUTO, 2003.

A tese de MARILITA RODRIGUES[52], “Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)”, embora não tenha como objeto central de pesquisa o futebol, possui alguns capítulos onde essa modalidade esportiva aparece como elemento principal da investigação. O trabalho teve como um dos objetivos analisar o esporte como forma de lazer em Belo Horizonte e sua relação na construção da cultura urbana. Ajudou-me, sobremaneira, a compreender a realidade belo-horizontina nesse outro tempo que vai do início do planejamento e construção da cidade aos esforços pelo desenvolvimento e pela modernização.

Outra pesquisa de suma importância foi a de RIBEIRO, intitulada “A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)[53]”. O autor defende a idéia que o futebol foi a primeira modalidade atlética a se estabelecer em Belo Horizonte e que se constituiu um campo esportivo na cidade a partir dessa prática sociocultural.

Dessa forma, com todos esses cuidados, tentei contribuir, e não julgar se o que as pessoas fizeram estava “certo” ou “errado”. Como NUNES,

> Acredito que assumir a história como condutora da reflexão é antes de mais nada tomar partido. É assumir as questões do esporte, lazer e educação física como compromisso social e, neste sentido, a compreensão da realidade é fundamental para sua transformação. Afinal, o passado interessa, hoje, pela sua permanência no mundo atual. A contribuição que a história pode trazer para a explicação da realidade em que vivemos faz com que o historiador parta do presente para o passado, sabendo-se situado no futuro do passado que estuda. Este retrocesso é necessário para que ele demonstre não o que aconteceu, mas como a trama do que aconteceu foi tramada[54].

Com tudo isso... vamos às tramas...

[52] RODRIGUES, 2006.
[53] RIBEIRO, 2007.
[54] NUNES, 1996, p. 19.

CAPÍTULO 1

Os habitantes de Belo Horizonte "como os maiores admiradores do esporte Bretão".

Desde que o futebol foi se constituindo como uma das principais possibilidades de diversão do povo de Belo Horizonte[55] várias opiniões sobre esse esporte começaram a ser emitidas e a conviver. Alguns viam com naturalidade o fato de "todas as vistas se voltarem primeiro para o *football*", mesmo que em detrimento de outras modalidades esportivas que buscavam se organizar. Outros não queriam problematizar os motivos que levavam o futebol[56] a ter tanta aceitação a ponto de conseguir alterar a dinâmica da cidade e de ser o "único pensamento dos nossos *sportmen*[57]". Esse processo intensificou-se na década de 1920 e promoveu um amplo debate nos jornais e revistas[58].

Paulatinamente, a cidade caracterizada pelo cronista como "pobre de diversões[59]" ou como "cidade do tédio[60]" também passou por transformações, pois as pessoas foram aos poucos ocupando a capital planejada e percebendo

[55] Belo Horizonte foi construída e planejada para ser a nova capital de Minas Gerais. Em 1894, foi nomeada uma comissão de técnicos para a sua construção e a inauguração da cidade ocorreu em 1897, a frente do projeto estava Araão Reis. O projeto para a cidade de Belo Horizonte idealizava uma ruptura com o passado político, econômico e, sobretudo, arquitetônico de Ouro Preto.

[56] Segundo a historiografia o primeiro time a surgir em Belo foi o *Sport Club Football*, em 10 de Julho de 1904, fundado por Victor Serpa e seus amigos que eram filhos de acadêmicos, de grandes comerciantes e de altos funcionários do estado. Depois de pouco tempo foram fundados mais dois clubes: o Plínio F. C, composto em sua maioria por estudantes de direito e o *Club* Athletico Mineiro (não sendo este o que deu origem ao atual Clube Atlético Mineiro) formado por alunos do Ginásio Mineiro. O *Sport Club* se dividiu em dois times, o Vespúcio e o Colombo. O Athletico também se dividiu e formou uma equipe com o mesmo nome e outra denominada "Mineiro". Assim, fundou-se a primeira liga de futebol de Belo Horizonte, composta por 3 clubes e cinco times e foi organizado o primeiro campeonato ainda em 1904. O primeiro campeonato não foi concluído, devido as fortes chuvas que atingiram a capital mineira no final de 1904 e o período de férias escolares. Para maiores informações consultar COUTO (2003), RIBEIRO (2007) ou RODRIGUES (2006).

[57] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Domingo, 23 de Março de 1930.

[58] O trabalho de Meily Assbú LINHALES (2006), intitulado "A escola, o esporte e a energização do caráter: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935)" traz no capítulo 2 interessantes indícios do debate sobre o esporte na década de 1920 com o pensamento de Fernando de Azevedo, Graciliano Ramos, Carlos Sussekind de Mendonça, Deputado Jorge de Moraes e Mario de Andrade. Alguns desses intelectuais fizeram referência ao futebol.

[59] Arquivo Público Mineiro. Revista Bello Horizonte, 9 de Novembro de 1933. A crônica encontra-se na íntegra em anexo na página 145 deste trabalho.

[60] Idem ao anterior.

suas nuances, suas possibilidades e suas singularidades. Segundo Ana Fani Alessandri Carlos (2001) “Cada lugar, embora ligado a uma totalidade que se autoconstrói ao longo da história, tem sua especificidade relacionada ao entrecruzamento dos tempos diferenciados[61]”.

Nesse “Belo Horizonte belo[62]”, as ambigüidades perduravam e o esporte embora saudado por alguns como uma prática moderna estava associado pelos representantes dos setores mais conservadores da sociedade como “a causa de deformações physicas e, não raro, moral dos nossos jogadores[63]”.

A tradicional sociedade mineira[64], embora relutasse por aceitar o futebol, foi aos poucos se rendendo aos encantos que esse fenômeno de popularidade, entusiasmo e paixão estimulavam.

Paralelamente aos percalços e às polêmicas em torno do futebol, e/ou sendo estimulado pelo mesmo, muitas pessoas passaram a freqüentar os estádios para assistir os jogos. No calor da disputa, a animação dos presentes e a identificação com as equipes, com os jogadores e com o que os mesmos representavam foram atingindo patamares muito elevados. Alguns observadores nesse momento afirmavam que “O bellorizontino, esportivo por excellencia, vibra sempre com as boas partidas de *football*. Podemos qualificar os habitantes desta terra como os maiores admiradores do esporte Bretão[65]”.

[61] CARLOS, A. F. A. Espaço- tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto,2001, p. 46.
[62] NAVA, 1983, p.19. Expressão de Pedro Nava utilizada como título de capítulo do seu livro “O Círio Perfeito” - Memórias VI.
[63] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Domingo, 23 de Março de 1930.
[64] Esse é um indício apresentado por Tarcísio Mauro Vago (1999, p.127-128) na sua tese “Cultura escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1897-1920)”. O autor ao discorrer sobre o “Recreio: tempo e lugar de disputas” na escola revelou como as diretoras das escolas foram contrárias ao futebol por ser uma prática que vinha da rua, “representada como lugar pernicioso para as crianças”. As resistências ao futebol, como uma prática já então popularizada, demonstram que essa modalidade esportiva “não teria lugar na escola racionalizada e disciplinada que se pretendia formadora de novos cidadãos” (1999, p.129).
[65] Arquivo Público Mineiro. Revista Bello Horizonte, 19 de Agosto de 1933, p.16.

Antonio Falci (no centro de terno claro) recebe Antônio Carlos (de chapéu à sua direita), presidente do estado, no Barro Preto, 1929

Fonte: SANTANA, 2003, p. 45.

Acervo Renato Falci (reproduções Célio Apolinário).

Algumas formas de diversão, como o cinema, começaram a ser substituídas pelo futebol ou dividiam o interesse dos moradores da cidade.

> As matinées ficaram vazias. E as moças foram ver o jogo do América com o Athletico. Á noite, a Avenida já havia soffrido a influencia dos grandes acontecimentos de domingo. O footing era francamente americano, isto é, feito por grande número de torcedoras do América. **O *football* está dominando a cidade inteira. Por isto, todos os factos locaes vivem mais ou menos na dependência da Liga Mineira. Si o Athletico bate, a Avenida Affonso Penna enche-se de moças. Si o Athletico apanha, as torcedoras não fazem o *footing*. Então, o domingo muda de physionomia. Outras caras. Outros sorrisos. Outras mulheres e outros homens.** Depois do *footing* athleticano e do *footing* palestrino, tivemos hontem o *footing* americano. Porque ante-hontem foi o dia do América. O América ficou inteiramente por cima, vencendo os dois *teams* do Athletico. Em conseqüência disto, muitas famílias viram os projectos imprevisivelmente alterados. Para os athleticanos, a cidade não teve ante-hontem nenhuma diversão agradável. Elles evitaram as reuniões e todas as outras opportunidades de encontrar o adversário. Em compensação, as maiores regalias foram para as meninas do América. As americanas fizeram o *footing*. Encheram o baile. Encheriam também o theatro, si houvesse espectaculo. Na avenida appareceram outros bacharéis, outros médicos e outros engenheiros. Em Bello Horizonte a freqüência das casas de diversão depende dos jogos de *football*. Quando o Athletico vence – disse-nos o porteiro do cinema – há uma enchente aqui. Gente que não acaba mais. A derrota do Athletico reteve muitas pessoas em casa. E os americanos todos sahiram para expandir-se na rua. Conversaram, riram e tomaram posse da Avenida. Outra victoria que concorreu para fazer alvoroço na cidade foi a do Fluminense do bairro da lagoinha. **O Fluminense bateu no Guarany. E os rapazes ficaram tão alegres que sentiram a**

> **necessidade de percorrer a cidade inteira. Para isto, alugaram um bonde especial, exactamente como as alumnas do Colégio Santa Maria**[66]. (grifos meus)

De acordo com CARLOS "A produção espacial realiza-se na articulação de vários planos da realidade: no plano da vida cotidiana, aparece nos modos de apropriação, utilização e ocupação de determinado lugar, em um momento específico, revelando-se pelo uso[67]". As pessoas, nos dias de jogos dos seus times, construíam ou re-significavam os costumes, os limites e as convenções sociais. Assim, os habitantes da cidade inventavam novas formas de ocupação da mesma, de relacionamentos com os outros e de usufruírem dos espaços públicos. Uma "dose" de permissividade também podia ser evidenciada nos momentos de comemoração dos torcedores. Coisas que as pessoas não fariam no dia-dia passaram a ser possíveis nos arredores dos campos de futebol e nas horas de celebração das vitórias.

O grande envolvimento das pessoas, com essa prática em Belo Horizonte, possibilitou na década de 1930 uma expansão ainda maior do futebol pela cidade. Se antes o esporte estava circunscrito à elite da capital mineira há indícios que nos revelam que mais jogadores das áreas menos valorizadas da cidade passaram a praticar o futebol.

> **O *football* em Belo-Horizonte já se infiltrou inegavelmente em todas as camadas sociais.** Nos *stadiums*, ao ensejo de partidas, não se nota apenas essa ou aquela determinada classe. Os jogos são assistidos por todos: o magistrado circumspecto e o propagandista bisbilhoteiro. **Se antigamente era extraordinário a presença do elemento feminino, hoje os campos de *football* tornaram-se um ponto elegante, onde as *toilletes* se exibem para o desfile do luxo e da vaidade. O *football* é sem duvida o esporte favorito**[68]. (grifos meus)

[66]Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes - Segunda e Terça-feira, 1 e 2 de Junho de 1931, p.11.
[67] CARLOS, 2001, p. 49.
[68]Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Sabbado, 1 de Agosto de 1931, p.10.

É importante destacar a presença das mulheres nos jogos, pois em diversos momentos elas foram citadas pelos cronistas. Em alguns momentos pude perceber nos jornais que os cronistas tiravam o foco dos jogos para comentarem sobre a aparência das mulheres que estavam nos estádios. A "beleza" de algumas delas passou também a compor as crônicas nesse período.

> Uma invasão na archibancada de sócios. No meio das meninas bonitas do Athletico apparecem umas creaturas que são exactamente as caras que a gente vê aos domingos na missa das 5 horas. O dr. Jayme Mattos pede uma providencia ao Fabio Brant. Mas o Fabio não pode impedir que as meninas do segundo *team* também compareçam. E tem para elas esta defesa boa, imitando Julio Dantas: - Meu amigo, as feias é que sabem torcer. O mal aggravava-se. Pouco depois chegou um rapaz com a namorada. Elle não cumprimentou ninguém. Parecia um sujeito muito importante e compenetrado, dirigindo um Ford antigo. Quando elle se installou na archibancada, rindo para a moça, que não era a mais bonita que nós conhecemos, o dr J. Octaviano Neves disse aos amigos: - A gente vê cada uma nos campos de *Football*... Olhem aquelle rapaz alli, com aquella menina feia. Vive alegre. Naturalmente está até convencido de que tem namorada... Quando entrou uma mulher exquisita, com um vestido pardo, o dr. Hernani Negrão, que é louco por passarinho, foi apontando: - Olhem. Aquella, alli... Parece muito com a fêmea do Pardal. – Esta sim – dizia o professor Aníbal Mattos, vendo entrar a moça de nariz grande – esta impressiona a gente. É um bello typo de mulher feia. Nas outras archibancadas havia também muita gente: até a viúva do hotel. A viúva é mesmo do hotel. Por isto, os hospedes passeiam com ella todos os dias[69].

A presença feminina nos estádios nesse período pode ser considerada como um indicativo da afirmação paulatina do futebol como uma possibilidade

[69] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 9 e 10 de Março de 1931, p.11.

de diversão, e embora não estivesse isento de críticas foi, aos poucos, sendo apreciado por um número cada vez maior de pessoas.

Com a maior presença das mulheres nos locais de prática do futebol, com o aumento da participação masculina nos campos, e equipes surgindo pelos inúmeros bairros[70], o número de torneios, competições e, sobretudo, a rivalidade aumentou vertiginosamente.

Os campeonatos[71] de futebol na capital mineira começaram a ser organizados e realizados logo nos primeiros anos de difusão dessa modalidade. Os indícios encontrados nas fontes permitem-me afirmar que na década de 1920 o futebol já fazia parte da vida de muitos habitantes de Belo Horizonte.

Os diversos torneios, como o Torneio *Initium*, promovido pela Liga Mineira de Desportos Terrestres (LMDT) estimulavam diversos níveis de envolvimento com o esporte. O que grande parte dos adeptos do jogo queriam é que as partidas corressem bem animadas, mesmo que "notando-se falta technica dos concorrentes, prova manifesta do pouco treino que tiveram"[72].

Por vezes, a imprensa[73] na capital mineira trouxe notícias sobre competições internacionais ou relativas a outros estados do Brasil, copas ou

[70] Encontrei nas fontes muitas referências a times dos mais variados bairros de Belo Horizonte. Contudo, os jornais e as revistas trazem apenas às escalações dos times da periferia ou que não participavam das competições promovidas pela liga mineira. Nesse sentido não consegui encontrar muitos vestígios da efetiva existência dessas equipes e nem muitos relatos sobre os jogadores das mesmas.

[71] Como já foi mencionado o primeiro campeonato de futebol da cidade de Belo Horizonte ocorreu em 1904. Em 1914 foi organizado pela recém criada Liga de Futebol de Belo Horizonte o primeiro torneio interclubes da cidade denominado de Taça Bueno Brandão (que homenageava o presidente do Estado) e foi conquistada pelo Atlético. Segundo COUTO "Em 1915, o futebol mineiro passou a ser dirigido por uma nova entidade, a Liga Mineira de Esportes Atléticos, que se responsabilizou pela organização do primeiro campeonato oficial da cidade de Belo Horizonte. A competição contou com a participação de cinco equipes: o Atlético, América, Yale, Higiênicos e Cristóvão Colombo. O Atlético tornou-se o primeiro campeão mineiro disputando sete partidas, das quais venceu cinco, empatou uma e perdeu outra. No ano seguinte o Atlético ganhou o título de campeão da cidade, no entanto, o título do campeonato mineiro ficaria com o América que o manteria até 1925". COUTO, 2003, p. 44 e 45.

[72] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Segunda e Terça feira, 26 e 27 de Abril de 1926, p.7.

[73] Segundo SIMÕES, 1997, p. 182-183, "A imprensa esportiva, durante a primeira fase de sua atividade na Capital (compreendida entre 1895, quando é fundado o primeiro jornal, o Bello Horizonte, e 1926, com o Correio Mineiro) comportava-se como o ilustre confrade citado por Nelson Rodrigues: uma imprensa que – quando enxergava o fenômeno futebolístico – não o via plenamente como uma atividade sociabilizada, ou seja, o abordava, prioritariamente, como um trampolim físico e moral para uma mocidade sadia, privilegiando mais esses predicados, em detrimento do poder de agregação social esporte-público. Marcadamente nos primeiros anos dessa fase (e da própria imprensa da Capital), o periodismo fechava os olhos para o público de futebol. Com razão, é verdade, mas apenas nos primeiros anos, quando a assistência não representava nada além da fina flor da Capital. O futebol não demorou muito para conquistar a cidade –

torneios, campeonatos ou jogos amistosos. As informações sobre o futebol contidas nos jornais versavam sobre assuntos diversificados, como o jogo que foi realizado em Paris entre as equipes femininas da França contra equipes da Tcheco-slocaccas e Yugo-slavas, em que mais de cem mulheres foram aplaudidas pelos seus esforços em campo.

Essas informações construíram um cenário de envolvimento com esse esporte que possibilitou a participação de muitos dos interessados e construiu uma ambiência onde algumas resistências iniciais foram se esvaindo, enquanto outras permaneceram.

Muitos adeptos da modalidade começaram a dedicar o seu tempo livre prioritariamente ao futebol ocupando os campos, as arquibancadas, os diversos espaços de convivência, ora pouco freqüentados. Com grande velocidade também outros assuntos polêmicos sobre o futebol surgiam e repercutiam nos campos e nos jornais como motivos para novas resistências.

Os tradicionais pontos de encontro de Belo Horizonte passaram a acolher os espectadores das partidas e também os protagonistas dos embates, que eram reconhecidos, festejados, indagados e despertavam sentimentos controversos nos interlocutores pelas ruas e bairros da jovem capital.

O futebol era um assunto sempre presente nas rodas. Os resultados das partidas, os lances polêmicos dos jogos, o desempenho dos jogadores e as arbitrariedades eram temas de conversas que podiam se prolongar por horas ou se esvair rapidamente caso surgisse outro assunto que despertasse opiniões acaloradas.

> No terço central do café, a clientela do dito, da conversa de negócio ou de ócio e a gritaria da turma do futebol. Torcedores e jogadores do Atlético, do América, do Yale, do Palestra; veteranos do Dezessete de Dezembro, do *Sport Club* ou dos

---

mas a imprensa, até meados dos anos 20, enxergava apenas a bola, como o confrade lembrado por Nélson Rodrigues. E marcava, ano após ano, um gol contra, aos 45 minutos do segundo tempo e de canela".

> times do campeonato de 1904 – os do Vespúcio, do Colombo, do Plínio, do Mineiro, do Estrada[74].

A rivalidade existente entre os clubes dava um colorido especial aos jogos, e foi, também, introduzida em âmbito nacional, com o advento do grande torneio que possuía representantes de alguns estados brasileiros, dentre eles, o estado de Minas Gerais. Esses torneios promovidos na década de 20 despertavam nos jogadores, no público e na imprensa o desejo de ascender no esporte elevando o nome do estado e acirrando a competição que tinha como intuito revelar quem tinha o melhor futebol do país.

Os vestígios encontrados nas fontes sugerem que nesse momento o futebol foi se transformando pela conjugação de muitos fatores. Com a exacerbação e a intensificação da competição as experiências dos "aprecidadores do bello desporto bretão" caminhava para uma alteração substancial. Contudo, as rupturas que esses eventos promoviam não impediram que outras formas de viver o futebol pemanecessem.

> O onze Tebano ou uma fotografia de 1918[75]
>
> **Aí tendes, nessa fotografia, um pouco esmaecida, o único *team* para o qual já torci furiosamente**. Depois disso, se não me engano, compareci a uma partida entre o Atlético e o Sud América (Mário, Said e Jairo), mas não senti, diante destes, a mesma emoção com que o onze distrital me encheu alguns dias da meninice. Aliás. Já não havia a proibição paterna, creio eu, tornava deliciosas as minhas tarde tebanas (em Tebas de Leopoldina, a duas léguas da estrada de ferro, na aba de um morro pensativo). Proibido de jogar a bola com a meninada, eu cedia. Mas, anunciada com o foguetório do estilo uma peleja inter-distrital, **eu sempre encontrava um jeito de burlar a vigilância do pessoal de casa. Eram partidas notáveis, que**

[74] NAVA, 1985, p. 4.
[75] A narrativa é reveladora, pois o autor da crônica enfrentou o desafio de rememorar suas experiências com o futebol. Arquivo Público Mineiro. Revista Bello Horizonte. 5 de Julho de 1934.

> **valiam os meus sustos multiplicados por cem, e não raro terminavam em tiros autênticos.** Os moços de Rio Pardo, o distrito vizinho, não tinham educação esportiva... **Apezar de tudo, era um futebol ingênuo, despretensioso, e divertia.**
> **Em suma, aí tendes o *team* que eu amei às escondidas, sem compreender, entretanto, a sua grandeza moral.** Porque em futebol, segundo o meu amigo Emilio Curtiss Lima, também há disso... (grifos meus)

Nesse momento em que o futebol crescia em popularidade diversas personagens foram se destacando. Alguns dos jogadores, que constituíam os times, vinham do interior do estado. Muitos deles vinham para estudar em Belo Horizonte e tentavam conciliar o futebol com os livros, como foi o caso de Mário de Castro, Jairo e Said. Outros vieram para jogar futebol, convidados por emissários ou por pessoas que ao passar pelas cidades do interior procuravam garotos com potencial para atuarem nas equipes da capital, como foi o caso de Guará e Nicola.

Esses garotos conheceram o futebol nas suas respectivas cidades e aprenderam a gostar desse jogo como uma brincadeira de criança, uma diversão que os absorvia e que foi tomando conta do interior.

> Há, perdido na immensidade desse Brasil a fora, um logarejo com o nome pouco harmonioso de Fundão. E não é só o nome, o lugar é mais desharmonioso ainda. Nada possue de importante. A calma da vida que se leva nesse lugar é absoluta, de uma grandeza immensa, é uma calma quase desesperadora, perturbada só, e muito só, de longe em longe por uma ou outra festa religiosa que é levada a effeito. Fundão é, assim, o sitio admiravelmente próprio para o berço natal da paz, si é que ella ainda vai nascer nesse mundo. Leva-se ahi uma vidinha tão tranqüila... Ultimamente, porem, o modo de viver em Fundão tem-se modificado um pouco. Antes só se podia, aos domingos, ir à missa e ao bar da esquina assistir a alguma partidinha de bilhar.

> Nos dias úteis trabalhava-se e jogava-se no bicho. Hoje já se faz alguma cousa mais. Eu conto por que. Foi fundada ahi uma associação desportiva, o Futebol *Club* de Fundão. E, aos domingos a rapaziada guapa da terra mete no pé os botinões travados e vae para o campo do Zico da Varge, onde se põe a castigar, furiosamente, uma esphera de couro que o *club* encomendou da capital. **Logrou o Futebol *Club* de Fundão, ou melhor o F. C. F., atrahir a attenção do bom povinho fundanense, que não tem onde por a sua attenção, e fazel-o "torcedor" de um dos quadros.** Sim, de um dos quadros, pois o F. C. F. tem dois, cujas forças se equilibram, o Branco e o Azul. **Essa associação desencadeou verdadeiro furor, uma serie de "torcer" naquella gente que não tem o que fazer. Accendeu paixões nos corações mais accessíveis.** Ambos os quadros têm grande prestígio na villa, embora pouca firmeza e força nos jogos. As contagens são as mais disparatadas possíveis. Hoje o Branco vence por 4 a 0, para no domingo seguinte ser derrotado por 8 a 2. Ninguém compreende o jogo techinico. **Por isso o futebol para os neophitos de Fundão é o jogo do "fura-goal"**. E quasi que a preoccupação exclusiva de Nicolau Florêncio, indefectível juiz nesse assumpto, é tirar os três sopros no seu amado apito, o que significa "*goal*". E é pena por que o Florencio é boa pessoa, e na velha é tido como boa sabença. É pena elle nada entender de futebol. Se o comprehendesse seria capaz de arbitrar certo. Em todo fundão é a única pessoa que, dirigindo uma partida entre o Azul e o Branco, não procura favorecer a um delles, ainda que sem a intenção de prejudicar ao outro[76]... (Grifos meus)

A história de Fundão inspira-me a pensar na introdução do futebol pelo interior e em Belo Horizonte, como esse esporte foi incorporado rapidamente no cotidiano das pessoas, o grande envolvimento dos habitantes das cidades e as

[76] Arquivo Público Mineiro. Revista Bello Horizonte. "O Sr. Dr. Delegado". Outubro de 1938.

semelhanças em alguns aspectos como: a paixão pelo futebol que enseja comparações.

Contudo, as singularidades de cada contexto foi uma preocupação constante para mim, e nesse sentido, em quais aspectos é possível comparar a cidade de Fundão com outras cidades do interior de Minas Gerais? Onde estão os pontos de sincronia e de diacronia entre essas cidades?

A similitude que me instigou a estabelecer a aproximação entre esses lugares baseou-se na premissa de que o futebol foi sendo amplamente difundido pelos municípios mineiros e rapidamente foi ganhando popularidade e adesão.

Com tudo isso, alguns jovens vieram para capital do estado, seja para estudar ou para jogar futebol e ao chegarem à Belo Horizonte nos anos 1920 e 1930 os garotos que vinham do interior depararam-se com outros códigos e tiveram que aprender que esse jogo envolvia muitos elementos ainda desconhecidos ou nebulosos que aos poucos foram revelados nas suas experiências concretas.

Mário de Castro foi um desses jovens, nasceu na cidade de Formiga, localizada no oeste do estado de Minas Gerais e era filho de Lindolpho Rodrigues de Castro, proprietário de terras na sua cidade natal e que faleceu muito cedo, e Regina de Oliveira, que assumiu a família com a morte de seu esposo[77]. Mário de Castro veio para a capital do estado de Minas Gerais em 1925, ingressou na faculdade de medicina e morou numa república de estudantes na Rua dos Carijós.

Logo que chegou a Belo Horizonte Mário de Castro procurou o América[78], que naquele ano de 1925 sagrou-se deca-campeão mineiro, acumulando os títulos desde 1916. Contudo, as fontes consultadas não permitiram-me afirmar porque o jogador não continuou nesse clube. O fato é que depois de pouco

[77] GALUPPO, 2003, p.44.

[78] O América foi criado em 1912 por garotos que jogavam futebol na Rua da Bahia e que não passavam de 13 anos. A primeira reunião para fundar o time aconteceu em 30 de Abril de 1911, no entanto o time só duraria seis meses devido aos garotos terem compromissos com os estudos e também à falta de material para a prática do futebol. Um ano após a sua primeira fundação o América apareceria de forma definitiva. Ver COUTO, 2003, p. 46.

tempo, foi jogar no Atlético[79], cujo campo ficava situado na Avenida Paraopeba, atual Avenida Augusto de Lima, do outro lado da mesma avenida estava o campo do América.

Desse momento em diante as fontes são generosas, pois as matérias dos jornais revelaram-me um grande jogador, capaz de reverter placares adversos e de despertar no público reações de admiração. É importante pensar como foi a chegada de Mário de Castro na cidade, quais foram os impactos sentidos pelo jogador que antes estava tão habituado com a sua vida no interior do estado, e como foi a sua adaptação em Belo Horizonte.

O estudante de medicina, que nas horas vagas era jogador de futebol e jogava escondido da sua família, não podia permitir que os jornais, ou a informação que ele estava jogando futebol, chegassem aos seus familiares em Formiga. Como estratégia, para impedir que isso acontecesse, Mário de Castro utilizou o pseudônimo "Orion[80]", para que seu nome verdadeiro não fosse divulgado pela imprensa. Esse subterfúgio perdurou pelos dois primeiros anos da sua inserção no futebol em Belo Horizonte.

Algumas fontes mostraram-me que em alguns momentos era preciso que os dirigentes do Athletico implorassem para Mario de Castro jogar, o que lhe rendeu a designação de "jogador chove-não-chove"[81].

[79] O Athletico Mineiro *Football Club* foi fundado em 25 de Março de 1908 no parque municipal por um grupo de jovens pertencentes a tradicionais famílias mineiras. Em 1909 a equipe conseguiu seu primeiro campo para treinar e realizou a sua primeira partida oficial, vecendo o *Sport Club* por 3 a 0. Em 25 de Março de 1913, numa assembléia geral o time ganhou um novo nome e passou a se chamar *Club* Athletico Mineiro. Para maiores informações consultar COUTO, 2003, p. 44.
[80] Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Geraes – Domingo, 12 de Junho de 1927, p.12.
[81] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 2 e 3 de Junho de 1930, p.11.

Fonte: GALUPPO, 2003, p.48. O time do Atlético se prepara para mais um jogo. Mário de Castro, em pé, é o segundo da esquerda para a direita.

Abril Imagens (reproduções Célio Apolinário).

Esse fato deu-me um indicativo de como o futebol era visto naquele momento por vários setores da sociedade, e como os *players* tinham suas experiências influenciadas, pois os mesmos eram pressionados, dentre outros fatores, por não haver uma valorização do esporte. Os jogadores ficavam indecisos, porque não viam muitas possibilidades de êxito, por mais que gostassem de jogar e praticar a modalidade, muitos acabavam abandonando os

times e os companheiros para se dedicarem a outras ocupações mais rentáveis, mais valorizadas e com maior reconhecimento.

Os jogadores, que ainda não tinham contratos com os times, podiam se recusar a jogar, como fazia Mario de Castro. Aqueles que jogavam bem queriam ser tratados com privilégios e queriam ser valorizados por todos. Do contrário, não jogavam. O profissionalismo[82] podia amenizar esse problema, mas naquele momento ainda não era uma realidade em Belo Horizonte.

> Pouco depois, sozinho Mario de Castro. Instantâneos do *team* do Athletico. Photografias isoladas de Mario de Castro, que attende os repórteres, por ter demorado a vestir o calção. Capítulo primeiro: Mario de Castro de calção. Capitulo segundo: entrada de Mario de Castro e aplausos da archibancada. Capitulo terceiro: Mario de Castro jogará? O sujeito ficou maluco na archibancada. Mario de uniforme! Sim, todos estavam vendo. Mas o rapaz, inconveniente, queria perguntar ao próprio Mario de Castro si elle ia jogar. – Não vá – lhe disseram. Si você perguntar, elle dirá ainda que não joga. O dr. Moura Costa, quando soube, ficou preoccupado com a noticia. Que diabo! Foi um custo para conseguir que o Mario jogasse. A directoria esteve um anno inteiro insistindo: - Mario, eu te amo. – Pelo amor de Deus, jogue. – Você é insubistituivel. – Você é um bicho. – Se você jogar, nós

[82] No livro "O negro no Futebol brasileiro", de Mário Filho, o autor relata que o Futebol Italiano no final da década de 1920, e na década de 1930, começou a importar muitos jogadores da Argentina, do Uruguai e do Brasil. O êxodo dos craques desses países começou a preocupar, principalmente, os Argentinos, que tinham nomes Italianos, e, assim, ficava mais fácil a inserção dos jogadores neste país: "Os grandes clubes de Buenos Aires se assustaram, todos eles tinham jogadores com nomes Italianos. Se aquilo continuasse, o que seria do futebol argentino? Só havia um remédio: o profissionalismo" (p.182).
Para Mário Filho (p.182), com a implantação do profissionalismo em Buenos Aires começou a busca de jogadores no Uruguai, pois muitos craques argentinos foram jogar na Itália, sendo necessário buscar novos craques em outros países; Montevidéu, pela proximidade com Buenos Aires, foi o primeiro local que os argentinos buscaram novos jogadores, pois não tinha jeito de competir com a Itália e repatriar os craques argentinos que foram ganhar dinheiro na Europa.
De acordo com Mário Filho, o Brasil também começou a ser alvo dos clubes no exterior que queriam os nossos craques como revela o trecho a seguir:"A onda do profissionalismo veio se alastrando, aproximando-se do Rio, de São Paulo. Os jornais, todos os dias traziam uma notícia: tal clube italiano pretendia tal jogador brasileiro. Às vezes não pretendia, era o jogador que dizia para assustar o clube. O clube assustando-se afrouxaria os cordões da bolsa." (p.182)

> até promettemos escrever uma carta insultando o Feitiço. O presidente tinha razão. Que imprudência e que curiosidade prejudicial. E foi um allivio quando Mario de Castro, que tinha ido beber água, voltou para o meio do campo. – Pensei que elle já ia tirar o calção – disse o Bagunça. Hoje mesmo o Mario jurou que não era mais jogador de *Football*[83].

Mario de Castro, quando entrava, desfilava pelos gramados um futebol de encher os olhos e de despertar as mais diversas emoções.

> Jogo violento, primitivo, que peorou a situação do Athletico. Negando o passe a Armando e jogando com violência, o Palestra desarmou o Athletico de dois *Keepers* para a continuação do campeonato.
> Mario de Castro, o jogador insubstituível que o Brasil inteiro conhece, deu á vinte mil pessoas de ante-hontem as maiores emoções. No primeiro tempo, com um jogo surprehendente, fazendo o *goal* do Athletico. No segundo, desmanchando o *goal* que havia feito, isto é, um jogador de classe perdendo um *penalty* importante, antes do qual a cavallaria tinha até entrada em campo para que a gente do Palestra respeitasse a decisão do juiz[84].

Depois que acabavam os jogos, Mário de Castro ainda tinha que implorar para os cronistas não escreverem o seu nome nas matérias que sairiam nos jornais, pois sua família não podia saber que ele estava jogando futebol, ao invés de estudar.

> Para encerrar, isto sobre Mario de Castro. Este jogador chove-não-chove teve a coragem de pedir-nos para não incluir o seu nome na noticia do jogo, com a seguinte razão: - Minha mãe, em Formiga, não quer que eu jogue. Pedido inútil, porque Mario de

[83]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 2 e 3 de Junho de 1930, p.11.
[84]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 2 e 3 de Junho de 1930, p.11.

> Castro jogou ante-hontem deante de vinte mil pessoas. Entre estas contamos quarenta e cinco, que moram em Formiga. Mario de Castro, o jogador insubstituível e fiteiro nós admiramos, póde tornar-se nosso inimigo. Mas não attendemos. Um homem daquelle tamanho driblando até os parentes! Si não quer, não jogue. Nós não collaboramos em fita de ninguém. Sempre que puzer o pé na bola, lá vai a noticia para Formiga e para todos os municípios de Minas. Vinte e quatro mil a tiragem do Minas Geraes. Mario, infelizmente aqui é assim. Si não convém, não jogue mais. Si você jogar, nós o elogiamos. E se você achar ruim, isto não faz differença. Até logo, na Avenida[85].

A constatação do crescimento exponencial da modalidade e do reconhecimento do jogador de futebol, em determinados círculos sociais, convivia com o descrédito, com visões pejorativas do esporte e dos seus praticantes. O profissionalismo podia ajudar a transformar as experiências de muitas pessoas, que não mais precisariam esconder para os familiares que eram jogadores de futebol. Contudo, os registros desse debate nas fontes nos trazem indícios de que essa situação ainda perduraria por algum tempo em Belo Horizonte.

Quando Regina, a mãe de Mário de Castro, descobriu que seu filho estava jogando futebol a mesma veio à Belo Horizonte com o intuito de pressiona-lo a parar de jogar e a se dedicar à sua futura profissão[86].

No entanto, ao perceber que seu filho conseguia conciliar seus estudos com o futebol, Regina resolveu não mais pressioná-lo, certa de que essa decisão acabaria sendo tomada pelo seu filho.

Mário de Castro continuou no Atlético. Continuou desfilando seu futebol pelos campos, exibindo seu chute certeiro e conquistando as assistências, que começaram a buscar formas de agradá-lo e não contrariá-lo para que ele continuasse jogando.

---

[85] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 2 e 3 de Junho de 1930, p.11.
[86] GALUPPO, 2003, p. 51. Entrevista feita por Galuppo com Fileto Oliveira Sobrinho em 27 de Dezembro de 2002.

Nas excursões do Athletico, para o interior de Minas, Mário de Castro era aclamado pela assistência. “Mario, o admirável *shootador* do Athletico, recebeu no sul homenagens serias, com discursos e offerecimento de presentes[87]”.

Numa dessas viagens o jogador relembrou a passagem do time por Varginha, Eloy Mendes e Três Pontas. Em Varginha, ao ser perguntado sobre os scores, Mário de Castro respondeu: “Isto não tem importância: cinco a dois, cinco a zero... Eu não tenho culpa: a assistência gostava de ver furar *goal*. Para o povo de Varginha tudo é festa. Nós sahimos de lá meio constrangidos, em difficuldade para agradecer as homenagens com que o povo nos deslumbrou[88]”.

Através do relato de Mario de Castro sobre a passagem do Athletico por essas cidades pude perceber o quanto os jogadores de futebol já eram idolatrados no interior de Minas Gerais, e que a mãe de Mário de Castro tinha mesmo seus motivos para temer a permanência de seu filho num time de futebol, já que a mesma queria vê-lo formado.

> Antes de chegar a Três Pontas, passamos por esplendidas fazendas, onde nos offereceram cerveja. Na cidade, fomos recebidos pelas auctoridades locaes e pelo povo, no meio do qual havia alumnos em formatura. O baile no *club* Trespontano esteve optimo. No jogo vencemos. *Team* bom, quase equal ao de Varginha. Mas acho difícil contar tudo. Nem seria possível dar noticias de tantas festas. Só reunindo tudo numa recordação boa como a que nós trazemos de Varginha, Eloy Mendes e Três Pontas[89].

Pelas palavras de Mário de Castro, que relatou algumas de suas experiências nas viagens com o time, foi possível entender um pouco melhor o que essas excursões representavam. Percebi também o quanto o futebol já era um esporte popular nesse período e diretamente associado com a diversão.

E foi assim, imerso nessa prática, que Mário de Castro foi convocado para a seleção brasileira de futebol. Tornando-se o primeiro jogador de um time mineiro a ser convidado para compor a seleção nacional. Um fato importante

[87] Arquivo da Imprensa Oficial – Sexta feira, 12 de Julho de 1929, p.12.
[88] Arquivo da Imprensa Oficial – Sexta feira, 12 de Julho de 1929, p.12.
[89] Arquivo da Imprensa Oficial – Sexta feira, 12 de Julho de 1929, p.12.

para época em que o futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo eram mais organizados, detinham maior poder e possibilitavam aos jogadores maiores benefícios.

A decisão de Mário de Castro de não aceitar o convite para a seleção brasileira foi motivada por muitos fatores, como: o desejo de sua família que ele se tornasse médico, o fato de não ser esse o seu projeto de vida e a informação que ele seria reserva do atacante do Botafogo do Rio, Carvalho Leite.

Mário de Castro[90] parou de jogar em 1931. Além da sua vontade de tornar-se médico, outros aspectos podem ter contribuído para Mário de Castro ter abandonado o futebol, dentre eles: o aumento dos sururus nos campos, a intensificação da competição e o seu desencantamento pelos rumos que o esporte foi tomando na capital.

Após a conclusão do curso de medicina, na Universidade de Minas Gerais em 1934, Mário de Castro voltou para Formiga onde começou a exercer a profissão de médico. Ao voltar para Formiga ainda jogou algum tempo pelo Formiga Esporte Clube[91].

Outro jovem que veio do interior para estudar em Belo Horizonte foi Jairo que nasceu na cidade de Muriaé, zona da mata mineira. Jairo veio para Belo Horizonte também para estudar medicina. Como Mário de Castro acabou dividindo o seu tempo entre o estudo e a bola ao começar a jogar no Atlético.

Jairo era encarregado de armar as jogadas, pela sua função em campo acabava atraindo a marcação. Tinha uma grande capacidade de compreensão do jogo, aliado com muita técnica.

Pela proximidade de Muriaé com o Rio de Janeiro a influência do futebol carioca na cidade mineira era muito grande. Jairo, ao vir para Belo Horizonte e ao ingressar no Atlético, também contribuiu para aumentar o interesse pelos times da capital mineira em Muriaé.

---

[90]Segundo GALUPPO (2003), p.43, o jogador fez 195 gols em 90 jogos, o que representa uma média de aproximadamente 2,2 gols por partida. Entretanto esses dados podem e devem ser colocados sob suspeita, pois nessa época não havia ainda a preocupação de registrar e computar os dados sobre o futebol sistematicamente.

[91] GALUPPO, 2003, p.58.

Sobre o jogo Athletico e Villa Nova, e noticiando o reapparecimento de Jairo no *footbal*l, os nossos collegas do Diário da Tarde publicaram a seguinte chronica: Os encantos do jogo nocturno. A Barroca illuminada dominando a cidade. Os homens e as mulheres chegando depressa, attrahidos como bichos pela luz dos reflectores. Noite de festa na Barroca, onde o Athletico tem os seus torcedores humildes e barulhentos. Na entrada do campo, um scenario alegre de circo. Amendoim torrado. Laranjada. Sorvete. Meninos cavando uma entrada: - Moço, deixa eu entrar com o senhor? O garoto pobre, que nas ruas de Bello Horizonte corre atrás do Said o dia inteiro, soffre uma angustia enorme no portão da arquibancada. Elle, que a semana toda acompanhou á vontade os jogadores na Avenida, não pode entrar para vel-os no momento mais importante. Por isto, fica vigiando os sócios que chegam para pedir-lhes a protecção. Porque sabbado o garoto pobre que torce para o Athletico queria ver de graça o seu *team*. Meninos sujos discutindo. Um delles tinha visto Mario de Castro de longe, com um terno de brim branco. Portanto, elle ia jogar. Mas o outro tirou do bolso um pedaço de jornal, uma bola de meia e um retrato de Brant. E provou o engano. Mario de Castro não estava ainda em Bello Horizonte. Um gury de boné azul sahiu do silencio e disse com alguma certeza: - Aposto que si o Mario estivesse aqui elle me punha p'ra dentro. Automóveis buzinando. Fazendo coro com a seringa de borracha do auto-omnibus, que o *chauffer* vae apertando. A velha que veiu de Contagem olhando a poeira dourada que os carros estão levantando. A poeira resplandece na luz. Ella ouve do lado de fora os gritos da archibancada e medita: - Em toda parte há este jogo desesperado. Homens e meninos vivem a dar empurrões e pontapés o dia inteiro. Mas os vagabundos aqui fizeram melhor: gastaram, gastaram. Desperdiçaram uma porção de dinheiro para fazer o jogo da bola até de noite. Esta gente de hoje não sabe mais o que inventar. A

> velha que veiu de Contagem cala-se um instante. Olha novamente os reflectores. Considera que na sua casa de pobre ella tem apenas uma lamparina. E depois já diz baixinho, perdoando as desigualdades e as injustiças humanas: - Mas é bonito![92].

Na humildade do menino[93], que implorava para entrar no estádio, foi possível identificar que alguns jogadores começaram a despontar como referências para a torcida. Como foi o caso de Carlos Brant[94] que era um jovem que veio para o Athletico em 1925. Era *center-half*, mas jogava bem tanto de *half* quanto de *back*. Tinha boa condição técnica, além de marcar bem, passar a bola com exatidão e colocar-se bem em campo. Qualidades que o fizeram ser admirado pela torcida.

Completando o chamado "Trio maldito" do Atlético estava Said, filho de comerciantes. Seu pai morava em São Paulo e a sua mãe em Congonhas, cidade do interior de Minas Gerais. Diante dessas circunstâncias, Said morou algum tempo em São Paulo, onde jogou pelo Esporte Clube Sírio ao lado do seu irmão Pedro[95].

[92] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Segunda e Terça-feira, 9 e 10 de Março de 1931, p.11.
[93] Algumas crônicas encontradas nos jornais ajudaram-me sobremaneira a entender um pouco mais a experiência de pessoas comuns num outro tempo.
[94] Antes de vestir a camisa do Athletico Brant jogou no Sete de Setembro.
[95] GALUPPO, 2003, p. 46.

Fonte: GALUPPO, 2003, p. 42.

Abril Imagens, foto de Célio Apolinário.

Posteriormente, veio para Belo Horizonte para estudar. Era estudante de direito e começou a jogar no Atlético em 1926. Teve muitas dificuldades para conciliar os seus deveres na universidade com o futebol, fato pelo qual teve a conclusão do seu curso adiada por um longo tempo. Entre a universidade e o futebol priorizava o segundo, pois demonstrava muita paixão pelo esporte e dedicava muito o seu tempo a este jogo.

Said era descendente de Sírios e chegou a fundar em Belo Horizonte o time Sírio Horizontino. Pela sua identificação com o Atlético ganhou da torcida o apelido de Abi-chute, por causa da força do seu chute, contribuiu para estreitar as relações entre a colônia árabe de Minas Gerais com o Clube Atlético Mineiro.

Das experiências desses três jogadores algumas semelhanças devem ser ressaltadas. Tanto Mário de Castro, quanto Jairo e Said vieram estudar na capital do estado. Para as tradicionais famílias mineiras ter um curso superior e exercer uma profissão respeitada pela sociedade, como medicina ou direito, era um sinal de *status* e prestígio. Por outro lado, havia uma tentativa de desqualificar as atividades do tempo livre e afastar os jovens das mesmas, pois a moral da época via a diversão como uma perniciosa perda de tempo.

Nesse sentido, pude perceber nas fontes que muitos jogadores da elite mineira, sobretudo aqueles que tinham uma possibilidade de ascensão profissional numa área considerada séria e respeitada, foram pressionados por seus familiares a deixarem o futebol para dedicarem-se a uma profissão, como também foi o caso de Ricardo Pieri.

Ricardo Pieri nasceu e foi batizado em Belo Horizonte. Com seis meses de vida, sua mãe o levou para morar em Lucca, na Toscana, onde foi novamente registrado com o nome de Américo Pieri[96].

Três anos depois voltou para Belo Horizonte onde passou sua infância e juventude e onde aprendeu a jogar futebol nas intermináveis “peladas” nos bairros do Barro Preto, Calafate e Prado.

Conhecido como “italianinho Américo”, o morador do bairro Barro Preto - reduto da colônia italiana na capital mineira - o garoto ganhou o apelido de

[96] SANTANA, 2003, p. 39.

“Piorra” por ser um bom driblador. Em 1922, com 16 anos, o jovem começou a jogar no Palestra que treinava no Prado Mineiro.

Piorra jogou durante toda a sua carreira defendendo as cores da camisa tricolor do Palestra[97]. Também foi o responsável por muitos passes e armações de jogadas que terminavam muitas vezes em gol. Segundo SANTANA, Piorra “foi campeão de aspirantes em 1922, virou titular em 1923, voltou a ser campeão em 1926. Mas sua melhor fase se deu jogando ao lado de Ninão, Carazo, Bengala e Armandinho, no tricampeonato de 1928-1930[98]”.

Por suas grandes atuações Piorra foi várias vezes titular da seleção mineira. Nessas ocasiões o seu futebol começou a ficar em evidência e por isso foi convidado para jogar no Mackenzie de São Paulo.

No entanto, Piorra escolheu outro rumo para sua vida. Aos 32 anos encerrou sua carreira nos campos de futebol. Um dos principais motivos que o levaram a parar de jogar foi o fato de não adaptar-se aos jogos noturnos, que começaram a acontecer em Belo Horizonte a partir de 1930, com a implantação dos sistemas de iluminação nos estádios da capital mineira. Piorra foi exercer a profissão de marceneiro.

Num relato encontrado no livro de SANTANA, Piorra, aos 95 anos, afirmou quando perguntado sobre o futebol dos anos 1920 e 1930: “O jogo era pesado, com trancos e muita disputa pela bola, mas entrada maldosa, por baixo, ninguém aceitava. Se alguém batia por maldade, o tumulto no final do jogo era certo[99]”.

[97] O Palestra passou a se chamar Cruzeiro Esporte Clube em 7 de Outubro de 1942, nome que permanece até os dias atuais. Segundo COUTO, 2003, p. 55-56, “Carlos Ribeiro relata que, sem consultar o conselho deliberativo do clube, o então presidente Enne Cyro Poni divulgou à imprensa que o novo nome do Palestra seria Ypiranga Esporte Clube, em homenagem ao famoso rio situado no estado de São Paulo. Entretanto, em cinco dias, numa reunião do conselho, o novo nome foi barrado por unanimidade, quando surgiu, por sugestão do próprio presidente do conselho, Oswaldo Pinto Coelho, o nome “Cruzeiro”, em homenagem à constelação do Cruzeiro do Sul, símbolo que fazia parte do brasão da República, da bandeira nacional e do exército brasileiro”.

[98] SANTANA, 2003, p.40.

[99] SANTANA, 2003, p. 40.

Fonte: GALUPPO, 2003, p. 53. Said fazendo um gol no time do Palestra.

Acervo Clube Atlético Mineiro

Outro jogador do Palestra chamado Octavio Fantoni, ou simplesmente Nininho, contribuiu com o seu futebol no período amador, entregando-se aos jogos com vontade, e também, teve a sua parcela de responsabilidade pela afirmação do profissionalismo no futebol mineiro e brasileiro.

Nininho, começou a jogar futebol no Botafogo, do bairro Santo Antônio. Aos treze anos foi para o time do progresso e aos catorze estreou como meia esquerda do Palestra. Em 1924 foi para a cidade de Formiga (MG) onde jogou oito meses no time do Avante e foi campeão do oeste de Minas[100].

Depois dessa rápida passagem pelo interior do estado, Nininho voltou para Belo Horizonte em 1925 integrando novamente a equipe do Palestra e foi campeão mineiro em 1926, 1928, 1929, 1930. De onde só saiu para jogar na Itália em 1931.

Segundo CALDAS "os irmãos FANTONI, do Clube Athletico Mineiro, foram os primeiros jogadores a deixar o Brasil para se profissionalizarem no exterior"[101]. A família Fantoni, a qual o autor referiu-se, teve nesse período Nininho e Ninão que foram jogar futebol na Itália em 1931, e Niginho que, também, foi para a Itália posteriormente.

> Embarcaram, quinta feira, para o Rio, com destino á Itália, os jogadores Nininho e Ninão, do Palestra que passam a pertencer ao Lazio *Foot Ball Club*, de Roma. O embarque daquelles dois jogadores teve o comparecimento de grande número de amigos e de representantes das nossas associações *sportivas*[102].

Os jornais começaram a noticiar a trajetória de Nininho e de Ninão no futebol Italiano.

[100] SANTANA, 2003, p. 42 e 43.
[101] CALDAS, 1990, p. 61, equivocou-se pois todas as fontes disponíveis nos arquivos por mim visitados revelam que os irmãos FANTONI jogavam no time do Palestra, e não no Clube Athletico Mineiro como o referido autor traz no seu trabalho.
[102] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes - Sabbado, 4 de Abril de 1931, p.6.

Fonte: SANTANA, 2003, p. 43. “Nininho e Ninão (primeiro e quinto em pé, da esquerda para direita) na seleção italiana nos anos 1930”.
Acervo Gilda Fantoni (reproduções Célio Apolinário)

> Telegramma procedente de Roma informa-nos da auspiciosa estréa, nas canchas daquella cidade, dos jogadores bellorizontinos Nino I e Nininho. Pertencentes ao Palestra Itália, desta capital, Ninão e Nininho foram dos mais perfeitos jogadores de *football* que pizaram os nossos gramados, havendo integrado, por diversas vezes, a representação mineira no campeonato nacional. Convidados pela Lazio F. C., de Roma, os dois *cracks* mineiros partiram para a Itália, em princípios do mez passado, tendo já tomado parte no encontro em que esse club venceu por 3 a 0 o Peruccia F. C., um dos mais pujantes quadros romanos. Desse *score*, um *goal* foi feito por Ninão, que, como Nininho, actuou magnificamente[103].

O time da Lazio, onde Ninão e Nininho jogavam, era também o time de Mussolini que tinha uma estreita relação com o clube e com o futebol, como está descrito abaixo na matéria intitulada “MUSSOLINI E O FOOT-BALL”.

> É sabido que o *sport* na Itália tem uma situação privilegiada, acarinhado e protegido pelos poderes officiaes. Mussolini tem auxiliado o *sport* com perfeita visão das cousas e, mercê da sua açção neste particular, a Itália tem subido no conceito internacional. Os filhos de Mussolini, integrados na boa política do Duce, não deixam de assistir a um encontro de *foot-ball* em que participe o Lazio de Roma, seu grêmio favorito. O próprio Mussolini, como um simples torcedor de *club*, assiste frequentemente aos desafios do Lazio e segue a vida desta collectividade. De tal maneira Mussolini demonstra sympathia pelo Lazio, que o publico já lhe chama de o “*club* de Mussolini. Como não se ignora nos meios *sportivos* brasileiros, é no Lazio que figuram os dois Fantoni – Nininho e Ninão, - os magníficos *players* nascidos em Bello Horizonte e feitos em Bello Horizonte, de onde só sahiram para integrarem a poderosa esquadra principal do campeão de Roma, contractados especialmente para esse fim. É, pois, no próprio *club* das sympathias de Mussolini que estão brilhando os dois campeões bello-horizontinos, orgulho do *foot-ball* mineiro. Por esta ligeira nota se vê que o Duce, apesar das responsabilidades do seu cargo, não deixa de se interessar pelo *sport* e com tanto enthusiasmo como os mais convictos torcedores do *clubs*[104].

Em nenhuma matéria, no entanto, foi mencionado o quanto os irmãos Ninão e Nininho recebiam para jogar futebol na Lazio. Há apenas indícios de que isso acontecia no jornal Minas Geraes. Como descrito acima a matéria fez

[103]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes - Sexta-feira, 1 de Maio de 1931, p.13.
[104]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Domingo, 31 de Maio de 1931, p13.

menção que os mesmos foram contratados pela Lazio. Dessa forma, apesar de não serem explicitados valores ou formas de pagamento, havia algum tipo de vantagem, o que fica mais evidente no registro abaixo.

> A Itália e o *Foot-ball* brasileiro. A Itália, ao que parece, assentou de fazer seu *foot-ball* o mais forte do mundo. Não conseguindo aperfeiçoa-lo com os seus próprios elementos, os homens que dirigem o *foot-ball* italiano têm feito rigorosa caça nos centros esportivos mais adiantados da terra, mórmente no Brasil, de onde arrancaram, mediante vantajosos honorários, excelentes jogadores. Belo horizonte sentiu fundamente a ação política esportiva italiana, com a perda dos dois Ninos[105].

Diversos interesses no campo esportivo, como as gratificações que começavam a ser oferecidas para os jogadores que se destacavam em campo - em outros países e estados brasileiros - faziam vislumbrar mudanças mais radicais no amplo cenário que os jornais que circulavam pela cidade anunciavam. Um efusivo debate sobre o profissionalismo no futebol começou a ser travado pela imprensa em Belo Horizonte.

Na seqüência do trabalho, discuto os impactos que esse debate sobre o profissionalismo teve na capital mineira, destacando diversos posicionamentos e suas contingências, bem como as conjecturas e a coexistência de diferentes teses sobre o profissionalismo.

[105] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes - Sexta-feira, 10 de Julho de 1931, p.11.

CAPÍTULO 2

O debate sobre o profissionalismo no futebol em Belo Horizonte

O movimento de afirmação do "profissionalismo às claras[106]" em Belo Horizonte[107] intensificou-se a partir de um amplo debate nos jornais com muitas posições divergentes, conflituosas e, por vezes, antagônicas.

A situação de outros países passou a ser utilizada como parâmetro para apresentar os pontos positivos e negativos da implantação do profissionalismo. "O profissionalismo oficializado à maneira do uruguaio e italiano só pode concorrer para consolidar ainda mais o *football* nacional[108]". De acordo com o cronista o profissionalismo no futebol poderia contribuir para o aperfeiçoamento do esporte sob o ponto de vista técnico.

Entretanto, o mesmo cronista ponderava que "a situação do *association* na Inglaterra é a mais deplorável possível, pois que, em vista dos gastos onerosisssimos a que os *clubs* estão sujeitos para a manutenção dos *players*[109]".

Com a partida de Nininho e Ninão para a Itália a imprensa belo-horizontina começou a posicionar-se de uma forma direta sobre o

[106] Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Geraes – Quinta-feira, 30 de Julho de 1931, p.11.
[107] Para COUTO, 2003, p. 48, o período conhecido como "amadorismo marrom" em Belo Horizonte pode ser compreendido até 1926 com a derrota do América. A partir de 1927, o futebol teria começado a ser influenciado pelos rumores do profissionalismo. Ainda segundo COUTO "o Atlético, nesse período, incentivou a entrada no clube de atletas das mais diferentes camadas sociais. Oferecendo-lhes bolsas de estudo e posteriormente salários, o clube foi um dos primeiros no estado a entrar na era do profissionalismo". No entanto, essas informações são controversas. O autor, mencionado acima, cita em sua dissertação de mestrado que "o período compreendido, entre 1926 e 1933 foi considerado a transição entre o amadorismo e o profissionalismo no futebol mineiro". COUTO apoiou-se no seguinte fato: "Clubes como o Atlético e o Palestra Itália, apesar de não declararem o pagamento de salários aos jogadores, ofereciam-lhes atrativos, como o pagamento de estudos, alojamento e outras formas de benefícios, empregos em cargos públicos e estabelecimentos comerciais. Em muitos casos, também havia aqueles que recebiam pagamentos.". Entretanto, não encontrei indícios suficientes, nas fontes pesquisadas, de que qualquer tipo de incentivo financeiro tenha efetivamente ocorrido antes de 1933 na capital mineira, e sendo assim, pelo que será demonstrado neste trabalho, não é possível afirmar que tivemos um "amadorismo marron" em Belo Horizonte.
[108] Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Geraes - Sexta-feira, 31 de Julho de 1931, p.10.
[109] Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Geraes - Sexta-feira, 31 de Julho de 1931, p.10.

profissionalismo no futebol. As matérias, nos jornais de circulação em Belo Horizonte reforçavam as analogias com outras realidades.

> Agora, segundo o que consta, Amílcar, o grande *center-half* paulistano, partirá com destino a Itália, onde defenderá as cores do Lazio F. C. O velor extrema Ministro, do Palestra Itália de S. Paulo, recebeu também excelente proposta do Juventus F. C., outro clube romano, e, talvês, muito em breve, vejamo-lo abalando-se do Brasil. Tais fatos são uma prova eloqüente de que esse pseudo-amadorismo do nosso *foot-ball* só nos traz conseqüências desagradáveis. Se os nossos jogadores aceitam até de estrangeiros propostas pecuniárias, é porque, sob o véu de amadores, guardam fortes tendências para o profissionalismo. Assim sendo, por que não se inaugura, de vês, no nosso *foot-ball*, essa nova classe de jogadores? Na Argentina, no Uruguai, nos Estados Unidos, na Itália, na França, em Portugal, etc., há os *footballers* profissionais e, no emtanto, os seus centros esportivos não são menos cultos do que o nosso. Nesse ponto, a realidade prejudica menos do que as aparências. G.[110]

A imprensa, além de noticiar sobre os jogadores mineiros que iam para o exterior, começou também a divulgar a partida de jogadores paulistas e de outros estados.

Compondo esse cenário, outras matérias começaram a ser publicadas sobre a realidade de outros países, numa clara tentativa de trazer referências concretas, e que desse uma forma mais palpável ao futebol profissional[111], que pretendia-se implantar no Brasil. Até então, a menção a alguma remuneração para o jogador de futebol era vaga e sutil. Os valores definidos pela Liga

[110] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes - Sexta-feira, 10 de Julho de 1931, p.11.

[111] Leonardo Pereira, 2000, p. 326, afirma que no Rio de Janeiro existia antes de 1933 o que era chamado de profissionalismo marrom, que mascarava a remuneração dos jogadores. Um dos grandes argumentos para mudar as relações estabelecidas com os jogadores era que "A regulamentação do profissionalismo aparecia, nesse contexto, como uma solução perfeita para essa crescente tensão racial" (PEREIRA, 2000, p.325). Parecia, naquele momento, que todos seriam beneficiados com a mudança no regime de contratação, nas possíveis negociações de jogadores, especialmente para o exterior e na permanência dos jogadores nos clubes. Os presidentes de clubes como o Botafogo, o Vasco e o próprio Fluminense pareciam cientes, já em 1932, da importância para a vitalidade dos próprios *clubs*. Ainda que encontrassem resistências de peso, como o próprio presidente da Associação Metropolitana, os argumentos em favor da mudança de regime pareciam ir-se firmando entre as lideranças esportivas da cidade. "A questão de cor não existirá no fluminense com a implantação do novo regime" explicava um diretor do Fluminense entrevistado em 1933 por Mário Filho, explicitando a lógica que via nessa mudança. Em Janeiro de 1933, o Fluminense, o Vasco, o Bangu e o América constituem assim a primeira entidade esportiva profissional da cidade – a Liga Carioca de *Foot-ball*".

Argentina Profissional de *Foot-ball*, e divulgado pela imprensa, foram explicitados nos jornais em Belo Horizonte.

> Em sessão realizada pelos dirigentes da Liga Argentina Profissional de *Foot-ball*, figurou entre os assumptos discutidos o soldo maximo que deverá ganhar cada jogador que tome parte em jogos de primeira divisão. Sem que ficasse definitivamente resolvido, foi alvitrado que se fixasse o pagamento mensal, no maximo, em 350 pesos (o equivalente de 1:613$500, moeda brasileira). Essa quantia não encontrou muita acquiescencia, em vista de haverem certos *clubs* declarado que possuem jogadores que recebem paga superior áquella que se acabava de estipular... esperava-se, entanto, uma formula que favorecesse o interesse dos *clubs* sem prejudicar os dos alludidos jogadores[112].

Com a fixação dos salários do jogador de futebol na Argentina era prudente que, mais cedo ou mais tarde, as ligas no Brasil tivessem que intervir, de alguma forma, para garantir que os nossos jogadores não fossem para o exterior. Um estímulo maior para quem pretendia levar o futebol mais a "sério" ou vislumbrava algum interesse econômico a partir desse esporte no Brasil.

Na Itália chegaram a fixar "o preço do passe de cada jogador da Lazio[113]". O passe de Nininho foi fixado em 90 mil liras, De Maria – 90 mil, Filó - 80 mil, Ninão – 50 mil, Rato – 40 mil, e Serafim – 30 mil. "Pode-se, por ahi calcular a fama que estão gozando na Itália os jogadores brasileiros". Essa estatística foi publicada no jornal esportivo de Roma "*IL Litoriale*".

Era possível esperar uma maior dedicação, pelos praticantes assíduos dessa modalidade, embora alguns casos de jogadores que atingiram um patamar elevado de destaque, nessa modalidade esportiva na capital mineira, nas décadas de 1920 e 1930, refutem a possibilidade de viver do futebol, principalmente, alguns estudantes que jogavam nos principais clubes de Belo Horizonte, mas cujos familiares não apoiavam essa condição, como é o caso de Mário de Castro e Jairo, apenas para citar dois exemplos.

Outros atores, envolvidos nesse campo esportivo, passaram também a ser beneficiados com a eminência do profissionalismo. Embora, a

[112]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes - Segunda e Terça-feira, 1 e 2 de Junho de 1931, p.11.
[113]Hemeroteca Pública. Estado de Minas – Sabbado, 7 de Janeiro de 1933, p.6.

profissionalização fosse permeada pela mentalidade amadora, como nos casos dos árbitros. Contudo, na continuidade da matéria, do jornal Minas Geraes de 1 e 2 de Junho de 1931, o cronista relativizou o possível ganho em detrimento das agressões e violências simbólicas.

> Foi fixada em 40 pesos argentinos (184$400, na nossa moeda) a somma que caberá aos árbitros, por partida que actuarem na secção profissional, tanto na primeira, como na segunda divisão. Os juízes que dirigirem os *matchs* de terceira, quarta e quinta divisões e de veteranos ganharão sómente dez pesos (ou sejam, 46$100). Não é muito dinheiro, em verdade, para compensar de insultos, vaias e agressões e pagar arnica, casa de saúde, etc., no caso em que o juiz não corresponda á expectativa do apaixonado e delirante publico das canchas futebolísticas. E sabe-se que jamais corresponde, ainda que se trate do juiz mais sábio e justo deste mundo[114].

O impacto na experiência dos *footballers* e dos árbitros, em Belo Horizonte, com o advento do profissionalismo[115], até aquele momento não podia ser mensurado ou contabilizado. Entretanto, penso nas concessões que os sujeitos tinham que fazer para praticar o futebol.

Com o decorrer do tempo, o impacto na vida dos *players* tornou-se muito grande, pois o profissionalismo exigia tempo para o jogador se aperfeiçoar nas técnicas desse esporte, e se destacar nos campos de futebol. Essa era uma das condições, para jogar fora do país e para ser cobiçado por outras equipes.

Quando a imprensa começou a enfatizar a possibilidade de existir um profissional de futebol no Brasil uma decisão podia ser tomada, dedicar-se com mais afinco ao futebol, ou tentar conciliar a prática do esporte com outras

[114] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes - Segunda e Terça-feira, 1 e 2 de Junho de 1931, p.11.

[115] O Futebol, no início da década de 1930, começava a significar para alguns jogadores pobres, principalmente negros, aqui no Brasil, uma possibilidade de ascensão social e de melhorias das condições de vida. Para alguns clubes era, também, a saída na tentativa de conseguir melhores resultados, títulos e reconhecimento. Independente da condição do jogador, o que importava nessa nova fase do futebol no Brasil era cumprir os objetivos de vencer e ser o melhor na disputa com outras equipes, como revela Mário FILHO, 2003, p. 193, na citação a seguir: "O Fluminense, cansado de perder campeonatos, tornou-se um pioneiro de profissionalismo. Com o profissionalismo, ele lutaria em igualdade de condições com os outros clubes. Não perderia mais jogadores (...). E poderia formar um grande time, capaz de levantar campeonatos, indo buscar jogadores nos clubes pequenos, nos subúrbios, nos Estados, fosse onde fosse, brancos, mulatos e pretos".

profissões e com o estudo; ou ainda abandonar o futebol, o que alguns acabaram fazendo.

O que é muito importante salientar é que mesmo se a decisão tomada fosse a de viver do futebol, essa escolha estava repleta de pontos positivos e negativos, comportava alegrias e decepções, e que, em muitos casos, o aspecto econômico não era o principal atrativo, pois a remuneração era ainda baixa e incompatível com as pressões que a dinâmica do futebol impunha.

No ano da implantação do profissionalismo[116] no Brasil, uma matéria no Minas Geraes de 5 de Março de 1933, intitulada "O profissionalismo no *foot-ball*", expõe a situação em Belo Horizonte:

> Como o nosso meridiano esportivo passa pelo Rio, tudo o que lá se esboça ou se realiza, reflete-se em Belo-Horizonte. Alguns jornais daqui já têm também martelado a questão do profissionalismo. Sem resultado, está claro. O profissionalismo no *football* é uma planta que medra atualmente no ambiente das nossas montanhas. Quando muito, flor de estufa, que, se apresenta algum colorido atraente, é por efeito de artifício. Deixam-na ao relento, vivendo á custa do seu próprio poder de nutrição, e morrerá. Vocações manifestas para o profissionalismo não faltam. Um prazer assoldadado é prazer maior. Isso ninguém o nega. Mas, a moda do profissionalismo é o ouro. E este – a despeito da nossa visinhança com Morro Velho - está escasso nos meios esportivos da Capital. Francamente, os nossos grandes *clubs* não suportam outras despesas a mais das que os sobrecarregam no momento. Profissionalizar os seus atuais amadores, é lavrar o seu atestado de óbito. Não. Não há dúvida. O profissionalismo em Minas é uma planta exótica[117]. G.G.M.

Assim, estar atento ao que aconteceu em Belo Horizonte - antes de 1933, e que pode ter se constituído como elementos anunciadores do profissionalismo na cidade - foi tão importante quanto tentar captar o impacto na experiência dos sujeitos, no período de mudança do amadorismo para o profissionalismo. De acordo com RIGO (2001):

---

[116] Se o profissionalismo era exaltado por alguns no Rio de Janeiro, não demoraram também a surgir as críticas, principalmente da imprensa, que argumentava que da forma como aconteceu o movimento de profissionalização não passava de um negócio como outro qualquer, e comparavam os jogadores com os cavalos nos quais se apostava. Sobre o tema ver PEREIRA (2000).

[117] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Domingo, 5 de Março de 1933, p.14.

> Apesar de todo o significado que esse ano pode ter na historiografia das práticas futebolísticas em nosso país, convém atentar para os perigos de transformá-lo em uma espécie de marco representativo único desse processo, relegando a segundo plano os inúmeros microacontecimentos, portadores de pequenas disputas e diversas conquistas, ocorridas em tempo e espaço múltiplos, anteriores ou mesmo posteriores a 1933. Batalhas localizadas que prepararam o solo fazendo com que nele germinasse uma certa cultura capaz de propiciar a proveniência e a sustentação social do movimento pró-profissionalismo[118].

Na capital mineira, e nas cidades vizinhas, como Nova Lima[119], muitos foram os fatos que contribuíram para a emergência do profissionalismo no futebol. Em Nova Lima, segundo SILVA[120], que escreveu sua dissertação de mestrado sobre o Villa Nova[121], um dos primeiros times a tornar-se profissional foi o Retiro em 1933, contudo esse time "encerrou suas atividades profissionais após 1934 voltando-se para o esporte amador". Enquanto, no Brasil inteiro, os clubes esforçavam-se para adequarem-se aos novos tempos, um time do interior de Minas resolve fazer o percurso inverso, pois ao conquistar a profissionalização decide recuar, assumindo o futebol amador como condição de sobrevivência do clube, já que para manter uma equipe profissional um clube necessitava de muitos recursos.

Enquanto o Retiro decidia assumir seu posto no futebol amador, o Villa Nova sagrou-se campeão mineiro de 1933, 1934 e 1935. Segundo Jairo Gomes, entrevistado por SILVA, o Villa foi o pioneiro nos intercâmbios esportivos com equipes de outros estados e de acordo com o entrevistado:

> Também é responsável por ter fornecido os primeiros jogadores de Minas Gerais para outros centros do país no final da década de 1920, como Salinas e Zé de Deus. Esses personagens trocaram Nova Lima por São Paulo, naquele profissionalismo marrom ou falso amadorismo que reinava na Paulicéia, em busca de uma remuneração melhor. Esses foram os primeiros jogadores

[118] RIGO, 2001.
[119] A cidade de Nova Lima fica situada a apenas 22 Km de Belo Horizonte.
[120] SILVA, 2007, p. 53.
[121] O time do Vila Nova foi fundado na cidade de Nova Lima - MG em 28 de Junho de 1908.

> a se desligarem da empresa e buscar outros caminhos profissionais[122].

Não se pode questionar, pelo que foi visto até agora, a importância de Nova Lima e de seus clubes na aceleração da profissionalização do futebol em Belo Horizonte. Uma das possíveis justificativas para o avanço em Nova Lima foi a influência inglesa[123], nas primeiras cinco décadas da república, pois os operários, nesse período, eram obrigados a se filiar ao clube futebolístico da empresa *Saint Jonh d'EL Rey Mining Company*[124].

No entanto, a conservadora sociedade mineira relutou em aceitar os primeiros ventos do profissionalismo[125]. Os jogadores não podiam dedicar-se somente ao esporte, tinham que trabalhar também. No Vila Nova essa conduta deveria ser seguida pelos trabalhadores da empresa que pretendiam integrar a equipe da mesma. Contudo, nem todos aceitavam conciliar o desgaste do esporte com a dedicação exigida pelo trabalho. Alguns jogadores vinham de outros lugares, e eram contratados nesse período para trabalharem na empresa pelo fato de serem bons atletas. No entanto, ao recusarem-se a cumprir o expediente, ou se faltassem deliberadamente ao trabalho, a implacável sociedade de Nova Lima, não era condescendente com os atletas.

Os conflitos começaram a acontecer com maior regularidade. Muitos desentendimentos foram duramente reprimidos, por quem tinha o poder naquele momento e sentia-se na obrigação de dar os exemplos, para que essa situação não voltasse a acontecer. Como está expresso abaixo, os *footballers*, denominados como novos elementos, não continuaram no time por faltarem ao trabalho. A principal explicação dos dirigentes do Vila foi que as "honrosas

---

[122] SILVA, 2007, p.55.
[123] FREITAS, 2008, p.29. O trabalho de FREITAS, sobre o Vila Nova, destaca-se pela quantidade de informações sobre este Clube.
[124] SILVA, 2007, p. 8.
[125] Porém, para os jogadores brancos das famílias tradicionais no Rio de Janeiro, ser jogador profissional de Futebol na década de 1930 não era um símbolo de distinção. Como revela Mário FILHO, 2003, p. 196: "O jogador branco, de boa família, não tinha medo só de se tornar profissional, tinha vergonha também. O medo era de perder aquela vida gostosa de amador. O jogador mandando no clube, jogando a pedido, todo mundo atrás dele, jogue, jogue, e ele se fazendo de rogado. Acabava entrando em campo, sacrificando-se mais uma vez".

tradições esportivas do *club*", ou melhor da sociedade determinaram a postura assumida.

> O Vila Nova Atlético *Club*, a bem organizada agremiação esportiva de Nova Lima, deu aos nossos *clubs* de *foot-ball* um belo exemplo, em face da situação creada pelo ingresso em suas hostes de alguns elementos procedentes de Uberaba. Há meses, o *club* do sr. Castor Cifuentes admitiu em seu seio alguns jogadores uberabenses e, como é natural, proporcionou-lhes colocação de acordo com a capacidade de trabalho de cada um. E os *footballers* todos eles *cracks* da pelota, começaram logo a freqüentar os treinos dos quadros vilanovenses, tendo mesmo participado de alguns jogos importantes. Mas, se para o manejo da bola mostraram-se solícitos, tal não se verificou com o trabalho, ao qual, segundo afirmou um dos paredros do Vila Nova, de raro em raro apareciam. Entretanto, nem sempre tudo está perdido: dentre eles alguns houve, cuja conduta exemplar abriu consolável exceção, como para clarear um pouco a sombria ação dos outros. O Vila Nova, em vista desse estado especial inaugurado pelos seus novos elementos, resolveu, o que merece rasgados elogios, colocar o seu bom nome acima de qualquer interesse particular e declarou claramente os *footballers* faltosos a incompatibilidade que havia entre eles e as honrosas tradições esportivas do club. De tal franqueza resultou a saída dos jogadores implicados na questão. Esse caso aberto no Vila Nova é mais uma prova de que é manifesta a tendência dos nossos jogadores para o profissionalismo às claras. E assim sendo, o melhor caminho a seguir é rasgar de vez o véu que aparentemente protege esse pseudo-amadorismo, vegetativo em nossos grandes grêmios de *football*. Porque há aqui muitos *players* que recebem favores compensativos de seu esforço, sem que, entretanto, sejam estipulados deveres recíprocos entre eles e o *club* que defendem. E disso resulta que, emquanto estão aptos para jogar, são acarinhados monetária e moralmente, mas se se inutilizam em campo, sendo obrigados a procurar uma casa de saúde, as cousas mudam e o antigo prestigio vai diminuindo gradativamente, até restringir-se ao... enfermeiro, quando este é bom. Parabéns, pois, ao Vila: ou o combate acirrado ao falso amadorismo ou o profissionalismo oficializado. Porque o ser e não ser não pode ser. – G.[126].

No dia seguinte[127], 31 de Julho de 1931, a matéria do Minas Gerais faz referência ao profissionalismo oficializado como um assunto largamente

[126] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Quinta-feira, 30 de Julho de 1931, p.11.
[127] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Sexta-feira, 31 de Julho de 1931, p.10.

discutido nos centros esportivos mais adiantados do país. A crônica faz menção ao Rio de Janeiro e a São Paulo, pois nessas capitais alguns dirigentes dos clubes que pretendiam implantar o profissionalismo no futebol começavam a cogitar essa possibilidade. O autor da matéria, inicialmente, se posiciona em defesa do profissionalismo oficializado a maneira do uruguaio e do italiano, pois "só poderá concorrer para consolidar ainda mais o *foot-ball* nacional, além das conveniências que trará ao seu aperfeiçoamento técnico[128]". Para em seguida começar a apontar, com explicações mais detalhadas, as sérias dificuldades enfrentadas por países como a Inglaterra, onde os clubes não conseguiam manter os onerosíssimos gastos a que estavam sujeitos, para a manutenção dos jogadores, e que não podiam sustentar intercâmbios esportivos com os países vizinhos, ficando limitados aos campeonatos internos que se tornavam monótonos e desinteressantes. Até chegar na inviabilidade, que o mesmo enxergava, no profissionalismo no Futebol no Brasil, "torna-se impraticável pela exigüidade de capitalistas envolvidos nas cousas do *football*[129]".

Ainda segundo o cronista, outro fato que impossibilitava o profissionalismo no *football* em Belo Horizonte é que: "Os nossos *clubs* mal conseguem construir um *stadium* e conserva-lo sem atavios de luxo, porque vivem á custa de parcas mensalidades e de problemáticos saldos de festivais que, ás vezes, promovem[130]".

Os motivos e empecilhos para implantação do profissionalismo apresentados pelo cronista esbarravam nos aspectos sociais, econômicos e culturais e estavam no cerne dos costumes, da moral do trabalho, do conservadorismo da elite e de setores inflexíveis da sociedade que não podiam admitir que os jovens não adquirissem o gosto pelo trabalho convencional.

O autor da matéria mostrou que a única solução para a implantação do profissionalismo e para manter jogadores com honorários estipulados em contratos seria "transformar as partidas em jogos de apostas, onde o espectador

[128] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Sexta-feira, 31 de Julho de 1931, p.10.
[129] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Sexta-feira, 31 de Julho de 1931, p.10.
[130] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Sexta-feira, 31 de Julho de 1931, p.10.

aventura a sorte... Doutra maneira, é impossível implantar em nosso meio o que os *clubs* italianos têm feito com tanta prodigalidade[131]". Era preciso compreender que o jogo de apostas era combatido por diversos setores da sociedade mineira, e assim colocando como única possibilidade o jogo de azar, o profissionalismo no *football* passava a ser combatido pelos setores mais fortes e tradicionais da sociedade.

Não demorou muito e as matérias contra o futebol começaram a ser veiculadas nos jornais. Pelos indícios encontrados é possível afirmar que houve um movimento para combater a idéia do profissionalismo em Belo Horizonte. Entretanto, esse movimento só foi assumido em 1933, embora ele ocorresse de forma mais sutil em 1931 e 1932, por pessoas que tentaram depreciar o esporte.

Seguindo a seqüência dos acontecimentos, foi possível perceber uma avalanche de críticas contra o futebol e seus adeptos. As críticas que surgiram deixaram transparecer imbricadas tramas e interesses diversos, que intensificaram-se com o aumento da atração que essa modalidade esportiva despertou, nos diversos segmentos da sociedade.

> Difficilmente, o futebol poderá ser praticado, daqui por diante, uma vez que as auctoridades esportivas não se entendam, definitivamente, com os policiaes, afim de que cessem as rixas entre os assistentes e os juízes. Quanto aos jogadores, a maioria das vezes culpados, cabe à apea não os deixar em folga. A punição de Fried, De Maria e Augustinho é um optimo symptoma, que pode levar os dirigentes do futebol a exercer a maior e mais severa vigilância sobre a disciplina dos elementos, que vão ao gramado para jogar, e, não raro, trocam pontapés e sopapos. Registraram-se, ante-hontem, alguns rasgos indisciplinares de jogadores, que precisam ter correctivo, de accordo com os códigos em vigor na Apea. No tocante ás assistências, se os regulamentos nada podem valer, a boa vontade dos directores da Apea deve entrar em acção, providenciando para que se exerça o mais rigoroso policiamento, com liberdade ampla de punir com detenção em flagrante de todos os exaltados, mesmo os que ostentam á lapella distinctivos dos *clubs* litigantes... Dizemos isto, porque já tem succedido haver prisão de um exaltado, relaxada logo depois, porque correm em seu soccorro directores de clubes, a defender a integridade dos distinctivos. Em Campinas, houve

[131] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Sexta-feira, 31 de Julho de 1931, p.10.

> excessos e em S. Paulo também. Tentaram aggredir os juizes, ou aggrediram[132].

A matéria continua com outros casos de agressão que aconteceram no jogo Corinthians e Syrio, onde segundo consta, o árbitro e um jogador foram apedrejados. Pelo que foi noticiado, o árbitro foi escolhido pelos dois times, mas os sócios e os torcedores não entenderam dessa forma. O responsável pela notícia ainda cobrou uma atitude de entendimento da Apea e da polícia, diante dos fatos, pois se nada for feito as partidas deveriam ser suspensas pela falta de garantias aos árbitros e aos jogadores.

A reportagem acima do diário nacional de São Paulo é intitulada ironicamente “AS DELICIAS DO FOOT-BALL”, contudo só aparecem os pontos negativos do futebol, as rixas, as agressões, os constrangimentos e ainda faz menção as punições que deveriam ser aplicadas aos jogadores e à assistência envolvidos no futebol de São Paulo. É especialmente importante notar que a matéria termina com o seguinte parágrafo:

> Aqui em Bello Horizonte ainda não chegamos a tanto, mas lá chegaremos muito breve, seguramente. É a isso que se chama progredir sportivamente, e nós, neste particular, estamos progredindo notavelmente...[133]

É com ironia e sarcasmo que a resposta a toda a exaltação e a defesa do profissionalismo no futebol veio na matéria anterior. A associação da idéia de progresso, aos fatos desagradáveis e degradantes de violência, serviria de alerta contra o entusiasmo que as matérias anteriores registravam.

Uma grande parte das pessoas na capital mineira era analfabeta e não tinha acesso às informações veiculadas nos jornais e revistas que circulavam na capital e, dessa forma, a população ficava muito suscetível aos rumos que os intelectuais e as elites pretendiam impor, pois os mesmos vinham com

[132]Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes - Sexta-feira, 12 de Junho de 1931, p.10.
[133] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes - Sexta-feira, 12 de Junho de 1931, p.10.

argumentos fortes, teses bem delineadas e explicações plausíveis, como expresso na matéria a seguir.

> Na época colonial, o Brasil era para os olhos ávidos dos europeus um bloco de esmeralda ou diamante, no qual se se quizesse espantar a miséria, era só e muito rapidamente, tirar um pedaço. O Velho Mundo tornou-se agora para os *footballers* sul-americanos uma espécie do Brasil antigo. Em seu seio dormem cofres transbordantes de moedas e sempre abertos aos seus mais fúteis desejos, uma vez que dêem dois ou três *shoots* numa bola. E assim como os primeiros aventureiros que aportavam em nossas terras, com os bolsos vasios, mas com o coração boiando em esperanças, experimentaram logo de início a dureza da realidade, pois aqui, qual nas suas pátrias distantes, nada se conseguiria sem o trabalho aturado e perseverante, os jogadores de *football* que tem desertado do nosso esporte, atraído pelo ouro alienígena, hão de pesar mais tarde a inconseqüência dos seus atos e verão naturalmente quanto é transitória a felicidade que se lhes apresenta em cores tão promissora. Por que nos esportes a gloria é tanto mais passageira quanto mais elevada a altura que atingiu[134].

A rapidez que essas informações foram disseminadas no Brasil podem ser mensuradas pela quantidade de artigos e crônicas, disponíveis nos jornais na capital mineira, que citam, de alguma forma, o profissionalismo no esporte. O impacto na experiência dos envolvidos com o futebol foi muito grande no período de afirmação do profissionalismo, pela densidade das matérias e pelo volume de notícias, direcionadas a esse tema, o que demonstra uma ampliação do debate acerca do profissionalismo no esporte. No tocante, a divulgação dos países que acolhiam os atletas brasileiros, pouca informação foi veiculada nos jornais sobre a forma que os jogadores eram tratados, como expressa a continuação da reportagem do jornal Minas Geraes de 5 de Agosto de 1931 abaixo:

> Um atleta que abandona a sua pátria e aceita em meio estranho uma obrigação prescrita em direito contractual, torna-se passivo até no próprio modo de viver e se, por acaso, é um autodidata, nasce logo natural imcompatibilidade de seu temperamento com o seu servilismo profissional, pois, que recebendo proventos para

[134] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes - Quarta-feira, 5 de Agosto de 1931, p.11.

> jogar, implicitamente aluga as suas capacidades físicas. Está, portanto, meio caminho andado para a escravidão[135].

Fica evidente, no trecho acima, uma tentativa de amedrontar os jogadores de futebol que almejavam sair do país e buscar a profissionalização, além de tentar afastar a idéia propagada, anteriormente, pelos meios de comunicação, de que era possível ganhar dinheiro e fazer fama jogando futebol num outro país. O autor da matéria enfatizou, com exemplos claros, a condição degradante de ser um jogador de futebol, como está explícito na continuação da matéria.

> Há tempos, quando o Vitória de Portugal, visitou Belo Horizonte, e aqui se empenhou em uma partida contra o Atlético, verificou-se um fato inédito e que define bem a situação de um jogador profissional. Terminado o jogo ferido entre os portugueses e o *club* mineiro, com a vitória deste, os componentes do quadro vencido reuniram-se no vestiário. E, ante o espanto de todos, dois elementos da embaixada do Vitória esbofetearam o extrema esquerda de sua equipe, alegando que os jogadores eram pagos para jogar o *football* e não para correr atôamente pelo campo. Está aí uma da muitas inconveniências de ser *player* remunerado. Nos *clubs* dessa capital, se tal forward amador, durante um jogo, perde oportunidades de consignar *goal*, podem preparar-se seus ouvidos, porque, depois do embate os adjetivos deprimentes e chocarreiros não faltarão. Ditos, convem esclarecer, pelos próprios admiradores de seu grêmio. Isto passa-se com amadores que defendem o *club* por favor. E se se tratasse então de um profissional? Bota-lo-iam certamente na contigencia de se recolher ao leito. – G[136].

Os exemplos acima representavam a forma como o cronista queria retratar os atletas profissionais nos times europeus e os atletas amadores nos times de Belo Horizonte. Por trás da imagem jocosa do jogador que foi esbofeteado no vestiário estaria o alerta para os envolvidos com o futebol, que não deveriam se submeter ao profissionalismo, pois estariam sujeitos a atos dessa natureza. A crônica, fazendo referência ao que aconteceria com os jogadores de futebol amadores em Belo Horizonte, deixou nas entrelinhas que,

[135] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes - Quarta-feira, 5 de Agosto de 1931, p.11.

[136] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes - Quarta-feira, 5 de Agosto de 1931, p.11.

se o nosso esporte fosse profissional, coisas muito piores seriam feitas com o atleta que não jogasse a contento. Para alguns cronistas da época, o jogador profissional, para ser bem sucedido no esporte, deveria dedicar-se ao máximo, para alcançar um desempenho compatível com os novos tempos do futebol que eram anunciados.

No entanto, nem todos pensavam dessa forma, e o *sportman* profissional passou a ser identificado, até mesmo, como um parasita da sociedade e da pátria.

> Outra conseqüência gravíssima do esporte minado pelo fanatismo e que diz diretamente com o *sportman* profissional, é o sulco que ele abre reto á vadiagem, tornando de elementos úteis verdadeiros parasitas da sociedade e da patria. Conduzindo o esporte apaixonadamente, exageradamente o homem dedica-se todo a ele e corre ás exigências do trabalho por não sobrarem a este as energias exigidas. Prova clara disto temos no que sucedeu há anos na Alemanha. Era costume e maximo prazer (e ainda é) dos rapazes e moças alemães o excursionar a pé e aos bandos, que os locais chamavam com muita propriedade de *Wandervoegel* ou Aves de Arribação, pelas estradas do país, trouxa á guiza de mochila ás costas e trajos especiais. Mas, tão mal compreenderam o agradável esporte, que a Alemanha viu surpreendida, certo dia, em uma sossegada praça de Stuttgart, este quadro triste e pilhérico, a um só tempo: um congresso de vagabundos mendigos. Surpresa maior a cobriu quando, pondo-se a polícia em contato com os congressistas, se certificou que era na maior parte homens robustos, sãos e perfeitamente aptos ao trabalho. Entretanto, mendigos, errantes de cidade em cidade, de porta em porta, de vergonha em vergonha, viviam eles arrastando a miséria, só porque, assim, poderiam cultivar o esporte para o qual se fanatizaram: andar – G. G. M.[137].

Até que ponto essas representações alteravam a experiência dos sujeitos com a prática do futebol, e qual era a repercussão do discurso da imprensa nos locais onde se praticava o futebol em Belo Horizonte é muito difícil de avaliar. Percebo, contudo, que ao se procurar os argumentos para combater a idéia do profissionalismo, a forma como a imprensa construiu o seu discurso fez com que ele ficasse muito enfático, agressivo e incisivo.

[137]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Domingo, 1 de Novembro de 1931, p.16.

As estratégias utilizadas foram as mais diversificadas, e no geral, consistiam em chocar as pessoas, atingindo princípios considerados nobres pela sociedade da época, como a idéia de trabalho, como algo que dignifica o ser humano, em contraposição a idéia de que o esporte era uma atividade fútil e que não contribuía muito, era um desgaste de energia desnecessário, sendo associado até como uma forma de vadiagem. Nesse sentido, diversas representações sobre o corpo, sobre o futebol, sobre a sociedade e sobre o jovem coexistiram.

Outra estratégia utilizada era a de sempre citar exemplos, pois dessa forma as pessoas se identificavam mais facilmente com as experiências relatadas, tornando o discurso mais eficaz, como no caso dos *"Wandervoegel* ou Aves de Arribação", cuja representação foi feita na matéria acima, mostrando que eram homens robustos e perfeitamente aptos para o trabalho, mas não qualquer trabalho, pois o esporte, na visão de quem escreveu a matéria não se constituía em uma atividade possível de ser considerada uma ocupação remunerada.

Mesmo que houvesse forte resistência, os jogadores recebiam proventos e gratificações em outras partes do Brasil e na América do Sul o que acabou influenciando as experiências dos jogadores de futebol em Belo Horizonte.

> Há tempos esteve em foco em todos os centros esportivos da América do Sul a questão do profissionalismo nos esportes. Raro o dia em que os jornais, tanto brasileiros como portenhos, não traziam um artigo ou uma entrevista com *sportmen* de renome sobre o magno assunto. Interessante é que, numa unanimidade expressiva, os cronistas sul-americanos profligavam veementemente a situação do jogador profissional. Mas, de outro lado, não deixavam de reconhecer que o amadorismo é pura fantasia nos nossos dias, uma vez que as bolsas estão sempre abertas, embora discretamente, aos verdadeiros *cracks* da pelota. No Rio, em Buenos Aires, e, meus senhores, até aqui no nosso acanhado quartel esportivo, rapazes robustos, fortes, aptos ao trabalho, vivem pelas esquinas, dando palpites, assegurando a próxima vitória, ou passada esta, comentando-a ociosamente, inutilmente, pelos bares, entre amigos e alguns *chopps*, com ares de quem gosa a vida nababescamente, mediante alguns *shoots* e alguns possíveis *goals*. Sem duvida, diante dessa situação, não há como, embora convencidos das desvantagens do

> profissionalismo, vê-lo com melhores olhos e até encontrar-lhe algumas virtudes. Essa questão volta agora novamente à base. Silenciados por alguns meses, os que escrevem a respeito de esporte surgem, de novo, clamando por uma medida ou movimento que definam de vez a situação do jogador, principalmente do de *football* que é o que mais proventos ou gratificações recebe. Quando ficará a questão resolvida? Ninguém pode antecipar. Os amadores se dividem na escolha: uns querem continuar como estão, outros querem o profissionalismo. E enquanto assim se divergem, o *regimen* das gratificações esportivas continua[138].

Chama a atenção, a ponderação do autor da crônica, para que se visse o profissionalismo com melhores olhos. Também a informação de que quem escrevia a respeito do esporte fora silenciado por alguns meses. Entendo que o silêncio, através da coerção dos autores das matérias que eram veiculadas nos jornais, não era por acaso.

Fortes interesses estavam por trás dessas coerções, o que desencadeava uma falta de consenso, mesmo entre os jogadores de futebol que divergiam, pois alguns eram favoráveis à implantação do profissionalismo, possivelmente, já vislumbrando maiores ganhos financeiros, enquanto outros eram resistentes a essa iniciativa, provavelmente sensíveis e temerosos aos rótulos, às críticas e sem perspectivar uma mudança substancial no regime de contratação que valesse a pena todo o enfrentamento aos princípios morais de uma sociedade tradicional e conservadora.

Outro ponto, que merece ser destacado, são os impactos na vida dos jogadores de futebol, que uma parte da imprensa, no intuito de desmotivá-los, tentou prever, mas acabou fazendo muitas especulações.

> Dentre os males que pode trazer o profissionalismo no *foot-ball*, avulta um que vale de ser lembrado: a burocracia. Sim, a burocracia esportiva, que leva o jogador, depois de algum tempo de obediência aos regulamentos do clube, a se vestir do ar do funcionario publico sempre triste, sempre queixoso, sempre irritante e também irritável. Jogando o *foot-ball* para ganhar a vida, para tratar da família, ele se torna desinteressante, desleixado, burocrático e, em tudo, dá sempre a entender as suas

[138] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Domingo, 27 de Março de 1932, p.5.

> aperturas de vida, as suas inquietações sobre o dia de amanhã, que o jogador não sabe se estará ainda com as duas pernas que Deus lhe deu ou sem uma que uma queda lhe tirou. E assim, pode o profissional do *foot-ball* elevar, melhorar as suas condições técnicas? Sem dúvida que não. Quem vive das pernas, humanissimo é que delas cuide com desvelo, com amor, certo de que, faltando-lhas, faltar-lhe-á, implicitamente, a menos que arranje outro meio de vida, o pão diário. E há, porventura, jogadores de *foot-ball* que não estão sujeitos aos azares de uma partida? Ninguém pode colocar o seu tornozelo indene das traves de uma *shooteira*, assim como um braço inquebravel a uma queda. Quem está na chuva é para molhar, diz a sabedoria do povo e quem joga o *foot-ball* não escapa dos perigos que ele oferece, principalmente nestes tempos em que é praticado com relativa violência[139].

O profissionalismo contribuía para acrescentar ainda mais nessa experiência dos *footballers*, pois tornava o jogo ainda mais complexo. Naquele momento em Belo Horizonte, além de algumas vantagens econômicas, o profissionalismo exacerbava a relação com a assistência, que começava a cultivar muitas admirações pelos jogadores que se destacavam em campo e que tinham carisma, respeito e reconhecimento na cidade.

O corpo, também passou a receber uma atenção especial dos aficionados pelo esporte. Era importante cuidar do corpo, pois nesse contexto ele se tornava um instrumento de trabalho, um meio de conseguir vantagens financeiras e de obter privilégios.

Por mais que se cuidasse, contudo, o risco de uma fratura era eminente, pois a euforia com o momento de transição do amadorismo para o profissionalismo, influenciava tanto na experiência dos sujeitos, que eles passaram a jogar com mais gana, com mais vontade, com mais força, e não respeitavam os limites que o corpo impunha. Nem mesmo os preceitos que as regras determinavam eram respeitados na sua totalidade. Alguns jogos, começaram a resultar em sururus autênticos.

No afã de combater o profissionalismo era importante evidenciar que os países europeus, que eram considerados no Brasil como exemplos bem

[139] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Domingo, 3 de Abril de 1932, p.25.

sucedidos de profissionalismo no futebol como já havia sido muito noticiado em Belo Horizonte, passavam por momentos de graves crises e insucessos.

> Na Itália, ao que se presume, o profissionalismo não tem dado resultados. O Lazio – para nos referirmos tão somente ao grande clube romano – enviou aos nossos campos um técnico. Sua missão era aliciar *cracks*. O emissario viu os nossos mestres do *association*, conversou, falou, ás vezes, alicantinamente, das belesas de Roma, das glorias que os esperavam, das vantagens, dos contratos e, seja dito, não discursou no deserto. Do Brasil, do Uruguai, da Argentina, desertaram vários jogadores famosos. Em pouco, estava o Lazio com um quadro composto só de sul-americanos profissionalizados. Que resultado teve o clube de Roma? Praticamente, nenhum. Esportivamente, ainda pior. No campeonato italiano ocupa o sétimo lugar. E interessante é que o ponteiro é o Bolonha, o mesmo que há tempos visitou o Brasil e foi surrado impiedosamente. Querem melhor exemplo? G. G. M.[140]

O emissário, esse personagem importante começou a circular pelos países que tinham um futebol mais desenvolvido. A simples presença desse representante dos times europeus no campo fazia com que a experiência dos jogadores fosse alterada, porque os mesmos sentiam-se observados e cobiçados. Era o jogador que tinha que convencer o emissário que podia jogar na Europa, que tinha futebol para isso. E não o contrário, pois como sugere o cronista parece que o observador, que vinha de fora, tinha ainda que fazer um certo tipo de propaganda sobre o seu país, o seu time e as vantagens que os mesmos ofereciam. Também havia os jogadores dos clubes mais renomados na cidade que não tinham interesse em se transferir para fora do país para jogar futebol, mesmo esses foram impactados de alguma forma, pois o jogo tornava-se mais disputado, com alguns fazendo de tudo para se destacar.

Não obstante, os fatos que transcorriam em Belo Horizonte, tinham a sua velocidade peculiar. As nossas especificidades ficavam claras para quem acompanhava pelos jornais as tentativas de formar opinião por diferentes segmentos da sociedade que não podiam admitir que o profissionalismo no esporte roubasse o precioso tempo dos nossos jovens e reduzissem os mesmos

[140] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais, Domingo, 3 de Abril de 1932, p.25.

a sujeitos vazios, acomodados, malandros, quase vagabundos. Novamente, esse preconceito que se sustentava, no olhar desconfiado de quem podia efetivamente lançar mão de algum meio para influenciar as opiniões alheias.

Porém, um fato externo contribuiu decisivamente para diminuir as tensões relacionadas ao profissionalismo no futebol na realidade belo-horizontina. A criação de uma liga dos profissionais na capital federal foi um passo decisivo para a aceitação do profissionalismo em Minas Gerais. O quadro não mudou de uma hora para outra, pois as resistências continuaram existindo, muitas permanências podem ser evidenciadas no decorrer dos anos e das décadas. No entanto, a postura moralista explicitada nos jornais, com freqüência razoável, começou a mudar, ou a ser abafada e reprimida, com a repercussão dos fatos relacionados ao profissionalismo no futebol no Rio e em São Paulo.

O profissionalismo no Rio de Janeiro também não aconteceu sem resistências, como revelou o estudo de CALDAS[141], no entanto, com a criação da liga dos profissionais pelos cariocas, não fazia sentido correr o risco de perder os melhores jogadores de Belo Horizonte para os times do Rio.

> Referem os jornais do Rio que foi fundada na capital federal, por sete *clubs* filiados á AMEA, a liga dos profissionais, cujos objetivos, tanto quanto o laconismo das notícias permite supor, se prendem á implantação do profissionalismo no *foot-ball* nacional. O fato, a despeito do muito que significa para a vida esportiva do país, não provocou em nossos meios a menor surpreza. Todos quantos acompanham quotidianamente as questões dos esportes sentiam que, mais dia, menos dia, a situação do amadorismo mascarado teria a sua queda, forçada por circunstâncias varias, dentre as quais vale salientar a de ordem financeira. De fato, ilaqueados por seguidas crises de caráter esportivo, os *clubs*, principalmente os que patrocinam de preferência o *foot-ball*, vêm de há muito sentindo as graves conseqüências da falta de dedicação de seus defensores, que sob o véu de amadores, sorvem á sorrelfa polpudas gratificações, sem que, para compensa-las, estejam sujeitos a dispositivos que os não permitam a transferência fácil para outro *club*. Dessa situação instável e, por isso mesmo, privilegiada do jogador, decorre que o *club* muitas vezes, depois de relativos gastos, vê um seu elemento bandear sem mais nem menos, magnetizado por outros proveitos mais vantajosos. De outro lado, inegável é que, nesta

[141] CALDAS, 1990.

> época de aperturas, um rapaz não está disposto, gratuitamente a arriscar as suas energias e perfeição física, as suas horas de descanso e os seus conhecimentos técnicos a troco de aplausos que, se enchem o espaço de sons, não enchem os bolsos de notas. Isto posto, temos que está provado o motivo por que não trouxe o licor da sensação a notícia do profissionalismo oficializado no Rio. Se ele é vantajoso para o jogador e ainda mais para o *club*, só nos cumpre aceitar o novo estado de coisas. Quanto aos resultados para o esporte, o futuro se encarregará de demonstra-los[142].

O jogador que tinha o desejo de profissionalizar-se não queria mais só o aplauso. Queria também, como está escrito na matéria acima, "encher os bolsos de dinheiro". Assim sendo, os jovens que se envolviam com o futebol em Belo Horizonte foram impactados pelo profissionalismo de alguma forma, pois suas experiências e suas formas de relacionamentos, dentro e fora dos gramados, estavam condicionadas ao fato de poderem ser remunerados.

No entanto, o cronista que escreveu a matéria anterior, generalizou uma situação que envolvia muitas outras circunstâncias, dimensões, personagens e outras formas de encarar o futebol. Volto a afirmar que, a partir das fontes consultadas, nesse período poucos jogadores recebiam alguma vantagem financeira para jogar, apesar de muitos ambicionarem atingir uma condição privilegiada através do futebol. Poucos indícios foram encontrados que me permitem afirmar que havia alguma remuneração.

> *Footbal*l, sim, *football* merece tudo. Treinadores, custeio de profissionaes, automoveis para levar os jogadores ao campo nos dia de *traning*, emfim, tudo que se pode fazer para se ter bons *teams* e, como premio destes esforços, temos grandes derrotas, quando jogamos contra quadros doutros Estados, ás vezes, muito inferiores aos nossos[143]!

Não eram todos que podiam se dar ao luxo de se moverem pela música do dinheiro, alguns se recusavam a ter como hino e como melodia o som das pratas. A industrialização do futebol não podia tirar os encantamentos que o prazer do jogo despertava em muitas pessoas. Não era simples para a

[142] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Quinta-feira, 1 de Setembro de 1932, p.11.
[143] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Domingo, 23 de Março de 1930. p.9.

sociedade em Belo Horizonte transformar uma prática de divertimento numa atividade remunerada, cujo único fim fosse o interesse pelas gratificações ou pelas vantagens prometidas ou vislumbradas.

Algumas suposições, sobre possíveis ganhos e remunerações, podem ser encontradas nos jornais nesse período de afirmação do profissionalismo. Todavia, não passam de especulação. Como o depoimento do presidente do Athletico, sr. Thomaz Naves, que fez declarações sobre possíveis incentivos financeiros aos jogadores de Belo Horizonte no Rio de Janeiro, antes mesmo da implantação do profissionalismo no futebol brasileiro. Essa entrevista foi concedida pelo presidente do Athletico num momento em que havia uma disputa entre o sr. Clovis Pinto e o sr. Thomaz Naves.

> Said de Paula Arges, que é grande no *Foot-ball* e maior na sua sinceridade, confessou a seus amigos, quando esteve no Rio e chegou a fazer inscripção por aquelle clube (antes de ingressar no profissionalismo) que precisaria para obter o passe, de restituir 2 contos de réis que recebera por antecipação. Que bello amadorismo! E quando Cannll esteve aqui, em 1931, aliciando jogadores do Athletico, será que a única vantagem offerecida era a de o amador poder entrar e dançar nos luxuosos salões do Botafogo? Só mesmo com uma dose de boa vontade é que se engoliria uma pílula dessas[144].

Como prosseguimento da pesquisa foi de crucial importância compreender os conflitos entre as entidades que comandavam o esporte em Belo Horizonte em 1931 e 1932, porque a falta de sintonia, entre essas instituições, foi determinante para os rumos que o profissionalismo teve na capital mineira, como será abordado mais a frente no presente trabalho.

[144] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Domingo, 7 de Maio de 1933, p.6.

CAPÍTULO 3

"O Supremo tribunal das encrencas *sportivas* que é a Liga Mineira" e os "sururus".

Em São Paulo e no Rio de Janeiro as federações protagonizaram um papel central na afirmação do profissionalismo, com os descontentes fundando novas entidades que defendiam os interesses dos clubes e dos atletas que queriam que o esporte fosse profissão. Segundo SALLES, "os debates iniciais surgiram de forma ambígua, onde os dirigentes se dividiram entre interessados e contrários ao surgimento do regime profissional. Os discursos geravam argumentos moralizadores que alimentavam ambos os lados[145]". De acordo com o autor citado acima esse momento do futebol pode ser explicado a partir das três teses desenvolvidas por Hirschman[146] (1992), que estudou as transformações sociais no século XX e apresentou as teses da ameaça; do efeito perverso e da futilidade.

> Possivelmente os conservadores, aqueles contrários ao regime profissional utilizavam a retórica da intransigência nas suas argumentações na perspectiva desenvolvida por Hirschman: A) Alguns se sentiam ameaçados com a mudança, pois acreditavam que seu espaço de distinção seria invadido por indivíduos que não apresentavam o mesmo padrão social, e principalmente a eminência da perda de poder (Tese da ameaça); B) outros argumentavam que a mudança de regime poderia provocar um efeito contrário ao que alguns reformadores acreditavam, pois a moralização através do contrato, mesmo que garantisse o espetáculo poderia provocar uma despesa que o clube não teria condições de arcar (Tese do efeito perverso); e, C) outros apenas colocavam que tal mudança não passaria de ilusão, pois não resultaria em nada e que tudo retornaria ao que era anteriormente (Tese da futilidade)[147].

[145] SALLES, 2004, p. 123. José Geraldo do Carmo Salles discutiu essas e outras questões na sua tese de doutorado intitulada: Entre a paixão e o interesse – o amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro, defendida na Universidade Gama Filho em 2004.
[146] HIRSCHMAN, 1992.
[147] SALLES, 2009.

Em Belo Horizonte duas instituições concorriam pela hegemonia do esporte na cidade. A liga mineira de futebol, apesar da importância do seu papel, não deixou de ser alvo de muitas confusões que alteraram as experiências dos jogadores de futebol, da assistência e dos envolvidos com o jogo.

As desavenças entre a Liga Mineira de Desportos Terrestres (LMDT) e a Associação Mineira de Esportes Terrestres (AMET) era uma constante. Apesar das duas entidades viverem em desarmonia, a questão do profissionalismo - até 1933 - não era uma prioridade para as instituições responsáveis pelo futebol em Belo Horizonte.

Pelas especificidades do futebol na capital mineira, as teses desenvolvidas por HIRSCHMAN[148] e apresentadas por SALLES[149], aplicaram-se também no campo esportivo que consolidou-se na cidade.

Em alguns momentos percebi nas fontes alguns ecos que sinalizavam a preocupação dos cronistas esportivos, dos jogadores e dos dirigentes com as despesas que os clubes não teriam condições de arcar, o que vai ao encontro da tese do efeito perverso[150]. Encontrei também indícios que remeteram à tese da ameaça, principalmente por parte da diretoria do América que resistiu a idéia do profissionalismo e não queria adotar o futebol remunerado[151]. E, também, há indícios que levaram-me a acreditar que os jogadores, principalmente aqueles ligados à elite, não acreditavam que o profissionalismo fosse concretizar-se em Belo Horizonte, e que apesar de toda a repercussão tudo voltaria a ser como era antes, ou seja, a tese da futilidade[152] esteve presente nas crenças, ou nas descrenças dos jogadores que não acreditavam no futebol remunerado na capital mineira[153].

[148] HIRSCHMAN, 1992.
[149] SALLES, 2004.
[150] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 23 de Fevereiro de 1933, p.8.
[151] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sexta feira, 24 de Fevereiro de 1933, p.8.
[152] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 15 de Junho de 1933, p.6.
[153] Pelas particularidades da realidade belo-horizontina acredito que outras questões devem ser investigadas nesse contexto, como os times de periferia, as pessoas que comandavam o esporte na cidade e as tramas decorrentes das instituições que despontaram a partir de 1933, Liga Amadora de Futebol (L.A.F.) e Associação Mineira de Esportes (A.M.E).

O poder e o domínio dos esportes era o que mais importava para as duas organizações concorrentes, LMDT e AMET, e que eram as responsáveis por gerir o Esporte em Belo Horizonte. Diversos setores buscaram amenizar as tensões entre essas instituições, no entanto, não obtiveram êxito.

Uma das tentativas de acordo foi articulada pela Associação de Chronistas Desportivos[154] que buscava solucionar os problemas em prol das rodas esportivas da capital.

Com o passar do tempo, a Liga Mineira começou a receber críticas mais pesadas, pois segundo os jornais a tolerância dessa entidade estava comprometendo o progresso do futebol no estado. A indisciplina de alguns jogadores atestava que essa instituição era condescendente com os atletas infratores e com os clubes.

> A Liga Mineira, na parte que se refere á sua commissão de *sports*, é uma sociedade secreta. O pessoal da Liga assiste aos treinos. Verifica os defeitos e as fallas do nosso *football*. Mas não dá ao povo, que paga para ver até os treinos, nenhuma explicação[155].

A imagem que a imprensa construiu dessa entidade foi de omissão e desrespeito com o público que pagava para assistir aos jogos. Várias atitudes foram cobradas na matéria. No entanto, pelo tom da reportagem, percebe-se que os cronistas tinham poucas esperanças, que fossem solucionados os problemas encontrados.

Um manifesto do *Club* Athletico Mineiro aos seus associados e ao povo de Bello Horizonte[156] demonstrou a indignação que começava a surgir naquele momento contra a Liga Mineira. Em muitos casos o que motivava as insatisfações dos atletas e dos clubes eram os erros que a entidade máxima do esporte não tinha a vontade de corrigir. Muitas falhas de árbitros que ficavam impunes, erros de interpretação absurdos que davam a entender que existia má fé nas decisões, prejuízos para os jogadores que por decisões arbitrárias eram

[154] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes - Domingo, 10 de Abril de 1927, p.10.
[155] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Sexta-feira, 25 de Outubro de 1929, p.14.
[156] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes, Sabbado, 19 de Julho de 1930, p.10.

excluídos dos jogos, e até mesmo do esporte, por arrogância ou abuso de autoridade de alguns.

Um caso que representou muito bem os desmandos da Liga foi o do jogador Pantuzzo que atuava na partida Calafate – Fluminense. O fato fora amplamente divulgado pela imprensa. O jogador veio a público manifestar sua intenção de recorrer da decisão que o privou de praticar o futebol nas equipes subordinadas a Liga Mineira[157].

Na versão apresentada por Pantuzzo, ele afirmou ter agredido o árbitro Alcides Meira em represália a uma grave ofensa que esse lhe dirigiu. O conselho dos julgamentos da Liga Mineira eliminou o jogador dos meios esportivos sem apurar, com critérios claros e com um mínimo de imparcialidade, o ocorrido.

O Calafate, time de Pantuzzo, não se posicionou para defendê-lo, no entanto, a imprensa começou a abrir espaço para o jogador, entendendo que o conselho dos julgamentos não havia apurado as verdadeiras responsabilidades no incidente.

> A declaração de Pantuzzo e o que se comenta nos nossos meios esportivos nos permitem duas conclusões sobre a questão em foco, as quais, ignorando esta secção as cores dos *clubs* locais não nos trepidamos em fazer publico. A primeira é que, de fato, os dirigentes do Calafate cometeram uma irreprovavel ingratidão para quem, durante muitos anos, vem pondo ao interesse do *club* todas as suas energias e capacidades de *foot-baller*. A segunda e, pelo que afeta a um órgão de ampla ascendência sobre os filiados da Liga Mineira, mais importante e, por isso mesmo, mais grave, é que o Conselho dos Julgamentos julgou o incidente entre Pantuzzo e o juiz, sr. Alcides Meira, discrecionariamente, não instaurando, como era de se esperar e de sua obrigação, o inquérito imprescindível para apurar as verdadeiras responsabilidades[158].

A decisão de excluir Pantuzzo dos campos de futebol foi interpretada pela imprensa como uma injustiça cometida ao jogador. O fato de o árbitro ser do quadro A, e o jogador de um time suburbano, teria influenciado na decisão, o

[157] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Sexta-feira, 28 de Agosto de 1931, p.9.
[158] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Sabbado, 29 de Agosto de 1931, p11.

que para o cronista responsável pela matéria acima, dava-se a entender, que era uma injustiça.

> Neste caso, a própria Liga Mineira adota a política do epidiomorfismo, que a todos ferros devemos combater, por julgá-la altamente prejudicial aos interesses do esporte mineiro. Se a Comissão Técnica não quis tomar uma decisão definitiva sobre o caso de Pantuzzo, é porque julgou deficientes as declarações lavradas na sumula, sendo portanto necessário reunir e ouvir as testemunhas do fato, o que não é da sua alçada. Assim não entendem, entretanto, o Conselho dos Julgamentos, pois que, a nosso ver, a eliminação de Pantuzzo foi feita sumariamente, sem consultar os interessados. E esse mau juízo ficará de pé enquanto provas concludentes não nos mostrarem o contrario. - G[159].

Esse episódio, descrito acima, deflagrou uma série de questionamentos e conseqüências que repercutiram em Belo Horizonte afetando as experiências de muitos envolvidos com o futebol. O alto tribunal da Liga e o Conselho de Julgamentos começaram a ser duramente criticados e questionados[160].

A LMDT foi acusada de não possuir um código dos esportes, que, para a imprensa, deveria ser entregue para todos os clubes filiados à Liga para que não ocorressem decisões arbitrárias, como a do jogador Pantuzzo.

Com toda a repercussão que o caso envolvendo o juiz Alcides Meira e o jogador Pantuzzo tivera, a assistência começou a se manifestar nas arquibancadas.

> O juiz do prélio, sr. Alcides Meira, o mesmo que lançou em uma sumula as tremendas acusações que deram causa á eliminação de Pantuzzo da Liga Mineira, esteve, sem duvida, em situação melindrosa perante a assistência que acorreu ao *field* palestrino. Os afeiçoados do valente Fluminense, ante a queda deste, não compreenderam que uma derrota é fato natural no *foot-ball*. E, achando que ao juiz cabia toda a culpa dos arroxos de suas amarguras, moveram contra o sr. Alcides Meira descontrolada e sistemática oposição, brindando-o com epítetos nada aceitáveis e

[159] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Sabbado, 29 de Agosto de 1931, p.11.
[160] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Domingo, 30 de Agosto de 1931, p.13.

> enumerando, em palavreado mordaz, os pênaltis que s. s. não consignou a favor do bando de Dario[161].

Os desdobramentos, do episódio descrito acima, podem ser acompanhados pela imprensa. O árbitro começou a ser perseguido pelos torcedores, em função da polêmica que ele se envolveu e da divulgação que o fato teve.

Nesse momento, que o Rio de Janeiro e São Paulo estavam discutindo a questão do profissionalismo, com várias posições sendo defendidas entusiasticamente, é de se estranhar que na imprensa mineira as matérias sobre essa questão tenham desaparecido, ou ficado ainda mais esporádicas. O silêncio, sobre a transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol em Belo Horizonte, por parte da imprensa, pode ser um indício que pessoas com outros interesses não queriam promover este debate. Ao desviar-se o foco para um desentendimento em campo entre um árbitro e um jogador, as instituições que deveriam promover o debate, de uma questão tão importante para o futuro dos esportes, pretendiam manter o futebol nos mesmos moldes amadores.

Outros casos começaram a ser expostos nos jornais.

> Positivamente, nós estamos na época dos casos. Suposto que a evolução do mundo derrama mais luz e consequentemente claridade nas cousas, os dias que correm formam uma exceção á parte. A fácil compreensão desejada vai tomando assento o obscurantismo. E verdade é que tudo está tão confuso... O *foot-ball*, que é entre as distrações com que se esquece a vida, incontestavelmente, o maior inimigo das trevas, porque a sua pratica exige luz e muita luz no ambiente, esta também, em Belo Horizonte, sofrendo das conseqüências do emaranhado atual de tudo. Nada menos de três importantes casos estão esperando a solução da Liga Mineira[162].

Dessa forma, a matéria continua com o relato de três casos envolvendo jogadores, clubes e a Liga Mineira. O primeiro envolvendo o Palestra, que entrara com um recurso contra o Vila para anular a partida. O segundo porque a Liga teria eliminado o jogador Gustavo do S. C. Siderúrgica, que havia se

[161]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Segunda e terça-feira, 31 de Agosto e 1 de Setembro de 1931.
[162]Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Quinta-feira, 10 de Setembro de 1931, p.11.

transferido para o Vila. E o terceiro envolvendo Humberto do América e o juiz Dunorte que acusou o jogador em uma súmula. A matéria termina de uma forma irônica.

> Como se vê, nada menos que três casos complicados estão esperando a fala da Liga Mineira. O que nos anima é que madame Laila está na Terra e pode dizer-nos sobre o dia de amanhã – G. G. M.[163].

Mesmo que madame Laila tivesse poderes sobrenaturais, penso que ela não conseguiria prever a série de acusações, denúncias, relatos de confusões e sururus dos mais diversos que começaram a ganhar as páginas dos jornais. Num emaranhado de episódios que aguardavam a solução da Liga Mineira os leitores acompanhavam o desenrolar dos fatos.

Com os procedimentos pouco isentos adotados, muitos descontentes também manifestaram-se em público, repudiando as decisões da entidade que comandava os rumos do futebol na cidade, e a situação tornou-se insustentável.

É importante destacar que a Liga Mineira passou a ser alvo de muitas críticas[164], e também passou a ser responsabilizada por tudo que acontecia nos campos, ou fora dele.

> Já porque nos competem apontar e focalizar os pontos sombreados do panorama esportivo local, já porque seria, sem duvida, condenável um indiferentismo nosso em face dos espetáculos que tão amiude se vêm repetindo em nossos campos, cumpre-nos fazer apelo aos diretores da Liga Mineira no sentido de ser movida uma campanha coletiva da pratica da violência pelos jogadores dos clubes que se batem, os quais, com essa nova face de exibições, estão desviando sensivelmente o *football* de sua verdadeira e única louvável finalidade: o aperfeiçoamento físico da raça[165].

Volta e meia algumas tentativas de aproximação entre os clubes e a Liga Mineira foram articuladas[166]. No entanto, essas manifestações de apoio a

[163]Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Sabbado, 19 de Setembro de 1931, p.11.
[164] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Domingo, 20 de Setembro de 1931, p.18.
[165]Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Quarta-feira, 23 de Setembro de 1931, p.13.
[166] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Domingo, 4 de Outubro de 1931, p.10.

entidade máxima dos esportes em Belo Horizonte desfaziam-se na mesma velocidade que eram encaminhadas. Nos primeiros sinais de desentendimentos todos ficavam alarmados a espera de uma ruptura definitiva com a Liga Mineira, pois um grupo constituído por clubes oposicionistas estava a espera de algum deslize dessa instituição para buscarem os seus direitos.

> Os jogos de *foot-ball* que estavam marcados para a tarde de domingo passado, em continuação do campeonato da primeira divisão da Liga Mineira, não se realizaram. Mantendo a atitude, antes tomada de oposição á atual diretoria da nossa maior entidade esportiva, Vila, América e Sete não compareceram ás partidas que iriam disputar com o Calafate, Guarani e Palestra, respectivamente[167].

Os clubes de oposição resolveram com essa atitude romper de vez com a Liga Mineira. Enquanto isso, os jornais lamentavam a não realização dos jogos[168].

Numa matéria em que o cronista ressaltou a privação de agradáveis emoções que a final do campeonato de futebol, entre América e Athletico, iriam proporcionar, houve a menção à divisão da família esportiva mineira. No entanto, apesar do termo família sugerir uma harmonia, todos que acompanhavam os jornais sabiam que a Liga Mineira estava muito longe disso. Era apenas retórica, ou estratégia para amenizar a situação. As divergências eram constantes e os desentendimentos eram habituais.

Ao mesmo tempo que os representantes da Liga moviam-se para processar os clubes que recusaram-se a efetuar suas partidas[169], os clubes dissidentes se articulavam para se fortalecer. Com essa finalidade, promoveram um festival esportivo com dois jogos de futebol, que segundo consta, provocou vivo entusiasmo nos esportistas da capital[170].

No entanto, esses problemas afetavam de alguma forma os ânimos dos envolvidos com o esporte. “Quem vive das nossas coisas esportivas não pode

[167]Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Segunda e Terça-feira, 5 e 6 de Outubro de 1931, p.13.
[168] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Segunda e Terça-feira, 12 e 13 de Outubro de 1931, p.11.
[169]Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Sexta-feira, 23 de Outubro de 1931, p.11.
[170] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais - Domingo, 25 de Outubro de 1931, p.9.

afirmar, peremptoriamente, que o dissídio que se abriu no seio da Liga Mineira não arrefeceu muito o entusiasmo dos esportistas locais, no que toca ao *foot-ball*[171]".

Para evitar mais abalos na estrutura geral do esporte em Belo Horizonte uma série de medidas começaram a ser pensadas. A proteção que deveria vir da Liga Mineira para os pequenos clubes da cidade era uma dessas ações que visavam a manutenção do público nos estádios, o interesse das pessoas pelo esporte e, principalmente, a permanência da Liga Mineira. Essa entidade, sentindo-se ameaçada, procurava se fortalecer de todas as formas.

> Quando, há tempos, em crônicas diárias, focalizamos os diversos apelos do panorama esportivo da capital, não escapou à nossa observação a necessidade de uma proteção segura e eficiente da Liga Mineira aos chamados pequenos *clubs*. Tendo à sua frente não poucos e pequenos obstáculos, apoiados em um corpo social às vezes inexpressivos pelo numero, lutando com os mais sérios óbices, os pequenos *clubs*, que os há muito em nossa cidade, vêem não raro os seus esforços anularem-se no melancolismo de um progresso tordo, que a irreverência atual torna ainda mais sombrio. Que de sacrifícios não tem exigido de seus diretores a estabilidade de um *club* como o Calafate, cuja fonte de renda se limita, com certeza as mensalidades de seus associados? Entretanto, mais por milagre que por jogo de finanças, esses *clubs* vivem dentro da ordem e da disciplina, acodem com pontualidade suas obrigações, mantêm simples e decentemente a sua sede, além do muito que indiretamente, do silencio de seus cantos, sem os foguetes coloridos da publicidade, colaboraram no alevantamento moral e técnico do esporte mineiro[172].

Foi necessário que uma crise se impusesse, no seio do futebol mineiro, para que a Liga se mostrasse interessada nos times pequenos. Naquele momento, era importante para a entidade que representava o futebol em Minas Gerais buscar o máximo de apoio possível. É curioso observar a ênfase que o cronista deu ao fato de que, apesar de todas as dificuldades, os clubes considerados pequenos cumpriam todos os seus compromissos de ordem, disciplina, pontualidade e obrigações.

[171] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Segunda e Terça-feira, 26 e 27 de Outubro de 1931, p.14.
[172] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Quarta-feira, 6 de Janeiro de 1932, p.8.

> Em uma visita que fizemos ontem á sede do Guarani, sentimos na simplicidade encantadora que enfeitava o interior do prédio, no trato amável dos sócios do *club* indígena, na fidalguia espontânea de seus diretores, que estavam em face de uma colméia de silenciosa e fecunda atividade, onde o clubismo, o partidarismo, o extremismo não tinham ainda, como sobreticiamente fazem, deturpado as estruturas morais. Quem se põe ao contato desses despretenciosos grêmios esportivos é que póde, à evidencia incontrastável dos fatos, avaliar o quanto imprescindível se torna um apoio oficial a tão grandes e nobres esforços, despendidos com altivez e sem outros intuitos que não os de auxiliarem, embora sem o espalhafato dos nossos dias, na manutenção do ritmo progressivo do esporte montanhês. Agora, que se pretende fazer geral revisão nos estatutos da Liga Mineira, para molda-los às necessidades do momento, porque o evolucionismo natural os tornara infenso ao espírito dos dias correntes, a situação dos pequenos *clubs* deve ser objeto das cogitações, afim de que eles possam, ao influxo de uma proteção sólida e constante, alcançar a linha de progresso em que se ostentam os *clubs* poderosos. – G. G. M.[173]

Há uma indireta menção aos clubes dissidentes, que por serem considerados grandes, e terem menos empecilhos para manterem-se, deveriam agir de forma correta, ordeira e responsável, na visão da Liga Mineira, como os clubes pequenos.

Outra tentativa de resolução do problema foi a intervenção da CBD, que buscou um acordo sem sucesso para acabar com a cisão da LMDT[174]. Com o mesmo objetivo o Palestra Itália lançou um manifesto aos esportistas belorizontinos "encarecendo a necessidade da pacificação dos esportes montanheses e convidando os *clubs* filiados a liga mineira para uma reunião especial[175]", onde discutiria-se a fórmula da reconciliação.

Chamou a atenção, nessas tentativas de resolução dos problemas no futebol mineiro, um ofício da diretoria do Palestra Itália ao Atlético[176]. A iniciativa do referido clube foi bem acolhida pelo Atlético que declarou-se partidário da pacificação.

---

[173] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Quarta-feira, 6 de Janeiro de 1932, p.8.
[174]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sabbado, 30 de Janeiro de 1932, p.11.
[175] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Segunda-feira, 1 de Fevereiro de 1932, p.15.
[176]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Quarta-feira, 3 de Fevereiro de 1932, p.11.

Liderando o movimento de reconciliação, o Palestra Itália reuniu alguns clubes, que enviaram um requerimento a Liga Mineira, solicitando a anistia para os clubes que foram eliminados[177]. Essa união dos clubes era interpretada positivamente nos jornais que sustentavam uma representação funcionalista de esporte.

> O caso da pacificação da família esportiva mineira tem sido o centro de interesse de quantos, neste estado, compreendem a elevada importância da Educação Física na melhoria da raça[178].

O que era fortemente discutido em Belo Horizonte em 1932 era a crise que vivia a Liga Mineira. Outro documento solicitando a anistia, aos clubes, e aos jogadores eliminados, reforçou o apoio à LMTD[179]. Esse impasse vinha se arrastando desde setembro do ano anterior, o que fez com que eu levantasse a hipótese que esses episódios ganharam uma grande repercussão por parte da imprensa e foram supervalorizados, com o propósito de tirar o foco da sociedade belo-horizontina de outras questões que incomodavam a tradicionalíssima elite da cidade, sendo uma dessas questões a discussão sobre a implementação do profissionalismo.

Entretanto, as pessoas não ficaram alheias a esse debate em Belo Horizonte porque não eram poucos os habitantes da capital mineira que circulavam no Rio e em São Paulo, onde essa questão estava muito em evidência.

Quando as pessoas pensavam que a anistia seria concedida pela Liga Mineira, e que as coisas estavam acalmando-se, alguns clubes não concordaram com as medidas, o que gerou o agravamento da questão[180]. Todas essas confusões que se estenderam por meses, que começaram com decisões arbitrárias do conselho de julgamentos da Liga Mineira e que tiveram vários desdobramentos, culminaram com a ruptura dos times dissidentes e com a fundação de uma nova entidade.

---

[177] Arquivo da Imprensa Oficial -Minas Gerais - Sabbado, 6 de Fevereiro de 1932, p.10.
[178] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sabbado, 13 de Fevereiro de 1932, p.9.
[179] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais Terça-feira, 16 de Fevereiro de 1932, p.12.
[180] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Segunda-feira, 22 de Fevereiro de 1932, p.11.

Assim, no dia 11 de Março de 1932, num manifesto dirigido ao povo esportivo de Belo Horizonte, no jornal Minas Gerais, os representantes da recém fundada Associação Mineira de Esportes Gerais (A.M.E.G.) veio a público comunicar sua fundação.

> Temos o prazer de participar ao povo esportivo de Minas a fundação da A.M.E.G. (Associação Mineira de Esportes Gerais). Sua origem que parece ter um fundo de rebeldia, em conseqüência da atitude assumida pelos *clubs* que a constituem, não passa, em realidade, do resultado de um louvavel choque de princípios e ideais, verificado no seio da família da L. M. D. T., cujos resultados, apesar da perplexidade estabelecida pelos espíritos confusos e arrelientos, de personalismo indomável, muito comuns nas campanhas desse gênero, estão claramente ao alcance da mentalidade serena dos homens equilibrados que se interessam por qualquer das correntes que se definiram: - Conservadora e evolucionista. A A.M.E.G. não é, pois, uma instituição desalmada, nem tem os seus característicos morais flexíveis e plásticos das que se formam ao abrigo de promessas, hipocritamente, preparadas para arma de combate e, portanto, á ação maior ou menor dos obstáculos do meio em que deve atuar[181].

Mesmo com a criação de uma nova entidade, a Liga Mineira de Desportos Terrestres continuou atuante e representando uma parcela dos clubes da cidade. Contudo, nesse novo panorama pouca coisa mudou no que tange a postura das duas instituições com relação ao profissionalismo nos esportes. No manifesto da recém fundada entidade ficou claro que a mesma pretendia manter muitos dos princípios que regiam L.M.D.T.

> Ela é o desdobramento de uma mesma força que por caminhos diferentes se dirigem para os mesmo objetivos, divergentes, é certo, entre si, quanto aos meios e processos. Tem particularidades genuinamente suas em relação ao nosso meio, porque da perspectiva em que se encontra deixa aflorar, evoluído, o elemento psíquico-genetico que existia em estado latente, na alma da nossa mocidade esportiva, desde que, em Belo-Horizonte, um pugilo de *clubs* se constituiu em liga, objetivando liderar o esporte em Minas[182].

[181] Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p.9.
[182] Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p.9.

Entendo que toda essa repercussão da divisão dos clubes em duas entidades tenha influenciado na maneira como os sujeitos viviam o futebol nesse momento. Não dava para ficar indiferente ao quadro anteriormente apresentado, que, de alguma forma, afetava a todos e atingia, sobretudo, aos jogadores.

> Que tem feito de bom o esporte entre nós? – Construído estádios á custa do estropeamento de algumas centenas de jovens que descem ao gramado dos campos sem preparo cientificamente adequado ao esforço que vão fazer, em defesa de pavilhões que os abrigam, enquanto eficientes e como simulacros de gladiadores romanos para gáudio de uma assistência que paga e faz, impertinentemente, jus a fortes emoções. Ainda bem, porque são poucas as vitimas; e, tão poucas, que não chegam a desfazer a impressão de que os nossos estádios são obras mortas de arte, erigidas para perpetuarem as glorias da velha Helade[183].

Foram essas promessas ambiciosas que a A.M.E.G., na sua intenção de levar a frente uma proposta de intervenção nos esportes, que não tinha sustentação naquele contexto, queria implementar, sem uma real idéia de quais seriam as ações possíveis, apesar de a todo momento seus representantes sustentarem no discurso uma posição de enfrentamento aos problemas que os mesmos conseguiam identificar.

> A A.M.E.G. não permitirá a permanência desse deplorável estado de coisas. Ela enviará esforços e sabe como faze-los para que os seus filiados, como células vivas de uma tendência, como o são as tendências lúdicas, tomem diretrizes que a recomendarão no concerto das instituições que cuidam da eficiência do nosso povo, e por conseguinte, de fortalecer o espírito da brasilidade, de que tanto carece a pátria brasileira para ser grande e feliz. A pratica exagerada duma das atividades esportivas, em outras que a compensem, determina o desenvolvimento e até a hipertrofia de certas partes do corpo em detrimento de outras. Rompe, portanto, o equilíbrio das formas e das funções, o que pode acarretar e acarreta, aliás, perigos manifestos. É precisamente o que acontece entre nós. O perigo está nesse exagero desenfreado, acrescido em sua gravidade, do mercantilismo que adultera criminosamente os meios para a conquista do utilitarismo clubistico e gloria fictícia[184].

[183] Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p.9.
[184] Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Gerais – Sexta-feira, 11 de Março de 1932, p.9.

Quem viveu esse momento e foi mais afetado por uma transformação tão complexa do futebol foram os jogadores. Em todas as fases da vida esse impacto repercutiu nas experiências dos mesmos. Contudo, os jovens[185] pelo seu envolvimento com o futebol contribuíram demasiadamente para as mudanças.

O amadorismo, que ainda era hegemônico em Belo Horizonte, começou a dar sinais de enfraquecimento, embora poucas ações concretas de profissionalização no futebol, fosse efetuada, até o ano de 1932, na capital mineira.

Os maiores aliados dos jogadores que sonhavam com a profissionalização do futebol em Belo Horizonte eram os cronistas. A imprensa trazia em suas matérias a situação de outros países que haviam adotado o profissionalismo no esporte. Os cronistas traziam à discussão temas relacionados aos incentivos, gratificações e benefícios concedidos aos jogadores. Esse debate fazia aflorar ainda mais as disputas dos jovens em campo.

> Faltam dois dias apenas para o jogo entre os mineiros e os fluminenses. E emquanto não chega o Domingo, a gente que mexe com *football* vive discutindo inutilmente. Os rapazes de Bello Horizonte andam cheio de melindres. Brigam á toa. Torcedores do Athletico, Palestra e América continuam a indicar para o *scratch* todos os jogadores de um *club* só[186].

Nesse cenário de disputas, pertencer ao *scratch* também fazia que os ânimos se exaltassem e que a experiência dos jogadores fosse alterada. No entanto, pude perceber que jogar na seleção brasileira, para um *footballer* belorizontino, era algo muito difícil de ser concretizado, pois já existia uma

[185] Para SEVCENKO, 1998, p.49, "Uma vez mais, naturalmente, eram os mais jovens aqueles que melhor poderiam perceber e assimilar essas possibilidades criadas pelo esporte em meio à confusão do caos urbano. Por isso mesmo, por estar fortemente identificado com os mais jovens e lhes propiciar os indícios de um novo estilo de vida, desembaraçado dos entraves de um passado recente mas já obsoleto, o esporte se torna a moda e a moda adquire um acento desportivo. Assumir ostensivamente os sinais associados ao novo ativismo atlético constitui um meio de patentear de forma inequívoca a distância entre as gerações e a diferença entre as mentalidades".

[186] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Quinta-feira, 24 de Outubro de 1929, p.14.

rivalidade entre os times do Rio de Janeiro e de São Paulo que disputavam quantos jogadores cada estado cedia para a seleção nacional.

Acompanhando as matérias nos jornais, sobretudo em 1930 e 1934, quando se realizaram as primeiras copas do mundo de futebol, constatei a ausência de uma cobertura, pela imprensa mineira. Esse silêncio nas fontes deu-me indícios da falta de compreensão da dimensão desse evento, e do que ele representava, além do mais, acredito que havia um desinteresse por parte dos leitores dos jornais em Belo Horizonte, pois os mesmos não viam seus ídolos compondo a delegação brasileira.

Quando se tratava de outros assuntos relacionados ao futebol a imprensa dava uma ampla cobertura, com as mais variadas abordagens. Pude constatar que um tema muito explorado por parte da imprensa eram os sururus, que acabavam envolvendo a todos.

> O *Football* é um meio horrível. As discussões sobre os jogos são as peores conversas do mundo. Toda a gente vive brigando e mentindo. Os próprios rapazes que escrevem as notícias enganam os leitores. Cada chronista tem um modo differente de julgar. Não há ninguém que não torça por um *club*. Até nós torcemos. Mas nós gostamos é do Athletico. Em *football* uma pessoa não conseguirá nunca convencer a outra. E a prova está em que os advogados de Bello Horizonte pertencem a *clubs* differentes. Na hora dos debates, quem é que vai reconhecer os bacharéis? Elles são eguaes a todos os torcedores. Falam em lógica também. A lógica dos factos. A lógica dos argumentos. E o peor é que a verdadeira lógica ficou perdida dentro de tanta conversa e de tantas discussões inúteis. Toda gente devia abandonar o *football*. Por causa das contrariedades. Das brigas. Das injurias e dos sururu's[187].

Começaram a crescer as opiniões daqueles que pensavam que todos deveriam abandonar o futebol. Os principais argumentos eram a violência, os sururus e os desentendimentos que passaram a ocorrer com freqüência entre jogadores e torcedores.

[187] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 11 e 12 de Novembro de 1929, p.12.

No começo de 1930, um cronista foi mais longe e escreveu uma matéria intitulada: “O *football* não merece o título de desporto”, onde o mesmo começou afirmando que “o desporto estava deseducando a mocidade brasileira”. Após ponderar que existiam outros esportes mais elegantes, como a natação e o “*tennis*”, e de considerar a grande variedade de exercícios físicos que o esporte abrangia, e até de reconhecer que o esporte podia contribuir para o desenvolvimento físico dos praticantes, o alvo passou a ser o futebol que com duras críticas foi depreciado pelo autor.

> Foi ao *Football* que coube a introdução dessa lamentável possibilidade. Não há partida de *football* que não exija a comparencia de um policiamento reforçado. E não policiamento que se faça por motivos geraes de garantia da ordem em grandes agglomerações occasionaes. Nos campos de *football*, em todos os dias de partida, o policiamento nunca é, platonicamente, preventivo. Tem de ser repressivo. O sururu é do programma, não só entre o público assistente, em que, de resto, não se podem apurar seleções esmiuçadoras, mas entre os próprios desportistas que tinham a obrigação funccional do bom exemplo de correcção de maneiras. Emquanto não me vier um especialista demonstrar uma excepcional e marcada superioridade do *football* sobre os demais desportos, ao ponto de tornar toleráveis os sururus, a descortezia, a brutalidade que lhe são conseqüentes, eu estou no meu direito de só discordar da preferência injustificada que elle está tendo entre nós, como até de pleitear a sua prohibição, como elemento de perturbação da ordem pública[188].

Nesse cenário complicado, alguns jogadores tiveram suas trajetórias influenciadas por essa visão negativa do futebol. Ofensas que, quase sempre, eram resolvidas ao fim dos jogos e que demonstravam atitudes sem precedentes. Pescoções, chutes e discussões.

> Domingo optimo para os que têm a mania do *foot-ball*. Para estes Bello Horizonte já não é uma cidade sem diversões. Nesta época de grandes jogos pode ir-se para os campos depois da missa das dez e voltar ao anoitecer. No *stadium* do Athletico, a população continua a fugir do domingo, que até as pessoas de fora consideram um dia inferior. As 12 horas, a archibancada

[188] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sabbado, 4 de Janeiro de 1930.

> enchendo. Senhoras chegando por affeição aos logares. Para torcer, para gritar. As contrariedades sportivas acima dos pequeninos desgostos domésticos. Mais dignas e elegantes. E com a vantagem de serem desabafadas publicamente, contra o juiz, contra os jogadores e contra todos os factos que não forem comprehendidos immediatamente.
> (...)
> Jogo alegre. Perigos freqüentes para um *club* e para outro. Incidente. Quase soccos. Quase briga entre jogadores. Os que não queriam brigar segurando os que estavam com vontade. Thomaz, do São Christovam, em lucta com Said, do Athletico. Intervenção. Policia no meio do campo. Duque Costa pacificando com elegância. Gente falando em elevação de nível e fraternidade aos que se queixavam de ponta-pés e empurrões[189].

Possivelmente, quem falava de elevação de nível eram as pessoas da elite, pois os mesmos estavam acostumados com um outro jogo, que já não existia mais. Agora, aquele jogo burguês que os estudantes da elite trouxeram para o Brasil, quando regressaram da Europa, dera lugar a um esporte que envolvia muitos interesses. Esse esporte foi, ao longo das primeiras décadas do século XX, atraindo jovens de diversas camadas da população, que ao se envolverem com essa brincadeira de chutar bola nas ruas e nos campinhos iam aperfeiçoando-se, gostando cada vez mais dessa prática e sentindo-se no direito de disputarem seus lugares nos times existentes na capital mineira.

[189]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes – Segunda e Terça-feira, 22 e 23 de Julho de 1929, p.10.

Fonte: JAL e GUAL, 2004, p. 24.

Charge de Seth. Anúncio publicitário, 1944.

Fonte: SANTANA, p. 52.

Acervo Geraldo Souza (reproduções Célio Apolinário).

Aí está uma possível explicação pelo aumento exponencial dos sururus[190] nos campos. Uma disputa pelas melhores posições nos times e no cenário futebolístico da cidade. Quando esse espaço nos times não era concedido, os moradores da periferia fundavam seus próprios times nos bairros em que moravam. Assim, muitas equipes proliferaram em Belo Horizonte em todas as partes da cidade.

Tudo isso impactou os *footballers*, que viviam no cotidiano respirando esse jogo mágico, num período em que alguns sonhavam em profissionalizarem-se e pretendiam fazer do esporte, nos moldes europeus, uma atividade higiênica e que, numa perspectiva funcionalista, contribuísse para fortalecer seus corpos, pois os sururus exigiam ainda mais dos jogadores.

> Antigamente não se admitia uma partida de Futebol sem o respectivo sururú. Os ponta-pés e os pescoções entre jogadores e as sucessivas pancadarias entre os torcedores faziam parte integrante de um espectaculo futebolístico. Sem esse colorido, a pugna, por mais empolgantes e arrebatadores que fossem os seus lances, tornava-se até desinteressante. Futebol sem briga, noutros tempos, era coisa rara: o mesmo que moça ajuizada no século vinte...

Entretanto o futebol - por diversas características e especificidades desse jogo, como: a simplicidade das suas regras, o baixo custo para sua realização e, sobretudo, a sedução que esse esporte despertava nas pessoas - foi transformado de um simples jogo de bola, num envolvimento afetivo com uma prática capaz de mexer com emoções, de colocar os expectadores e os jogadores em situações inusitadas, de aproximar o povo da jovem capital de Minas Gerais.

[190] Segundo SILVA, 2006, p. 61-62, "Era conveniente, portanto, que o comportamento dos novos aficionados pelo futebol nem sempre fosse adequado aos padrões de urbanidade recomendados aos verdadeiros *sportsmen*. Nos jornais e revistas reunidos no álbum de Marcos de Mendonça, percebe-se que eram extremamente comuns os episódios em que isso acontecia. Como não compartilhavam os valores e formas de sociabilidade cultivadas pelo público mais elegante, os espectadores mais pobres frequentemente violavam as normas de conduta esportiva, vaiando e insultando juízes e jogadores, invadindo o campo e provocando os famosos sururus".

Contudo, é importante pensar que o esporte[191] era compreendido como uma prática moderna. Para muitos, ele deveria afirmar essa prerrogativa a partir de uma adequação de suas regras, no sentido de afastar os aspectos que o descaracterizavam. Era importante que o esporte inspirasse organização, justiça e atitudes entendidas como civilizadas.

O futebol possibilitava a expressão de desejos, estabelecia uma junção de corpos que se confrontavam, mas que também se completavam e interagiam. No entanto, alguns cronistas constatavam com pesar que a situação estava mudando.

> Hoje, a coisa está mudada. Os sururus desappareceram do cartaz. A tradicional pesca de um juiz para dirigir a partida também acabou-se. E os jogos já não ficam mais pelo meio. Começam e acabam. Os juízes não mais apanham no campo de futebol. Nem tampouco são desrespeitados nas suas decisões. Os espectaculos começam á hora certa, sem atraso de um minuto sequer. A expressão está na hora! Já não mais se ouve nas praças de esportes. A disciplina, dentro e fora do gramado, é um facto. Um campo de futebol com dez mil espectadores e vinte e três homens dentro do gramado (os dois *teams* e o juiz), apresenta apenas a vibração provocada pelos lances culminantes da refrega. Sem insultos, sem brigas, sem cavallarianos dentro da cancha e sem continuas paralysações.

Para o cronista que tinha vivido um outro tempo, as constatações acima alteravam a dinâmica do jogo, pois tirava a imprevisibilidade do mesmo, desprezava o imponderável, controlava aquilo que deveria ser incontrolável e era, de alguma forma, tirar a beleza e os encantamentos do futebol.

---

[191] De acordo com SEVCENKO, 1998, p. 48, "É preciso considerar simultaneamente o poderoso atrativo exercido pelos esportes sobre as várias comunidades, para se poder avaliar a magnitude do seu impacto cultural. Independente do que as autoridades públicas ou desportivas pensassem ou pretendessem a partir dele, a prática ou mesmo a contemplação do esporte traziam uma gratificação instantânea para seus aficcionados. A intensidade e a pletora de estímulos, emoções, adestramentos, agilidades, impulsos, excitações, perspicácia, divertimento e gozo, além de transes profundos de expectativa, comunhão e euforia, se ofereciam como ganhos imediatos aos praticantes ou entusiastas dos esportes. Os poderes públicos podiam ou não manifestar intenções categóricas em relação aos efeitos sociais da disseminação das atividades atléticas, mas nelas os indivíduos e as comunidades encontrariam, por sua própria conta, um recurso de satisfação de muitas de suas carências e um meio de despertarem e disporem de porções negligenciadas, rejeitadas ou frustradas das suas energias. Fosse como simples exercício, como metáfora, como ritual ou celebração, o esporte tanto viria preencher o vazio da ruptura abrupta ocorrida na rotina cotidiana das comunidades, como traria o potencial de novas alternativas de adaptação e um novo repertório de atitudes congeniais a um mundo em imprevisível fermentação".

No entanto, eram poucos os que pensavam dessa forma. As posturas mais comuns podem ser identificadas nas fontes como a do dr. Saint' Clair Valladares Junior.

> O dr. Saint' Clair Valladares Junior conseguiu modificar os costumes dos jogadores e dos torcedores. Àquelles, ensinou como praticar o futebol dentro de um elevado espírito esportivo; e a estes, como se portar num estádio, applaudindo e não hostilizando os *cracks*. Aos juizes, eternas victimas da era dos torcedores e do *team* vencido, o presidente da liga de Futebol de Bello Horizonte descobriu um meio como conserval-os intactos dentro do campo e senhores da situação. O auxilio da policia muito tem contribuído para o êxito da campanha moralizadora do nosso futebol. A administração Saint' Clair Valladares é merecedora do respeito e da consideração com que se vem impondo. O presidente da entidade especializada está realizando um milagre que a outros santos pareceu impossível..."[192]

O futebol tinha muitas peculiaridades. Existiam muitas formas de envolver-se com esse esporte. Eram pouquíssimos aqueles que conseguiam perceber que os sururus faziam que o jogo ganhasse em vivacidade, em sentimento, em razão de ser.

O espírito esportivo que estava sendo preconizado convivia com a compreensão de uma dinâmica própria do futebol, que foi sendo re-significado pelos belorizontinos, que criaram uma forma peculiar para essa prática e que estava sendo ameaçada pelas tentativas de padronização, tão presentes nos discursos dos moralistas e dos pseudo-defensores do progresso, e de um olhar engessado para essa prática social.

A Liga Mineira foi uma legítima representante desse movimento de engessamento, protagonizou muitas polêmicas e envolveu-se em autênticos sururus. Não foi à revelia que foi intitulada nas fontes como o supremo tribunal da encrenca esportiva.

Os sururus foram associados também ao amadorismo. Para os defensores do profissionalismo como o presidente do Athletico dr. Thomaz Naves.

[192] Arquivo Público Mineiro - Revista Bello Horizonte, Outubro de 1938.

> Outra coisa que entra pelos olhos é que o regime profissional melhorará cento por cento a classe do nosso futebol. Assistiríamos, exhibições, do verdadeiro "soccer" e empolgante. Mas não é só isso. Por que motivo foi rareando progressivamente até hoje a assistência aos nossos embates? Cita-se em resposta justamente a decadência do "*association*" bellorizontino proporcionando aos afficcionados dia para dia peores exhibições. Essa razão não pode ser encarada, a nosso ver, como de ordem precípua, porque há outras de vulto igual ou maior. São ellas: "sururus" freqüentes, chegando a constituir raridade a sua não verificação em jogos importantes: discussão de jogadores com juiz; demora excessiva e desabusada no inicio das partidas, em inobservância completa nos horários estabelecidos para a orientação do publico, etc. etc. Os amantes ferrenhos do amadorismo falso allegariam a possibilidade de serem sanadas muitas dessas irregularidades, independentemente da mudança de regime, coisa que nos parece de todo absurda. Por campanha victoriosa em favor do profissionalismo no Rio e São Paulo, foram esclarecidas todas as vantagens do regime moralizador[193].

Na seqüência do trabalho passarei a narrar como o profissionalismo foi implantado em Belo Horizonte. Entendo que todas as tramas que antecederam a efetivação desse movimento conduziram à concretização e a afirmação do futebol remunerado, bem como a permanência do futebol amador.

[193] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 27 de Abril de 1933, p.8.

CAPÍTULO 4

A implantação do profissionalismo no futebol no campo esportivo em Belo Horizonte.

O ano de 1933 chegou trazendo novas perspectivas para os "*foot-baller's* bellorizontinos". Os jornais na capital do estado traziam estampadas nas suas páginas o movimento que ocorria pelo "profissionalismo na metrópole carioca[194]".

Apesar das resistências, que eram fortes, as notícias[195] demonstravam, naquele janeiro de 1933, que o amadorismo já não era predominante entre os dirigentes dos clubes e entre os atletas. Os argumentos pelo profissionalismo foram diversificando-se, ampliando-se, ganhando novos entusiastas e aumentando a adesão dos clubes.

O panorama descrito pelo jornal Estado de Minas, na euforia e no calor dos acontecimentos, deixava transparecer que uma "grande transição" era almejada pelos clubes no Rio de Janeiro. Acompanhando o desenrolar da matéria o cronista colocou-se numa posição de passividade "aguardando a solução". Era possível que os atores que compunham o cenário esportivo em Belo Horizonte tivessem uma atitude menos subserviente. Talvez o cronista tivesse clareza que as novas diretrizes para o esporte na "capital do paiz" impactariam sobremaneira o nosso meio.

---

[194] Hemeroteca Pública – Estado de Minas. Domingo, 1 de Janeiro de 1933, p.6.

[195] Não pretendi abordar o profissionalismo no futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo. Porém, durante toda a pesquisa fui deparando-me com as comparações feitas pela imprensa mineira entre as realidades dessas capitais com a realidade belo-horizontina, o que estimulou-me a tentar compreender como aconteceu a afirmação do profissionalismo nessas cidades, e como a imprensa mineira absorveu as informações que chegaram. A partir daí, foi muito revelador observar os artifícios utilizados pela imprensa mineira. Veja-se a respeito do profissionalismo no Rio de Janeiro e em São Paulo principalmente os trabalhos de CALDAS (1990); BOTÊLHO (2005); PEREIRA (2000); RODRIGUES FILHO (2003); SALLES (2004) e SANTOS (1981).

É possível conjeturar que naquele contexto muitos idealizavam uma ruptura completa com os ideais amadores, fato que no desenrolar dos acontecimentos, e pelas contingências, acabou não concretizando-se, devido a força dos princípios amadores e a grande paixão que o futebol despertou nos mais diferentes segmentos da sociedade.

As informações, que não paravam de chegar, anunciavam que depois de uma importante reunião, entre os grandes clubes de São Paulo, definiu-se que o profissionalismo não seria implantado na capital paulista. Contudo, essa decisão poderia ser revogada, e "o profissionalismo ser acceito, como defesa, isto é, no caso delle vir a ser implantado no Rio; pois dessa forma será evitado o êxodo, de jogadores paulistas[196]".

A repercussão e a abrangência das notícias sobre o possível êxodo de jogadores em São Paulo, com a decantada proeminência do profissionalismo no Rio de Janeiro, adquiria uma conotação de defesa por parte dos Estados que não pretendiam implantar a perspectiva do contrato e da remuneração dos jogadores.

Em Belo Horizonte a reação não demorou a acontecer. De forma contundente, o novo diretor de futebol do América, José de Souza[197], externou seu ponto de vista quando indagado sobre o advento do profissionalismo.

> Não acho digna a profissão, já varias vezes quando actuava fui ofertado para pertencer a quadros cariocas com boa remuneração. Recusei com altivez, pois creio uma indignidade hombrear com um profissionalismo encoberto, com amadores de verdade e pessôna de elevada cathegoria. E ainda tenho a opinião de afastar-me para sempre do futebol, quando formos invadidos pela onda do dinheiro.

Devo ressaltar o desfecho da declaração de Souza, a quem o cronista apresenta como "defensor abnegado, por longos anos, do grêmio alvi-verde" ou "como um dos mais perfeitos *sportmen* que a cidade conheceu", pois no teor da sua entrevista é possível perceber o posicionamento da diretoria do América

[196] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Domingo, 22 de Janeiro de 1933, p.8.
[197] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Domingo, 15 de Janeiro de 1933, p.8.

perante a polêmica questão. “Acreditaria ainda, mas para os outros, num profissionalismo que abraçassem todos os clubes, egualando todos os seus defensores. A mistura é que me enoja!”

A tradicional sociedade mineira não poderia aceitar que o profissionalismo no futebol fosse concretizado, e o America, que como já foi mencionado, era formado por jovens da elite, deixou claro, desde o início, qual seria o seu posicionamento.

Contudo, o profissionalismo foi implantado no Rio de Janeiro “com a fundação da Liga Carioca de Futebol[198]” depois de uma votação apertada, conduzida pelo Sr. Arnaldo Quinle “verificou-se num pró movimento os *clubs* Fluminense, Bangu, Vasco e América, negando o seu apoio o S. Christovão, o Botafogo e o Flamengo”.

Em São Paulo, segundo o jornal Estado de Minas, a notícia da implantação do profissionalismo “foi recebida como geral alegria[199]”. Os cariocas passaram a ser denominados de os “pioneiros da campanha moralizadora no nosso futebol”, numa clara evidência do apoio que os setores mais progressistas da imprensa mineira dariam a essa causa em Belo Horizonte.

Numa tentativa de resumir, de forma bem sucinta, o cronista apresentou o movimento metaforicamente a partir de analogias, para ele “O profissionalismo está grassando como epidemia. Os cariocas fizeram uma liga de profissionaes, os paulistas acompanharam e começou a pegar nos estados mais próximos[200]”.

Essa “epidemia” que assolou os centros onde o futebol teve maior penetração, e desencadeou mais paixão pelo esporte no Brasil, também estremeceu e devastou relações que, em outros momentos, haviam sido cordiais e respeitosas.

O “contágio dessa epidemia” estava condicionada às peculiaridades locais. Na capital de Minas Gerais as resistências foram constituindo-se num entrave à disseminação do profissionalismo, a tal ponto do cronista indagar: “Quando sobrará para as alterosas um pouco do assumpto?”

[198] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quarta feira, 25 de Janeiro de 1933, p.6.
[199] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 26 de Janeiro de 1933, p. 6.
[200] Hemeroteca Pública – Estado de Minas - Sexta feira, 27 de Janeiro de 1933, p.6.

Paradoxalmente ao movimento que ocorria no Rio e em São Paulo, e confirmando um estigma que atribuiu ao mineiro uma característica de ser conservador, foi fundada em Belo Horizonte a "Liga de Amadores de Futebol[201]".

Na reunião de fundação da nova entidade o Athletico, representado pelo seu presidente, Dr. Thomaz Naves, sugeriu que a "novel aggremiação" tivesse o nome de Associação Mineira de Esportes, enquanto o América, também representado pelo seu presidente, Dr. Clóvis Pinto, defendeu o nome de Liga de Amadores de Futebol, o qual depois de submetido a aprovação pelos clubes foi contemplado com a maioria dos votos[202].

A partir dessa reunião, as divergências entre os presidentes de Athletico e America ficaram ainda mais visíveis e foram explicitadas pelos jornais. As desavenças não eram meramente pessoais, pois o que estava em jogo eram pontos de vistas antagônicos sobre os rumos do futebol no estado.

O Athletico passou a trabalhar "pela implantação do profissionalismo no futebol das montanhas[203]", pois para o seu presidente "o nosso meio comporta o profissionalismo: o Athletico propõe-se a promover a sua implantação aqui e já traçou o seu plano de acção, que de qualquer forma será executado".

O plano do presidente do Athletico, Thomaz Naves, era buscar a filiação do seu clube à Liga Carioca e, numa declaração apressada, chegou até a fixar a data para a realização desse objetivo: "Teremos em Maio o nosso primeiro jogo de profissionaes".

As especulações, que começaram a surgir muito antes do acirramento das discordâncias, ganhavam contornos mais nítidos. "Em Minas pretende-se um *club* de Bello Horizonte e um de Juiz de Fora. Indagamos, agora: qual será o clube da capital que adoptará o profissionalismo, que se baterá, em fim, pela causa moralizadora do nosso futebol[204]".

---

[201] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Domingo, 29 de Janeiro de 1933, p.8.
[202] Os clubes Commercial, Retiro, Calafate, Carlos Prates, Villa, Sete, América e Santa Cruz votaram no nome apresentado pelo presidente do América: Liga de Amadores de Futebol. Os clubes Esperança, Fluminense, Athletico, Tupy e Palmeiras votaram no nome sugerido pelo presidente do Athletico: Associação Mineira de Esportes.
[203] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Domingo, 23 de Abril de 1933, p.8.
[204] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quarta feira, 8 de Fevereiro de 1933, p.6.

O que parecia ir contra a moral era a indefinição que perpetuava, na visão de alguns setores da imprensa e da sociedade, a exploração dos jogadores e era geradora de opiniões infundadas, preconceituosas e tradicionalistas. O problema, para muitos, estava na mistura, na indefinição, ser profissional ou ser amador?

Nesse sentido, a FIFA, deu o seu veredicto, "Os amadores e os profissionaes devem formar em conjunctos, separados sem qualquer ligação[205]". Àqueles que insistissem na mistura podiam ser punidos com a suspensão dos campos.

Enquanto as incertezas e as indefinições perduravam no seio do futebol belorizontino a realidade era implacável e "a cidade na imminencia de perder os seus *cracks*[206]" assistiu atônita aos assédios aos seus jogadores de destaque.

> Uma vez implantado no Rio de Janeiro o profissionalismo, os emissários dos clubes que adoptaram o futebol remunerado começaram a olhar com interesse para os *players* de renome em Bello Horizonte, fazendo-lhes boas propostas. Assim é que há dias esteve na capital um representante do Fluminense, do Rio, que segundo soubemos, convidou Mario Gomes e Mario de Castro para ingressarem como profissionaes no clube tricolor.

Os rumores da saída dos jogadores mineiros para os times do Rio de Janeiro cresciam a cada dia. A imprensa, que investigava a veracidade das informações, afirmava que "Brant e Nariz receberam proposta para jogar pelo tricolor[207]". O Fluminense, nesse primeiro momento da implantação do profissionalismo, foi o clube carioca que mais sondou e interessou-se pelos jogadores de destaque em Belo Horizonte.

As notícias, sobre a contratação dos jogadores dos times da capital mineira pelos clubes do Rio de Janeiro, tornaram-se rotineiras, tais como: "Said estreará como profissional pelo Fluminense no jogo que o tricolor realizará com o River Plate, de Buenos Aires[208]. As manchetes dos jornais demonstravam que

[205] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 9 de Fevereiro de 1933, p.6.
[206] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sexta feira, 10 de Fevereiro de 1933, p.6.
[207] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sexta-feira, 10 de Fevereiro de 1933, p.6.
[208] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sabbado, 11 de Fevereiro de 1933, p.6.

novos tempos começavam para os jogadores, os times e para todos os envolvidos com o futebol.

Alguns jogadores que concederam entrevista para os jornais explicitaram seus pontos de vista sobre a situação que passariam a sujeitar-se. Como pessoas preparadas e esclarecidas[209], e analisando as circunstâncias Said comentou a proposta que havia recebido.

> Não estão ainda assentadas as bases do contrato, mas creio que tudo correrá bem. Voltarei dentro de poucos dias para o Rio. Não com a ambição de me tornar rico com o futebol. Não me illudo. Quero estudar no Rio, e, se o Fluminense me offerecer o conforto que tenho aqui, não hesitarei de assignar a proposta[210].

Por sua vez, Brant afirmou que "se tiver o mesmo emprego e garantias serei profissional pelo Fluminense![211]". Não ficou claro a qual emprego o jogador referiu-se. Possivelmente, Brant referia-se a um emprego de "fachada", ou a alguma facilitação, por parte do clube que pretendia tê-lo no seu quadro de atletas, para conseguir um trabalho.

O jogador, no seu depoimento, deixou transparecer uma incompreensão do que representava aquela proposta, pois a conduta que o jogador parecia esperar que o clube adotasse era típica de um momento anterior do futebol no Rio de Janeiro.

Enquanto Brant decidia o seu futuro, o cronista escrevia sobre o sentimento de "todos os esportistas da capital", pois segundo o seu relato a decisão "si elle abraçará ou não o futebol remunerado"[212] deixava todos na cidade "ansiosos".

---

[209] É importante relembrar que muitos dos jogadores pretendidos pelas equipes profissionais do futebol carioca eram acadêmicos e tinham outras perspectivas para suas vidas.
[210] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sabbado, 11 de Fevereiro de 1933, p.6.
[211] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sabbado, 11 de Fevereiro de 1933, p.6.
[212] Os vestígios e as evidências encontradas reafirmam a postura assumida nesta investigação de não comparar as relações profissionais que temos hoje no Futebol com aquelas empreendidas pelos clubes na passagem do amadorismo para o profissionalismo e assim, não assumir uma visão anacrônica.

Outros jogadores assumiram uma postura ponderada e de precaução sobre a inserção nos clubes que diziam-se profissionais. Mario Gomes, "excellente médio esquerdo Athleticano[213]" falou ao Estado de Minas.

> Nunca pratiquei o futebol visando interesse, mas, a meu ver, acho muito natural que um amador se torne profissional, por necessidade. Não encaro o profissionalismo como um meio tão alheio de ganhar a vida, conforme dizem. Comtudo, vendo uma organização nova no Brasil, naturalmente será muito debatida, uma vez que faltam, ainda, dados para que o povo possa encarar as suas finalidades. Não deixa de trazer, nem por isso, uma grande vantagem: evita o êxodo dos nossos grandes *cracks* para o estrangeiro. Finalmente, são estas as minhas impressões sobre o futebol remunerado. Entretanto, aguardo a publicidade das leis do profissionalismo para que possa dar execução á proposta, aliás vantajosa, que recebi para actuar como profissional pelo Fluminense[214].

Mesmo Mário de Castro, que já havia abandonado os gramados, não foi poupado das especulações e, segundo o Estado de Minas "Mario de Castro assignará o seu contracto com o Fluminense F.C.[215]". A curiosidade recaia na aplicação que Mário de Castro daria ao dinheiro que receberia, pois cumpriria as exigências do contrato e destinaria "a quantia do seu ordenado para custear os estudos de um estudante pobre[216]".

Dias depois, Mário de Castro veio a público e afirmou que "não recebeu proposta alguma para ser profissional[217]". Quando perguntado como receberia uma proposta dessa natureza, o jogador foi enfático, "Naturalmente teria de saber primeiro em que condições me seria feita a proposta. Si me conviesse poderia acceitar[218]".

Mesmo depois da oficialização do profissionalismo, no futebol brasileiro, os cronistas ainda discutiam se seria possível o profissionalismo dar certo em Belo Horizonte. Com uma postura insistente, a imprensa não queria reconhecer

[213] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Terça feira, 14 de Fevereiro de 1933.
[214] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Terça feira, 14 de Fevereiro de 1933.
[215] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Terça feira, 21 de Fevereiro de 1933, p.10.
[216] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Terça feira, 21 de Fevereiro de 1933, p.10.
[217] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 2 de Março de 1933, p.6.
[218] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 2 de Março de 1933, p.6.

que esse era um caminho sem volta, porque de alguma forma seria atestar que toda a tentativa de desmoralizar os jogadores profissionais e os países onde a prática esportiva já havia aderido ao esquema de contratação de jogadores fora em vão.

> O assunto predominante dos cronistas do Rio e S. Paulo e de alguns desta capital, é o profissionalismo do *football*. Diariamente, veem-se penduradas nas paginas do jornais longas entrevistas de técnicos na questão, manifestando-se uns favoráveis á implantação do profissionalismo no Brasil, enquanto outros mais realistas, acham a inovação inviável. E os cronistas, torturados pelo dever de dar todo dia uma ou duas páginas sobre esportes, numa época em que eles nada inspiram de interessante, ouvem os entendidos e os não entendidos, dando a compreender que visam, destarte, resolver o problema do profissionalismo em eclosão. Somos de opinião que ninguém melhor do que os cronistas pode dizer se o profissionalismo consegue frutificar nas terras tropicais do Brasil. O cronista, pela sua função, é o que conhece melhor a situação dos esportes, as suas necessidades e as suas tendências. Como noticiarista e, as vezes, crítico, acompanha as marchas e contra marchas esportivas e, portanto, reúne qualidades especiais para dizer com alguma certeza se tal ou qual regime é salutar a vida dos esportes. Mas os cronistas – habilidade ou fraquesa? – preferem a posição cômoda de ouvir sem opinar[219].

Por trás das opiniões dos cronistas é provável que muitos outros interesses prevaleceram. Compreendo que muitos desses sujeitos também foram impactados com o advento do profissionalismo. Uma imprensa especializada no esporte ganhou muita força no decorrer dos anos com a afirmação do mesmo. No entanto, apesar de alguns até manifestarem suas opiniões, com alguma isenção, a maior parte dos cronistas em Belo Horizonte não tinham, sequer, dimensão do patamar que o futebol alcançaria, em grande parte pela afirmação do profissionalismo em outros países e pelo debate que surgiu no Brasil pela consolidação de um profissionalismo oficializado, até alcançar uma relação profissional de fato no futebol.

Não demorou muito e os times da capital de Minas Gerais começaram a sentir como nunca os reflexos da implantação do profissionalismo no futebol

[219] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Domingo, 5 de Março de 1933, p.14.

brasileiro. Não tinha mais como esconder, fingir que nada estava acontecendo ou tentar mudar essa realidade.

> Como é sabido, o Atlético sofreu fundamente com a implantação do profissionalismo no *foot-ball*, no Rio. Atraídos por bons contratos, deixaram-lhe as fileiras, transferindo-se para a Capital Federal, os seus melhores homens. O seu quadro constitue-se quase inteiramente de elementos novos. Ainda assim, consegue fazer furor. A apresentação de anteontem esteve excelente. Longo fôlego, bem combinado, e rápido nos seus movimentos[220].

Naquele momento os times de futebol em Belo Horizonte buscavam organizar-se. Para isso, lutavam para que o profissionalismo na capital mineira fosse efetivado, pois muitos daqueles que ocupavam as posições nas principais equipes da cidade ameaçavam ir para o Rio de Janeiro e para outras cidades do país e do exterior.

Medidas para possibilitar que os times brasileiros pudessem manter seus quadros, com o advento do profissionalismo, começaram a ser formuladas e implementadas. Os times em Belo Horizonte não podiam continuar da mesma forma, sendo ameaçados por propostas que vinham do Rio de Janeiro, de São Paulo ou do exterior.

> O Conselho Superior da APEA resolveu que os jogadores contratados que partem para o estrangeiro, vigorando seus compromissos, não poderão mais atuar nos *teams* profisssioanais, seus filiados[221].

Essas regulamentações serviam de balizamento para manter condições favoráveis de desenvolvimento do futebol no Brasil. Essas alternativas só foram possíveis de serem pensadas no decorrer do tempo, pois novas situações ameaçadoras foram aparecendo. As pessoas, atordoadas pelos novos tempos, não tinham uma preparação para lidar com as questões emergenciais, por serem situações inusitadas e nunca antes enfrentadas no Brasil. As notícias que chegavam passaram a ser debatidas e examinadas com zelo. Embora muitos

[220]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Terça-feira, 25 de Abril de 1933, p.13.
[221] Arquivo da Imprensa Oficial -Minas Gerais - Domingo, 27 de Agosto de 1933, p.1.

desacertos, visões deturpadas e atitudes precipitadas também tenham desencadeado reações em diversos setores. O profissionalismo nos esportes e, particularmente, no futebol exigia de todos os responsáveis por comandá-lo muita firmeza e energia para enfrentarem as questões que surgiam.

Entretanto, "valendo-se do argumento convincente da moeda sonante[222]", os times do Rio de Janeiro levaram muitos outros jogadores de Belo Horizonte. Uma postura mais compreensiva e menos taxativa podia indicar mudanças no tratamento dispensado aos atletas que foram para a "metrópole" carioca.

> Ninguém poderá censurar os nossos rapazes que de amadores se tornam profissionaes, porquanto é não só direito como até dever de todos, tratar dos seus interesses. Estando as cousas nesse pé é natural que se faça toda sorte de cogitações acerca dos prejuízos que o futebol remunerado, no Rio e na Paulicéa nos poderá causar. Primitivamente, Rio e São Paulo e Bello Horizonte tornaram-se como celleiros de bons jogadores da Itália, *Hespanha*, *Uruguay*, etc. Com o profissionalismo naquelles nossos dois centros esportivos – os maiores do paiz – a questão provavelmente mudará de figura. Uma outra consideração pode ser feita, lembrando as poucas possibilidades de o regime profissional ser adoptado entre nós. Assim sendo, espera-se que se dê interminavelmente o êxodo dos nossos *cracks* não mais para o estrangeiro e sim para o Rio e São Paulo, toda a vez que as suas qualidades dêm na vista dos technicos dos quadros profissionaes e estes necessitem reforço. Em tal se verificando nunca teremos por muito tempo bons jogadores, com excepção naturalmente creada, pela recusa possível de alguns. De qualquer maneira isso nunca nos poderá agradar. A perspectiva que, pela primeira vez, apresentamos aos nossos leitores é triste mas verdadeira. Salvo no caso de, também entre nós vencer o profissionalismo e ainda com muitíssimas restrições[223].

Como o debate sobre o profissionalismo no futebol em Belo Horizonte começou a ressurgir, os conservadores começaram a manifestar-se, utilizando-se de argumentos diversos. Marcello Linhares, a quem o jornal apresenta como "antigo defensor do América[224]", afirmou ser contrário ao profissionalismo e dirigiu-se ao presidente do América em carta aberta, ao Dr Clóvis Pinto, num

[222] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quarta feira, 15 de Fevereiro de 1933, p.8.
[223] Hemeroteca Pública – Estado de Minas - Quarta feira, 15 de Fevereiro de 1933, p.8.
[224] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Terça feira, 21 de Fevereiro de 1933, p.10.

claro sinal de apoio às posições assumidas pelo mesmo. “Basta lembrar-te que em holocausto aos interesses de uma censurável remuneração seriam immolados o enthusiasmo, o ardor, a fibra, a tenacidade, o amor ao *club* e, ainda, o decoro dos amadores[225]”.

Com o decorrer das semanas, naquele ano de 1933, o que parecia inviável até aquele momento, começou a ganhar repercussão e notoriedade, à implantação do profissionalismo no futebol em Belo Horizonte passou a ser um tema novamente apreciado. Apesar de haver um movimento encabeçado pelo presidente do Athletico, havia também uma descrença, dos jogadores e da sociedade em geral, que esse propósito fosse atingido.

O principal argumento presente nos discursos dos jogadores e dirigentes, dos mais céticos aos mais otimistas, era que a renda dos jogos em Belo Horizonte era pequena - conseqüência do pouco público presente nos jogos na cidade - e dessa forma, “a manutenção do *regimen* profissional torna-se impossível[226]”.

O Estado de Minas que mostrou-se favorável a implantação do profissionalismo, pois acreditava “ser muito interessante”, imbuído do desejo de ampliar a discussão sobre o profissionalismo no “*association* motanhez”, lançou uma “enquête entre os nossos esportistas”, a partir da seguinte indagação: “Praticável a implantação do profissionalismo no nosso futebol?[227]”.

O primeiro a responder a enquete foi o presidente americano, Dr. Clóvis Pinto, que categoricamente respondeu a Marcello Linhares.

> Não temos renda para profissionaes, não temos ardor pelo profissionalismo e por fim não temos necessidade de profissionaes. Um “*team*”de profissionaes, somente nos grandes centros e com elementos que para manterem seu estado physico têm necessidade de uma alimentação e modo de vida adequado ao esporte que se dedicavam. Os amadores carioca e paulista eram puramente obrigados, para sua defesa, a implantação fictícia e custava aos clubes uma importância muito avultada e muito irregular. Os amadores impunham gratificações nas

[225] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Terça feira, 21 de Fevereiro de 1933, p.10.
[226] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quarta feira, 22 de Fevereiro de 1933, p.10.
[227] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quarta feira, 22 de Fevereiro de 1933, p.10.

> vésperas dos bons jogos e na occasião das inscripções. Ora não era mais possível tal estado de coisas, e dahi para defesa dos cofres dos clubes contra o amadorismo disfarçado, a implantação do profissionalismo real e mais barato que o amadorismo. Ultimamente os clubes do Rio quase que tinham uma folha de pagamento, sem contar os bichos para treinos e jogos, e as facadas do meio do mez. Diante disto elles resolveram o seu problema e que podemos chamar a sua defesa. Com os mesmos amadores eles fizeram os profissionaes, angariando para complemento alguns outros aqui e ali. Agora não tem choro: é jogar e não exigir mais que o contracto[228].

Outro a responder a enquête do Estado de Minas foi o ex-presidente do Athletico sr. Affonso Paulino que também manifestou-se contrário a implantação do profissionalismo no futebol na cidade. "Bello Horizonte ainda não tem um público numeroso que possa accorrer as despezas do profissionalismo. As rendas dos jogos realizados em nossos campos são pequenas, quase insignificantes para manter o futebol remunerado[229]".

> Eu acho um tanto desastroso para os nossos amadores. **O Athletico, por exemplo, é um clube, cujo quadro esportivo é composto de rapazes que cursam as nossas escolas superiores e não adoptará, penso eu, o futebol remunerado, uma vez que não fica bem um medico, advogado ou engenheiro praticar o "*association*" como profissional.** Finalmente, Bello Horizonte não comporta de modo algum, o profissionalismo; elle contribuirá para a fallencia do nosso futebol[230]. (Grifos meus)

O primeiro secretário do América Futebol Clube, Décio Fabio Quadros, também respondeu a enquête do Estado de Minas.

> Não acho viável a implantação do profissionalismo no nosso futebol. Os clubes do Rio e São Paulo adoptaram essa medida para defesa dos seus interesses pois os amadores naquelles dois centros esportivos ficam mais caros que os profissionaes. Em nossa capital, tão cedo não será possível a adopção do futebol remunerado pois, nimguem ignora que não temos publico bastante para um renda com que possam os clubes manter um *team* de profissionaes. **Aqui não há nem "bicho"...** Finalmente,

[228] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quinta feira, 23 de Fevereiro de 1933, p.8.
[229] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quinta feira, 23 de Fevereiro de 1933, p.8.
[230] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quinta feira, 23 de Fevereiro de 1933, p.8.

> o ambiente bellorizontino é inteiramente contrario a implantação do profissionalismo[231]. (Grifos meus)

Após as declarações dos dirigentes do América e do ex-presidente do Athletico que posicionaram-se contrários a implantação do profissionalismo, e apresentaram seus argumentos e pontos de vista. Os jogadores também passaram a ser entrevistados na enquête, sobre a viabilidade da implantação do profissionalismo em Belo Horizonte.

O "player athleticano" Dunorte André, "que há bastante tempo actua no nosso ambiente esportivo[232]", concedeu um depoimento afirmando que embora o profissionalismo trouxesse inúmeras vantagens, essa medida não poderia ser adotada em Belo Horizonte.

> Previno-o, em primeiro logar, de que sou francamente favorável ao profissionalismo. Realmente, não há desdoiro em que um "*footballer*" perito trate de tirar as maiores vantagens de suas aptidões. Não se trata acaso de um dom que a natureza lhe deu, igualmente como procede com os predestinados a brilhar nas artes por exemplo? **Agora em se tratando de implantal-o em Bello Horizonte, o caso muda de figura. Você não sabe como o ambiente aqui é declaradamente contrário a isso. Todo jogador profissional, até mesmo de futebol, seria repelido, ficaria isolado. Nosso povo, mesmo por índole, não veria com bons olhos o "*footballer*" que tivesse proveito da pratica do esporte.** Já lhe disse que, particularmente, sou favorável ao regime que acaba de vencer no Rio e em São Paulo. O jogador tem obrigações sérias, deveres mais rigorosos do que muitos a que estão sujeitos occupantes de cargos honestíssimos. No entretanto, repito, aqui é inviável a adopção do profissionalismo, muito embora só traga as maiores vantagens, entre as quaes a própria moralização do futebol[233]. (Grifos meus)

Mesmo um jogador que declarava-se favorável a implantação do profissionalismo não conseguia visualizá-lo em Belo Horizonte. Outros jogadores continuaram a serem entrevistados nessa enquête, como Alcides Lemos[234], o "mingnon", extrema esquerda do Palestra Itália; Humberto de Oliveira[235], "o

[231] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Sexta Feira, 24 de Fevereiro de 1933, p.8.
[232] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Sexta feira, 24 de Fevereiro de 1933, p.8.
[233] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Sexta feira, 24 de Fevereiro de 1933, p.8.
[234] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quinta feira, 2 de Março de 1933. p.6.
[235] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quinta feira, 2 de Março de 1933, p.6.

guarda redes do Athletico"; Chaffyr Ferreira[236], "o jovem atacante do Athletico", dentre outros, todos disseram que eram contrários a implantação do profissionalismo em Belo Horizonte. Não acreditavam na implementação dessa medida, pois não havia público nos campos, capaz de gerar uma renda para os clubes manterem os jogadores profissionais.

Já para o "Athleticano" Fabio Brant, "Bello Horizonte não poderá sustentar clubes profissionalistas[237]". Seus argumentos basearam-se também na "escassez de espectadores" e "na falta de recursos necessários para manter quadros de jogadores profissionaes". No entanto, o jogador vai mais longe ao afirmar: "Não sou completamente refratário ao profissionalismo, mas penso que o amadorismo tem finalidades mais elevadas[238]".

Paralelamente, ao crescimento exponencial dos depoimentos sobre a "praticável" ou "impraticável" implantação do profissionalismo em Belo Horizonte, a perspectiva do ano de 1933 era apontada como "grandiosa", pois três novas instituições: FAMA, LAF e AMEG prometiam "dar um grande desenvolvimento aos esportes já incrementados e a crear e fomentar, os que ainda não se praticam regularmente entre nós[239]".

Entretanto, os desentendimentos continuavam constantes na LAF. O futebol, denominado de "a doença da cidade[240]", fez com que as discordâncias entre os presidentes do América e do Athletico ficassem insustentáveis, a tal ponto, do Dr. Thomaz Naves renunciar aos cargos que occupava na LAF e no Athletico[241].

Porém, Thomaz Naves não conseguiu abandonar o esporte, como havia declarado que faria, e retornou a presidência do Athletico, depois de ser aclamado pela diretoria e pelos torcedores do alvi-negro, para tentar conduzir o

[236] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Sexta feira, 3 de Março de 1933, p.8.
[237] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quinta feira, 9 de Março de 1933, p.10.
[238] Hemeroteca Pública - Estado de Minas – Quinta feira, 9 de Março de 1933, p.10.
[239] Hemeroteca Pública - Estado de Minas – Sabbado, 4 de Março de 1933, p.6.
[240] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sabbado, 4 de Março de 1933, p.6.
[241] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 16 de Março de 1933, p.8.

clube rumo ao profissionalismo, através da solicitação de "filiação à Liga Carioca de Futebol[242]".

> Só podem ter dúvida quanto à victoria integral do profissionalismo em nosso paiz, aquelles que cegos por um ideal fictício em interesses particulares, não quizeram observar o surto do progresso e as adhesões valiosas, que, dia a dia, adquire a regeneradora medida. No Rio e em São Paulo é facto consumado o triumpho, indiscutível do moralizador regime. Agora é o Estado de Minas que se manifesta, por intermédio de duas das suas maiores glorias esportivas – o Athletico Mineiro, de Bello Horizonte, e o Tupy de Juiz de Fora. Ao que nos chegou ao conhecimento, oriundo de fonte segurissima, está nesta capital, o dr, Thomaz Naves, presidente do primeiro destes clubes, que aqui vem afim de tratar da filiação do sympathico grêmio da capital de Minas. Soubemos, também, que já estivera no Rio, tratando do mesmo assumpto o presidente do Guarany, de Juiz de Fora. Como se vê, a ser confirmada a sensacional noticia é mais um golpe de morte vibrado na falsidade do amadorismo mascarado e hypocrita[243].

Contrário as medidas articuladas pelo presidente do Athletico, o sr. Clóvis Pinto, promoveu uma reunião entre representantes dos "clubes para combater a idéa do profissionalismo no nosso futebol[244]". O sr. Clovis Pinto assegurou ainda que o América "não adoptaria o *regimen* profissional".

Nos bastidores do futebol em Belo Horizonte não era novidade as disputas entre o presidente do Athlético e o presidente do América. As posições assumidas pelos mesmos, e amplamente divulgadas nos jornais, mostravam que os clubes pretendiam seguir caminhos deliberadamente opostos, segundo crenças e ideais assumidos por sócios, dirigentes e pessoas que declaravam-se guiadas por princípios.

Posições mais confiantes pela vitória do profissionalismo começaram a ser emitidas em Belo Horizonte, tal como, a análise feita pelo presidente do

[242] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 20 de Abril de 1933, p.8.
[243] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 20 de Abril de 1933, p.8.
[244] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 27 de Abril de 1933, p.8.

Athletico sobre a situação vivida no campo esportivo, e sobre os costumes[245], na capital do estado de Minas Gerais.

> No profissionalismo não faltará a disciplina: a apresentação de quadros melhores torna-se uma necessidade; o incentivo em prol da victoria traz compensação ao *sportman* e tem o condão de enthusiasmar o torcedor. Verifiquei que aqui mesmo em Bello Horizonte a assistência tem diminuído, o que prova a decadência do amadorismo... ou do futebol. Em 1931 tinhamos os campos sempre cheios e da dissidência para cá elles se esvasiaram. E, de facto, o padrão do *association* decahiu... graças aos regeneradores a "*outrance*". O povo, em um anno de dissídio desacostumou-se e deixou os campos de futebol. O profissionalismo renovará o enthusiasmo pelo melhor esporte que há no mundo e creará uma nova legião de adeptos; apparecerá o interesse pela conservação das energias masculares e veremos *footballers* praticarem o esporte até aos 40 annos, affrontando impavidamente a decadência. O nosso meio comportará o profissionalismo, em proporções menores, é verdade, mas a altura de manter quadros que se nivelem aos do Rio e de S. Paulo. A convenção de que o amador não deva transformar-se em profissional desaparecerá da mesma maneira que a intransigência do pae deante da filha, de vestido curto, e com os joelhos á mostra. Aquillo attentava contra os preconceitos moraes da família, mas só a primeira vez. Eu, si fora *crack*, com prazer exerceria a minha profissão e a de *footballer* remunerado. Não é crime nem vexatório, e no seu bojo traz a vantagem enorme de viver às claras[246].

Alguns clubes começaram a manifestar abertamente apoio ao Athletico para a implantação do profissionalismo em Minas Gerais, como o foi o caso do Tupy[247] de Juiz de Fora, do Retiro[248] de Nova Lima, do Palestra[249] de Belo Horizonte e do Siderúrgica[250] de Sabará.

---

[245] Meily Assbú Linhales (2006, p. 12-13) ao operar com as noções de "costume" e "cultura", referenciando-se nas contribuições de E. P. Thompson (1998, p.16-17), escreveu: "O costume, diferentemente da tradição, constitui um campo para permanentes disputas entre interesses e reivindicações conflitantes e também a cultura, mesmo quando "assume a forma de um sistema", ou a "inovação confortável de um consenso", não deixa de incluir em seu conjunto as contradições, as fraturas e as oposições existentes".

[246] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Domingo, 23 de Abril de 1933, p.8.

[247] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 20 de Abril de 1933, p.8.

[248] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 27 de Abril de 1933, p.8.

[249] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sexta feira, 26 de Maio de 1933, p.8.

[250] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sexta feira, 26 de Maio de 1933, p.8.

Com a adesão desses clubes ao movimento pelo profissionalismo na cidade, e com o conseqüente esvaziamento das equipes participantes no campeonato da LAF, coube a essa entidade anunciar o adiamento do "certame"[251] até a situação ser normalizada.

Embora o presidente do América mantivesse as esperanças que a situação seria contornada e que o amadorismo perduraria em Belo Horizonte, a notícia que chegava era que "a liga carioca teria autorizado a implantação do profissionalismo no nosso futebol[252]". Informação que não tardou a ser confirmada, aclamada e comemorada pela imprensa.

> Bello Horizonte recebeu com extraordinária vibração esportiva, a noticia da implantação no profissionalismo no nosso futebol. A nova, que foi a grande sensação do dia de hontem, teve como effeito enorme repercussão. De outro assumpto não se cuidava nas rodas esportivas. Fervilhavam os commetarios. A medida provocou enthusiasmo, fez bulha enorme, como não podia deixar de succeder. Para que o recebimento da noticia inopinada se revestisse por caracteres taes, contribuíram a sua própria natureza de sensacional e o imprevisto de seu apparecimento. Implantado o profissionalismo no futebol de Minas! Ainda pouco, isso dito, constituiria uma heresia quase. Paulatinamente a apreciação da realidade dos factos operou mudança favorável nos modos de observação. A medida já era encarada com mais benevolência, por effeito da exposição, si bem que moderada e da conveniência de sua adopção como pela representação das figuras que punham á festa da campanha profissionalista. Ainda se articulavam protestos, formulavam-se considerações visando fortalecer a opinião contrária á alteração do regimen do *association* motanhez. Os argumentos ocos se desfizeram a pouco e pouco, porém, em benefício de uma concepção mais exacta das reaes finalidades e alcance da medida. Até a hora derradeira de consumação do gesto louvável, não faltaram os retrógrados a bradar, a pregar no deserto as suas idéas inacceitaveis tanto quanto pertinazes. O essencial, porém, é que a ultima palavra foi dada, com aceito inegável, repudiando a opinião conservadora. A necessidade do progresso, o processo mais lógico da evolução teve comprehensão exacta[253].

Com a vitória integral da campanha pela implantação do profissionalismo no futebol mineiro as transformações no conselho superior da LAF eram

[251] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sabbado, 27 de Maio de 1933, p.8.
[252] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sabbado, 27 de Maio de 1933, p.8.
[253] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quarta feira, 31 de Maio de 1933, p.8.

inevitáveis. Uma das primeiras mudanças propostas tinha como alvo o nome da entidade, pois não fazia mais sentido continuar denominando a mesma de Liga de Amadores de Futebol, em virtude da perspectiva emergente da remuneração e do contrato.

Outras importantes resoluções como "juízes remunerados", "as condições estabelecidas aos clubes que quizerem figurar na divisão de profissionaes" e "a situação dos actuaes amadores pertencentes aos clubes que adoptaram o profissionalismo[254]" passaram a ser minuciosamente pensadas, negociadas e formuladas.

O receio de muitas pessoas naquele momento de transição era de que "a união esportiva de Minas[255]" se rompesse mais uma vez, tal como ocorrera no decorrer dos anos de 1931 e 1932. Pelas posições assumidas pelo América e pelo Villa Nova havia um grande temor que a resistência dos dirigentes desses clubes colocasse entraves à concretização do futebol profissional em Minas Gerais. No entanto, "o Villa apoiou o profissionalismo[256]" e o presidente do América, sem deixar de demarcar a sua posição, rendeu-se a medida.

> O dr. Clovis Pinto, presidente, e representante do América na reunião, reiterando embora as suas convicções amadoristas, não quis perturbar a boa ordem dos trabalhos com uma opposição systematica que , em ultima analyse, collocaria unicamente o seu clube em opposição aos outros[257].

O posicionamento dos dirigentes do América, ao aderir rapidamente ao profissionalismo, era incoerente com o discurso que o clube sustentou por muito tempo em Belo Horizonte. A pressão sofrida pelos diretores do alvi-verde fez com que a renúncia da diretoria do América fosse inevitável. Assim, o Dr. Clovis Pinto, presidente renunciante, expôs ao Estado de Minas os motivos desse gesto.

[254] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quarta feira, 31 de Maio de 1933, p.9.
[255] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Terça feira, 30 de Maio de 1933, p.6.
[256] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quarta feira, 31 de Maio de 1933, p.8.
[257] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Quarta feira, 31 de Maio de 1933, p.8.

> O América, por seus directores que acabam de renunciar, manteve-se até a última hora francamente contrario á implantação do profissionalismo no futebol daqui. Á vista dos fatos que se desenrolaram, e que acabaram impondo a adopção da medida, equivaleria tornar a quebrar a harmonia do Esporte a manutenção do nosso ponto de vista, isto é, a recusa da nossa parte de acompanharmos os demais clubes. Foi, assim, tendo em vista apenas a nossa união esportiva que o América se converteu em clube profissionalista. Torna-se excusado frisar, consequentemente que continuamos condemnando o novo *regimen*. E por isso, depois do cumprimento da nossa obrigação, e convencidos de termos agido com acerto, abandonamos os nossos cargos. O conselho deliberativo, em sua reunião de sabbado vae julgar o nosso gesto, e agirá da forma que melhor lhe parecer[258].

Como se não bastasse o que ocorria com a dissolução da LAF e com o advento do profissionalismo, os americanos ainda ficaram na eminência de perderem os seus diretores. No entanto, esse pedido de renúncia não demorou a ser retirado.

As estratégias elaboradas pelos integrantes da diretoria do América revelam um movimento arquitetado com base em muita astúcia.

> O sr. Clovis Pinto, no próprio nome e dos companheiros, impoz então uma condição; a de apenasmente para effeito externo, conservar o América o título de clube profissionalista, revestindo-se as suas actividades internas de caracter que patenteie o mais puro amadorista. Promettida a satisfação dessa exigência, desappareceram os motivos da renuncia que foi retirada. Logo após, foi encerrada a sessão, com contentamento geral pelo desfecho que teve[259].

Para manter o América como um clube adepto do amadorismo, sua diretoria não poupou esforços. Com esse intuito reuniu seus jogadores e anunciou uma proposta para que os mesmos defendessem as cores do clube sem a necessidade de remuneração e contractos, “mantendo assim a primitiva formula amadorista no profissionalismo[260]”. Porém, o pequeno número de

[258] Hemeroteca Pública – Estado de Minas, Sexta feira, 2 de Junho de 1933, p.6.
[259] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quarta feira, 7 de Junho de 1933, p.6.
[260] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Terça feira, 13 de Junho de 1933, p.6.

interessados presentes na reunião não chegaram a uma resolução que viabilizasse os objetivos da cúpula americana.

Contudo, ao conduzir suas ações com esse propósito o sr. Clovis Pinto e os demais integrantes, que estavam a frente das ações do América, passaram a ser atacados pelos mais diferentes setores. A estratégia americana não foi aceita pelos demais clubes e a normalidade do início da temporada profissional estava sendo ameaçada pelo propósito do América de não realizar contrato com seus jogadores[261].

> Essa história de o América não querer pagar os seus jogadores, fugir á primeira e mais directa finalidade de clube profissionalista, é o principal facto que está dando origem a essa descrença, espécie de previsão, talvez pessimista, acerca da normalidade do desenvolvimento do primeiro campeonato profissional de Minas[262].

Os fatos que emperravam a consecução do profissionalismo, já implantado oficialmente no Estado de Minas Gerais, deixavam transparecer que as resistências ao novo modelo na capital do Estado não parariam por aí. Opiniões, ora infundadas, ora acertadas, esquentavam as discussões também entre jogadores e torcida. Alguns afirmavam que "registrou-se aqui uma transição quasi súbita. O terreno não foi preparado, aplainado convenientemente de modo tal que, quando se tomasse a providencia, as coisas estivessem mais ou menos adaptadas[263]".

Todavia, se a polêmica questão do profissionalismo não foi mais discutida, para ser implantado em Minas Gerais, esse problema deu-se pela própria atitude conservadora e incrédula adotada pelas mesmas pessoas que recusaram-se a debatê-la no momento oportuno e agora proferiam suas críticas e impropérios aos quatro cantos da cidade.

[261] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quarta feira, 14 de Junho de 1933, p.6.
[262] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quarta feira, 14 de Junho de 1933, p.6.
[263] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quinta feira, 15 de Junho de 1933, p.6.

A estratégia do América foi duramente combatida pelo presidente do Athletico e pelos representantes dos demais clubes que desejavam o início do primeiro campeonato profissional de Minas Gerais.

> Todas as pessoas presentes à reunião para a implantação do profissionalismo sabem que ficou estabelecido do modo mais claro, e sem discussão, que os clubes apenas resolveriam internamente o modo de remunerar os seus jogadores. Donde, pois, a asserção da ignorância dessa disposição de ordem precípua?[264].

O América encontrava-se acuado, mas procurava de todas as formas defender-se dos ataques que sofria e ameaçou levar o caso aos tribunais, pois segundo o parecer da sua diretoria "o conselho administrativo não podia determinar obrigatoriamente a realização de contractos entre clubes e jogadores[265]".

Os representantes do América sustentavam suas posições embasando-se nos estatutos da LAF, entidade que passou por reformulações e deixou de existir com a emergência da AME. Entretanto, com o decorrer dos dias, e "em prol da união esportiva de Minas[266]", os diretores do América desistiram de levar a frente essa ação. Propuseram-se "attender ao appelo que lhe formularam o presidente da AME e dos clubes profissionalistas no sentido de integrar-se no novo regime do futebol realizando contracto com seus jogadores[267]".

Com a anuência do América o prazo para os clubes apresentarem os contratos dos jogadores foi prorrogado até o dia 8 de Julho de 1933 e o campeonato da AME começou, com muito entusiasmo por parte dos jogadores e de todos os envolvidos com o futebol em Minas Gerais.

Apesar de mais uma página nessa trama ter sido virada, alguns jogadores e a sociedade belo-horizontina permaneceram com sérias suspeitas, restrições ou até mesmo indiferença com relação ao profissionalismo, fato que não abalou a paixão pelo futebol na cidade.

---

[264] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sabbado, 17 de Junho de 1933, p.6.
[265] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Sabbado, 17 de Junho de 1933, p.6.
[266] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quarta feira, 28 de Junho de 1933, p.8.
[267] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Quarta feira, 28 de Junho de 1933, p.8.

> O repórter verificou que os *cracks* igualmente estão achando graça no profissionalismo do futebol bellorizontino. Visitas succesivas nos campos dos clubes profissionalistas, em dias de treino é que nos deram a certeza disso. Chega-se com vontade de perguntar ao *crack* si elle será profissional.
> Si elle percebe antes o repórter, ri para este maliciosamente.
> A pergunta dobra a risada. A gente fica desarmado sem disposição para insistir.
> No vestiario, a mesma malicia, desta feita no seio da própria rapaziada.
> - Ah profissional!...
> Quando o rapaz é mais sizudo, gosta menos de brincadeira e mais de olhar as coisas de modo sério, depois de pensar diz:
> Mas será mesmo que esse negócio dá resultado? Vamos ver... Isso conforme...
> No fundo, porém, poucos se importam. Seja profissional ou amador. Não há lá grande differença.
> **Não existem estultes preconceitos. Qual princípios, qual nada! Tolices! Velharias! A nobreza do espírito dos nossos *footballers* se evidencia mais ainda por isto. O que elles querem, em grande maioria, esmagadora, é continuar a dar no couro.**
> **Têm só a bola na cabeça. Isto é, no pensamento. A "nota"... Já que vem, seria indelicado recusar...**
> Despreocupadamente, sem balburdia, continua-se a freqüentar os ensaios. O que menos se procura saber é quando os responsáveis pelos destinos do clube tratarão de resolver a questão que affecta de modo mais directo a mudança de regime: a remuneração dos *players*. Isso é coisa que virá depois naturalmente. E assim os dias vão passando sem que aja alteração de qualquer ordem. Tudo está conforme. Os factos se desenvolvem normalmente, numa sucessão racionalissima...[268]. (Grifos meus)

A profusão de opiniões diversificadas sobre o profissionalismo, sustentadas pelos interesses dos diferentes personagens presentes no campo esportivo em Belo Horizonte, impactaram e alteraram substancialmente às experiências dos envolvidos com esse esporte na capital de Minas Gerais.

Muitos personagens foram importantes no campo esportivo em Belo Horizonte. As características dos sujeitos que dirigiam o futebol passaram a serem exaltadas ainda mais, pois somente com o comprometimento e com a dedicação o futebol mineiro poderia esperar novos momentos de tranqüilidade.

[268] Hemeroteca Pública, Estado de Minas – Quinta feira, 15 de Junho de 1933, p.6.

> Saímos hoje do silêncio com que vimos acompanhando a atividade esportiva nesta capital, nestes últimos tempos, para registrar, com o destaque que bem o merece, a volta do coronel Oscar Paschoal á presidência do América *Foot-ball* Clube. Ela não tem extensão apenas americana. Faze-se sentir em todos os ângulos da nossa vida esportiva, afirmando uma fase de maior segurança, de mais garantias, de melhores possibilidades de progresso. O *sportman* sereno e sensato, justo e dinâmico que o coronel Oscar Paschoal soube ser quando redourava com o seu prestigio e a sua orientação o grande clube americano, ou quando presidia a antiga Liga Mineira, há-de resurgir, com o mesmo vigor de sugestão, nesta quadra do *foot-ball* profissionalista, tão trabalhada, porque muito propicia, pelas paixões que dispersam e enfraquecem. Depois de longa e voluntária permanência á margem dos fatos, posição da qual as perspectivas são mais claras e a visão mais segura, o coronel Oscar Paschoal reassume o seu velho e honroso posto, certamente, com um acervo considerável de observações e conclusões que hão de prevalecer ou influir nos seus novos passos, os quais, convem frisar, perlustrarão terreno bom diferente daquele com que estavam acostumados, há alguns anos[269].

Uma nova etapa como anunciou a matéria anterior dependia de pessoas ponderadas, esclarecidas e capazes de gerir os clubes, as federações e os campeonatos regionais. Só dessa forma os impactos que o profissionalismo trouxe nas experiências dos sujeitos poderiam ser atenuados.

> De fato, a industrialização do *foot-ball*, como é lógico e facilmente compreensível, imprimiu a esse esporte fisionomia bastante diversa, porque o conduziu a uma situação em que não se justifica mais a máxima de Juvenal: - *Mens sana in corpore sano*. Hoje, o esporte passou a ser uma atividade ao sabor da lei da oferta e da procura. Constitue um capítulo a mais a acrescentar-se nos tratados de política econômica. Seu espírito é o espírito pragmático e utilitarista de qualquer negocio. Seu hino é a musica das pratas. Sua bandeira, as notas de banco. Saltou do simples para o complexo, do livre para o codificado, do espontâneo para o obrigatório. Por isso mesmo exige dos seus dirigentes qualidades superiores que nem sempre concorrem numa só pessoa. No coronel Oscar Paschoal vemos os atributos necessários ao momento e, por vê-los, é que saudamos a sua volta á direção do América como um fato cuja repercussão não pode ficar circunscrita aos meios americanos: tem necessariamente de

[269] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Sexta-feira, 6 de Julho de 1934, p.13.

> projetar-se fora, como prenúncio de novas realizações. A posse do acalado *sportman*, ontem, plantou mais um marco da vida esportiva da Capital. É outra a hora que o *foot-ball* está vivendo – G. G. M.[270].

O futebol, que agora podia ser visto pelo prisma de um "*regimen* victorioso do football remunerado[271]", fazia com que as demandas de vários grupos envolvidos com o esporte aparecessem de acordo com suas condições peculiares e concretas.

Com o decorrer do tempo, um movimento contrário ao que aconteceu nos anos de 1931, 1932 e 1933 também começou a ocorrer. Nesse processo de idas e vindas alguns argentinos começaram a ser contratados para jogar no Brasil. Entretanto, não durou muito tempo essa inserção dos jogadores argentinos, pois logo os clubes perceberam que os nossos jogadores estavam no mesmo nível técnico dos jogadores que vinham de fora.

> A vinda de vários *players* argentinos para os *clubs* cariocas constituiu motivo para excessivo reclame em torno do valor dos neo-contratados pelos nossos clubes. Raros predicados foram adaptados a todos elles e cada qual era melhor que outro. Mas vieram as provas praticas e a illusão foi logo desfeita. Salvo Arresi e, no momento Lamana, cujo jogo é muito idêntico ao do fallecido Nonô, os demais *players* platinos eram de recursos eguaes a muitos outros que temos pelo Rio afora e por um custo de dez vezes menor. E os nossos *clubs* ficaram assoberbados por grandes despesas dos contractados lavrados, mas a espera da primeira opportunidade que lhe fosse offerecida para verem-se livres desses encargos financeiros, porque não havia vantagem alguma para os *clubs* cariocas em mantel-os. Fassora foi o que iniciou o regresso. Tivemos depois Dedovits, De Saa e Arresi seguiram o ex-center americano. Hoje regressaram mais 3: Mariani e Della Torre que tiveram rescindidos os seus contractos e Kuko vae a passeio. No dia 8 Rivarola deixará a nossa capital. Assim, dentro de um prazo relativamente curto, os *players* argentinos voltam a seu paiz, bastante desolados com o progresso do profissionalismo brasileiro[272].

[270]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Sexta-feira, 6 de Julho de 1934, p.13.
[271] Hemeroteca Pública – Estado de Minas – Domingo, 7 de Maio de 1933, p.8.
[272]Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais - Sabbado, 2 de Fevereiro de 1935, p.1.

Para os brasileiros era uma motivação a mais para buscarem a superação. Além do mais, com o profissionalismo e a vinda de jogadores de fora, reduzia-se a possibilidade de mais jogadores com nacionalidade brasileira representarem os times locais e ganharem uma remuneração por isso. Uma verdadeira luta por espaço começou a ser travada nos campos de futebol, o que aumentou ainda mais a complexidade do momento.

Um sentimento defensivo e bairrista assolou os brasileiros nos mais diversos cantos do país. Nossos jogadores acostumados a jogar fora do país, agora tinham que dividir o espaço de atuação com pessoas que vinham do exterior. Esse acontecimento, num primeiro momento, foi motivo de incômodo, porém, logo em seguida, transformou-se em sentimento de auto-afirmação com a constatação que os nossos jogadores eram iguais ou melhores que os estrangeiros, dessa forma não havia uma justificativa para manutenção dos mesmos em solo nacional. E eles acabaram regressando para os seus países de origem sonhando com melhores dias.

Enquanto alguns procuravam manter as esperanças, resgatar seus sonhos e buscavam novas experiências através do futebol, outros tinham os seus sonhos interrompidos.

Assim, chegava ao fim na Itália a vida de Nininho, que tantos caminhos foi capaz de trilhar, tantas experiências no futebol acumulou, e tantas portas abriu para outros jogadores brasileiros na Itália e na Europa. Esse jogador que foi tão impactado com a transição do amadorismo para o profissionalismo, teve a sua vida modificada pelos rumos de uma nova fase do futebol no Brasil e no exterior, assumiu os riscos de sair do seu país, e teve coragem num momento em que muitos recusaram-se a declararem-se profissionais e a viverem do esporte.

Em decorrência de complicações de uma lesão que acontecera durante uma partida, o quadro agravou-se de tal maneira que o mesmo não resistiu. No entanto, as experiências de Nininho, imaginadas e compartilhadas, através dos jornais serviram de incentivos para que outros também fossem em busca de experiências de êxito nesse esporte, capaz de despertar o encantamento e a perplexidade, sentimentos ambíguos, complexos e inusitados.

> O fallecimento de Nininho, o grande *foot-baller* mineiro. Ainda não foi decidido si o seu corpo será trasladado para o Brasil. Causou a mais profunda tristeza nos círculos esportivos e sociaes da cidade a morte do jogador brasileiro, em Roma, Nininho, que, no Palestra Itália dessa Capital formou a sua qualidade de *crack* do *foot-ball* mundial. A Noite, noticiando o infausto acontecimento, publica, entre outros commentarios, os seguintes: Octavio Fantoni Nininho, o *half* direito brasileiro do Lazio F. C. de Roma, falleceu ás 19, 30 horas, victima das conseqüências de um choque em gramado com seu compatriota, o conhecido *player* Benedicto, que pertenceu ao Botafogo e ao Fluminense. Nininho não resistiu as lamentáveis fracturas no joelho e pé direito, com infecções. A gangrena surgira e três operações seguidas não evitaram o desenlace. Ecoou tristemente a notícia em nossos meios esportivos. Nininho era estimado não só pelas suas qualidades technicas apreciáveis como pela sua verdadeira comprehensão dos deveres disciplinares. Com a morte deste authentico elemento que na Europa punha bem alto o renome esportivo do Brasil, perde o *foot-ball* do mundo uma figura completa de *sportman*. O corpo do infortunado *crack* brasileiro Nininho está no hospital Margagni, em Roma, onde tem sido muito visitado. O Lazio ainda não decidiu com a família do fallecido se elle será trasladado para o Brasil[273].

Da mesma forma, como alguns tinham suas trajetórias interrompidas, outros grandes craques começaram a despontar em Belo Horizonte. A disputa dos times cariocas pelos nossos atletas era tão grande que mal começavam a firmarem-se na condição de ídolos, os mesmos já eram assediados pelos clubes do Rio de Janeiro. Algumas matérias nas revistas de Belo Horizonte ajudaram-me a compreender um pouco mais as experiências de um outro tempo, como revelou a matéria, de 1937, intitulada “O Crack Peracio”, escrita por Alcides Curtiss de Lima e destinada à Bello Horizonte.

> Há tempos, escrevi sobre a impossibilidade de um accordo no esporte. No entanto, fui derrotado. A pacificação veiu, quando menos se esperava. E Minas está soffrendo, com o advento da paz, que não deveria soffrer. Os *clubs* cariocas que, em conseqüência do dissídio, se viram com seus quadros pitimbados, iniciam agora uma ofensiva tremenda contra os grêmios mineiros, arrancando-lhes, á força de quantias elevadas, os seus melhores

[273] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Geraes - Domingo, 10 de Fevereiro de 1935, p.1.

> jogadores. O que possuímos de bom, em nossos gramados, está desapparecendo ao poucos[274].

O autor da crônica fazia referência aos constantes desentendimentos entre os clubes de Belo Horizonte e os dirigentes do esporte em Minas que tinham a incumbência de organizar o futebol. Entretanto, cessado os conflitos e prevalecendo o profissionalismo nessa modalidade tornou-se mais fácil para os representantes dos clubes em outros estados retirarem de Belo Horizonte os principais atletas, como aconteceu com Peracio..

> Peracio foi o primeiro dos nossos grandes *cracks* a se transferir para o Rio. Este, como os outros, deixou uma lacuna imprehenchivel. E, por falar em Peracio, lembro-me de um menino franzino, muito esperto, que vivia mais na rua do que em sua própria casa. Este menino que tanto incommodava os vizinhos é o famoso *crack* que o Botafogo contractou por 60 contos de réis. Nas ruas e nas chácaras do bairro de Carlos Prates, quem não se recorda de Peracio? (...) Coisas do destino... Aquelle menino que attendia pela alcunha de "Bocca de Fogo", desde pequeno soube jogar *Football*. Inevitavelmente, teria que vir a ser um dos maiores "azes" do *football* brasileiro. E justamente na posição que actuava o seu jogador precdileto, Mario de Castro, Peracio consagrou-se como o maior meia esquerda do Brasil. Aquelle menino que tantas vidraças quebrou e que muitas vezes foi apanhado nas chácaras de Carlos Prates, nunca imaginara que algum dia viesse a occupar as columnas dos jornaes, e ver o seu retrato e o seu nome pronunciado por todos os cantos do Brasil, como sendo um dos maiores jogadores de *Football*; e muito menos que iria custar 60 contos de réis ao *Club* que pleiteasse o seu concurso. Peracio cresceu physicamente e como jogador de *football*. Hoje, o meu antigo companheiro de infância é o ídolo dos estádios. Entrou na "vaga" de Mario de Castro, o "*Crack*" que elle, em creança, tanto applaudiu[275].

Outro jogador que se destacou em Belo Horizonte foi o craque Guará. A sua trajetória nos campos de futebol foi descrita na crônica abaixo.

> O mez já não me vem a memória, mas o anno foi o de 1934. Floriano Peixoto Corrêa, cognominado o Marechal das Victorias,

[274] Arquivo Público Mineiro. Revista Bello Horizonte, 1937-1938.
[275] Arquivo Público Mineiro - Revista Bello Horizonte, 1937 – 1938.

e que viveu os seus últimos dias na Argélia, longe da sua pátria, era então o treinador do Athletico. Emprestava também, de quando em vez, o seu concurso ao grêmio alvinegro, como jogador, actuando na posição que o consagrara como um dos maiores *cracks* do futebol brasileiro: *center-half*. Amigo que sempre foi da imprensa, Floriano correu logo as redacções dos jornaes para communicar que dois jogadores de futebol da cidade mineira de Ubá estavam sendo esperados pelo Athletico. Um centro avante e um meia esquerda. Nessa occasião o Athletico, como os demais *clubs* da capital, cuidavam seriamente, da organização de uma equipe mais sólida, afim de defender ás exigências do regime profissionalista, que vinha de ser implantado. No dia seguinte, desembarcaram em Bello Horizonte dois rapazinhos, de pequena estatura, acanhados, trazendo ainda no semblante, bem vivo, aquelle característico predominante do sujeito do interior que pela primeira vez vem á capital. Dias depois, isto é, após alguns treinos experimentaes, o Athletico firmava contracto com a dupla de Ubá. Guaracy Januzzi e Nicolino Lauria Filho, ou melhor, Guará e Nicola, constituíam a mais bella acquisição do clube alvinegro no anno de 1934. Os dois rapazinhos acanhados do interior começaram então a sentir as primeiras emoções do *crack* que actua nos grandes centros esportivos. Dentro dos estádios, eram acclamados enthusiasticamente. Nas ruas, os seus nomes andavam de bocca em bocca. Nas paginas dos jornaes, os seus retratos appareciam com destaque acompanhados de legendas expressivas e espalhafatosas. Aquelle que attendia pela alcunha de Guará ganhou, no emtanto, uma popularidade incrível entre os demais profissionaes do futebol mineiro. Guará passou a ser o ídolo dos torcedores do Athletico e uma das figuras mais impressionantes dos nossos campos. Com o decorrer do tempo e em face das suas excellentes qualidades de jogador de futebol, Gurará se impôz de um modo definitivo no scenario esportivo do Estado e, mais ainda: o seu nome passou a figurar no rol dos grandes azes do futebol brasileiro. Hoje, não há quem não conheça o mignon atacante do Athletico. Guará já não é mais aquelle rapazinho acanhado do interior, que há cinco annos desembarcaria em Bello Horizonte, trazendo dentro da sua mala um terno de cor cinza, typo esporte, que foi logo substituído por um elegante costume azul marinho. Guaracy Januzzi é hoje o Guará que tanta preocupação tem causado aos seus milhares de fans. A sua popularidade, como acontece com todos os grandes astros do futebol, attingiu, entretanto, o maximo ao soffrer o diabólico centro-avante um grave accidente nos minutos iniciaes de uma partida entre o Athletico e o Palestra. Os círculos esportivos da capital logo se alvoroçaram com a noticia de que Guará perdera os sentidos, sendo necessária a sua internação em um hospital. A inquietação dos afficcionados ao futebol em conseqüência do accidente que victimará o popular *footballer*, não ficou somente por aqui. De vários pontos do paiz começaram a chegar pedidos

> de informações sobre o estado de saúde do famoso *player* mineiro. Choviam os telegrammas e cartões de toda parte[276].

A crônica deu-me a dimensão de como o profissionalismo possibilitava uma alteração profunda nas experiências dos sujeitos com o futebol, pois se antes as perspectivas de alguém que resolvesse se dedicar ao futebol eram muito limitadas, após uma maior estruturação do quadro esportivo, as possibilidades passaram a não ter mais parâmetros de alcance e de projeção para os jogadores, que conseguiam destacar-se através das suas performances em campo.

[276] Arquivo Público Mineiro - Revista Bello Horizonte, Junho de 1939.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

HORA DE SAIR DO CAMPO E PREPARAR PARA OUTRAS TRAMAS

Como anunciei em sua introdução, o objetivo deste trabalho foi compreender o futebol nas suas múltiplas expressões em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930, período marcado pelo enraizamento e consolidação do futebol na cidade, do início do debate sobre o profissionalismo e sobre o amadorismo, dos sururus e de tantos outros aspectos que fizeram dessa modalidade uma verdadeira "febre[277]".

O período estudado mostrou-se muito fecundo e relevante para o entendimento dessa prática sociocultural e dos rumos que esse jogo foi ganhando com o passar dos anos.

Para responder os problemas que fui identificando e buscando ampliar as discussões centrei meu olhar nas experiências dos sujeitos com o futebol, tentando perceber os impactos que os jogadores sofreram nestas duas décadas e que alteraram de alguma forma a relação construída com esse esporte.

Pude perceber que o futebol fazia parte da vida das pessoas nas décadas de 1920 e 1930 em Belo Horizonte de forma arrebatadora. Outros esportes também começavam a ser mencionados, no entanto, a supremacia do futebol era notória. "Não só o *football*, para o qual, naturalmente, em primeiro logar, se voltam todas as vistas, mas também o *tennis*, o *voley-ball*, o *basquet-ball*, e outros desportos serão alvos de acurados estudos nos diversos processos de

[277] Nicolau Sevcenko (1998, p. 577) afirmou que "O primeiro momento de clímax dessa euforia desportiva viria no Rio de Janeiro com a vitória sobre a seleção do Uruguai em 1919, que tornou o Brasil em Campeão Sul-Americano de Futebol. Desde então ninguém mais conteve a febre dos esportes. Se o prestígio social atraía a população, o fato é que a cultura popular da cidade já era marcada tanto pelos valores de exuberância física quanto pelo espírito lúdico de precipitar os oponentes no ridículo pela destreza e rapidez de movimentos". Não foi objetivo, do presente trabalho, identificar os primeiros momentos de clímax do futebol em Belo Horizonte, contudo, como já foi explicitado nesta pesquisa os indícios apontaram que esse processo intensificou-se na década de 1920.

sua cultura[278]". É importante salientar que para muitos, como está expresso acima, já era natural que o futebol fosse a preferência absoluta das pessoas.

A imprensa teve uma contribuição decisiva para a consolidação do futebol na cidade. As informações divulgadas sobre essa modalidade esportiva eram muito variadas.

A vinda de equipes de outros países e de outros estados para jogar em Belo Horizonte aconteceu algumas vezes. Os amistosos dos times da capital contra as equipes do interior aconteciam com uma regularidade considerável no período investigado. Esses intercâmbios foram importantes, pois é plausível imaginar que ao deparar-se com outras condições e com outras realidades os jogadores envolvidos com o futebol na cidade e a opinião pública começassem a reconhecer a grande paixão por esse esporte, bem como as fragilidades e as peculiaridades locais.

Em várias circunstâncias as equipes de Belo Horizonte enfrentaram os times do interior do estado, em jogos que embora tivessem um caráter festivo foram ao longo do tempo promovendo rivalidades e acirrando a competitividade no esporte. Em algumas ocasiões as equipes do interior vinham a Belo Horizonte como ocorreu com o Tupy, de Juiz de Fora, que viera enfrentar o Palestra, "A assistência encorajava com applausos os *players*, na defesa das suas gloriosas cores"[279].

Em outras ocasiões, os principais times da capital foram ao interior enfrentar as equipes dos diversos municípios, tal como ocorrera na excursão do *Club* Athletico Mineiro a São João Del Rei. Esses jogos também tinham a finalidade de promover o futebol. "Debaixo de uma assistência numerosa, onde se destacavam elementos da maior representação social e política, alumnos dos diversos estabelecimentos e grande numero de senhorinhas, realizou-se, domingo, o grande encontro inter-municipal[280]". Havia um conjunto de rituais nesses jogos festivos que iam desde o acolhimento da equipe visitante, o

[278] Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Geraes – Domingo, 21 de Março de 1926, p.7.
[279] A matéria pode ser acessada no Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Geraes – Domingo, 15 de Julho de 1928.
[280] Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Geraes – Quarta-feira, 15 de Agosto de 1928, p.8.

momento do jogo, a cordialidade de quem recebia, os agradecimentos e o reconhecimento por parte do anfitrião e do visitante. O que não podia ser abalado, entretanto, era o confronto entre as equipes nesses jogos amistosos, "O encontro transcorreu em perfeita ordem e camaradagem não só por parte da enthusiastica assistência, como também por parte dos *players*, que se degladiavam[281]".

O futebol cumpriu o papel de aproximar as pessoas como nenhuma outra manifestação havia conseguido até aquele momento. É certo que outras formas de diversão foram se constituindo em Belo Horizonte no início do século XX, contudo, através dos indícios encontrados constatei que o futebol agradava a muitas pessoas nesse momento. Muitas equipes surgiram nos arredores da cidade e nos bairros periféricos.

As notícias sobre o futebol em outros estados, principalmente dos clubes e das ligas do Rio de Janeiro e de São Paulo, freqüentaram os jornais mineiros com muita recorrência. Esse fato ocasionou uma estreita relação com essas diferentes realidades e uma conseqüente problematização da realidade mineira.

A passagem do amadorismo para o profissionalismo começou a ser debatida no Brasil, principalmente em decorrência do grande êxodo de jogadores para o exterior, sobretudo para a Itália e para a Espanha no início da década de 1930, posteriormente para a Argentina e para o Uruguai que profissionalizaram o futebol e começaram a atrair aqueles jogadores que queriam ser remunerados.

Em Belo Horizonte, como pude narrar neste trabalho, os fatos impactaram as experiências dos envolvidos com o Esporte na cidade. Embora as fontes consultadas não permitam-me afirmar que os clubes da capital mineira remunerassem os seus jogadores ou concedessem incentivos financeiros aos mesmos, os debates empreendidos em 1931 e 1932 foram de extrema relevância e começaram a formar opinião, através de pontos de vistas divergentes, e que na maioria das vezes permitiram-me vislumbrar o caráter

[281] Arquivo da Imprensa Oficial – Minas Geraes – Quarta-feira, 15 de Agosto de 1928, p.8.

conservador e tradicionalista da sociedade mineira como um entrave para a ampliação dos rumos que o futebol possibilitaria.

As tramas que sucederam demonstraram que a realidade belo-horizontina teve inúmeras peculiaridades. O futebol, que era encarado como diversão para muitos dos envolvidos com esse esporte, foi alvo de discórdias, brigas pela ascensão ao poder, estratégias para fazer com que os interesses particulares e de grupos determinados sobrepujassem os interesses coletivos, astúcias pela manutenção de pontos de vistas rejeitados pelo advento de novas possibilidades que surgiram.

As desavenças entre as entidades que comandavam o esporte mineiro ganharam muita repercussão nos jornais, a tal ponto, de muita desconfiança sobre a lisura dos processos e a integridade dos representantes das ligas serem colocadas sobre suspeitas ou contestadas abertamente. Vários episódios como o do jogador Pantuzzo ocorreram em 1932, vários times recorreram das decisões polêmicas e depois de muita conversa e de muitos sururus a pacificação do futebol mineiro foi anunciado.

Entretanto, ao ser declarado o profissionalismo no futebol carioca, e com as manchetes dos jornais especulando sobre a possível transferência dos jogadores mineiros para o Rio de Janeiro, reabriu-se as discussões em torno do profissionalismo no futebol mineiro.

Pude perceber que algumas pessoas acreditavam que os sururus acabariam com o advento do profissionalismo. Era de esperar-se que com uma relação mais profissional, a organização nos bastidores das partidas fosse aperfeiçoada e que esse processo tivesse reflexo no transcorrer das partidas. No entanto, os sururus permaneceram, pois o interesse pelo jogo ampliou-se e o futebol passou a ser praticado por mais pessoas de variadas camadas da população que envolviam-se de formas diferenciadas no campo esportivo.

Existiam pessoas que tinham muitas restrições ao profissionalismo no futebol mineiro. O principal argumento utilizado era que a baixa presença de público nos jogos e as pequenas rendas que os mesmos proporcionavam eram incompatíveis com as demandas que os clubes teriam.

Contudo, o movimento deflagrado pelo presidente do Athletico e o receio que houvesse novos conflitos no futebol mineiro fizeram com que o profissionalismo fosse instituído, alguns meses depois do Rio de Janeiro, também em 1933, culminando no primeiro campeonato de futebol profissional realizado em Minas Gerais.

Durante toda a pesquisa busquei compreender os impactos nas experiências dos envolvidos com o futebol nas décadas de 1920 e 1930 em Belo Horizonte, porém fui percebendo no decorrer do trabalho nos arquivos, e com a análise das fontes, que embora algumas evidências pudessem ser relacionadas com a passagem do amadorismo para o profissionalismo no esporte é prudente ter muita ponderação para não fazer afirmações precipitadas, pois o período investigado foi muito curto para tirar conclusões definitivas.

Pelas particularidades locais faz-se necessário que outros pesquisadores investiguem mais detidamente o final da década de 1930, e as décadas de 1940 e 1950, para fazer inferências mais contundentes aos impactos nas experiências dos sujeitos com a emergência do profissionalismo em Belo Horizonte num período mais estendido.

Contudo, as tramas identificadas nessa pesquisa e os indícios encontrados nas fontes mostraram-me que há inúmeras possibilidades de investigação a partir do futebol em Minas Gerais. No entanto, como Clarice Lispector, com quem comecei este trabalho, quero a ultima palavra... é hora de terminar essa pesquisa... para que outras tramas possam ser investigadas... imaginadas... sonhadas... para que as primeiras palavras tornem-se possíveis novamente.

> “Sim, quero a palavra última que também é tão primeira que já se confunde com a parte intangível do real. Ainda tenho medo de me afastar da lógica porque caio no instintivo e no direto, e no futuro: a invenção do hoje é o meu único meio de instaurar o futuro. Desde já é futuro, e qualquer hora é hora marcada. Que mal porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento. Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapo não deixando, gênero não me pega mais. Estou num estado muito novo e verdadeiro,

curioso de si mesmo, tão atraente e pessoal a ponto de não poder pintá-lo ou escrevê-lo[282]".

[282] LISPECTOR, 1998, p. 12 e 13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, André Gil Ribeiro de. **Sobre a disciplina no futebol brasileiro**: uma abordagem pela Justiça Desportiva Brasileira. Universidade Federal Fluminense, programa de pós-graduação em Antropologia. Niterói – R.J., 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987. **Quando é dia de Futebol**; pesquisa e seleção de textos Luis Mauricio Graña Drummond, Pedro Augusto Graña Drummond. – Rio de Janeiro: Record, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura.- 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.- (Obras escolhidas; v.1)

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, num. 19, p. 21-29, Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

BORGES, Brasil. **Seu Horizontino e Belo**: miudezas de uma vida comum. Taurus Editora, 1996.

BOTÊLHO, André Ricardo Maciel. **Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo:** a imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894-1919). Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Limitada, 1983.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. – Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo: IBRASA, 1990.

CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CARVALHAES, José Ricardo Faleiro. **Futebol**: as paixões e os interesses. Dissertação (Mestrado em Sociologia). FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Difusão Editorial, 1988.

COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o Futebol**: integração social e identidades coletivas (1897-1927). Dissertação (Mestrado em História) – PUC-MG, Belo Horizonte, 2003.

CUNHA, Loris Baena. ***A* verdadeira história do Futebol Brasileiro***.* Primeira edição, Ed. Publicitária, Comunicação e Marketing Ltda, Rio de Janeiro, 2000.

DAMO, Alei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.9, n.2, p.129-156, maio/ agosto de 2003.

FARIA, Eliene Lopes. **A aprendizagem da e na prática social**: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo

Horizonte.Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2008.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses**: Futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS, Marcel de Almeida. **A institucionalização e a organização dos times em Belo Horizonte analisadas sob o prisma das relações de classe, étnicas e da construção da masculinidade.** Dissertação (Mestrado em psicologia). FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2004

FREITAS, Wagner Augusto Álvares de. **Villa Nova**: 100 Anos de Glória em Vermelho e Branco. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2008.

GALUPPO, Ricardo. **Raça e amor**: a saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada. Coleção Camisa 13. São Paulo 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In: GOELLNER, S. V. e JAEGER, A. A. **Garimpando memórias**: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GUIMARÃES, Ronaldo. **Parque Municipal**. – Belo Horizonte: Conceito Editorial, 2005. 80 p. (BH a cidade de cada um; 5).

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: o caso da copa de 70. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HIRSCHMAN, Alberto O. **A retórica da intransigência**: perversidade, futilidade, ameaça. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

JAL e GUAL. **A história do futebol no Brasil através do cartum** / JAL e GUAL. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

LINHALES, Meily Assbú. **A escola, o esporte e a "energização do caráter"**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da UFMG, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva** – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MELO, Victor Andrade. **Cidade Esportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Relume Dumará; Rio de Janeiro, 2001.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. **"Reencontrando a arte do futebol na obra de Carlos Drummond de Andrade"** In: CD Room do V Seminário O Lazer em debate. Rio de Janeiro, 2004.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. **A contribuição do *Football* na transformação do espaço em lugar em Belo Horizonte nas primeiras**

décadas do século XX. XI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. Viçosa-MG, 2009.

NAVA, Pedro. **Beira Mar** – Memórias 4 - 3. ed, - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

NAVA, Pedro. **Galo das trevas** – Memórias 5 – 4. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

NAVA, Pedro. **O Círio perfeito** – Memórias 6 – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

NUNES, Clarice. **Os desafios da pesquisa histórica**. In: Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. UFMG, Belo Horizonte, 1996.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Coleção Histórias do Brasil. Ed. Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, Luiz Carlos. O futebol no campo afetivo da história. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.10, n.3, p.99-111, set. /dez. de 2004.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e uma poeira infernal**: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: FAFICH/ UFMG, 2007.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski Dantas. **Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo:** tecendo os fios da história de um casamento feliz. Dissertação (Mestrado em Educação Física). UFSC. Florianópolis, SC, 2005.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteiras**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2001.

RIGO, Luiz Carlos. Nomandismo e miscigenação no futebol pelotense. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.9, n.3, p.149-161, set./dez. de 2003.

RODRIGUES, Marilita A. A. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade:** Uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado em História). UFMG, Belo Horizonte, 2006.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. (4 edição). Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson, 1912-1980. **O berro impresso das manchetes**: crônicas completas da manchete esportiva (55-59). – Rio de Janeiro: Agir, 2007.

SALDANHA, João. **Os subterrâneos do futebol**. 2.ed. – Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.

SALLES, José Bento Teixeira de. **Rua da Bahia**. Conceito Editorial, 87 p. (BH a cidade de cada um; 3). Belo Horizonte, 2005.

SALLES, José Geraldo do Carmo. **Entre a paixão e o interesse** – O amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004. p.123.

SALLES, José Geraldo do Carmo. **História Política do Futebol Brasileiro** – A tensão inicial do processo de profissionalização. Coletânea do XI Congresso Nacional de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. Viçosa-MG, maio de 2009.

SANTANA, Jorge. **Páginas heróicas**: onde a imagem do Cruzeiro resplandece. Coleção Camisa 13, São Paulo 2003.

SANTOS, Joel Rufino. **História política do futebol brasileiro**. Coleção tudo é história, 20. Brasiliense, 1981.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo** – primórdios do futebol no Brasil. Coleção Zona do Agrião. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Por uma historiografia da reflexão - Apresentação à edição brasileira. In: BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001. p.7.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. – São Paulo: Companhia das Letras,1992. p.49.

SEVCENKO, Nicolau. A metrópole irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: (Org.) **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v. 3.

SILVA, Daniela Alves da. **Cultura Operária**: um estudo de caso do Villa Nova Atlético Clube. Dissertação (Mestrado em História). FAFICH /UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SILVA, Marcellino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SIMÕES, Leandro Ferreira. O jornal e a bola: para onde foi a torcida? In: CASTRO, Maria Ceres Pimenta Spíndola. **Folhas do tempo**: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926. Belo Horizonte, UFMG, 1997.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos**: educação physica e gymnastica como práticas constitutivas de corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte – 1897-1920. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 1999.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

ANEXOS

Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Domingo, 23 de Março de 1930.

> “Bello Horizonte é denominada com razão, a cidade do Tédio.
> Pobre de diversões, a cidade, à noite, é um enorme amontoado de casas adormecidas, sobre ruas desertas e sombrias. Temos como única diversão o cinema, que não passa de um monopólio revoltante, onde tudo é levado em conta, menos o interesse do publico, que é escorchado impiedosamente. Nos bons tempos dos antecessores da actual empresa, o publico, além dos cinemas, encontrava-se sempre, no Avenida e no Pathé, uma companhia de variedades e de theatros que, a preços populares, quebrava a monotonia dos sôcos de Tom Mix e dos beijos freudianos de Joan Crawford. A empresa, velha amiga do publico de Bello Horizonte levava em muita conta o interesse dos seus habitués. Hoje, o que se verifica é justamente o contrario. O povo, para os felizardos detentores das diversões na Capital, não existe. Trata tão bem os frenquentadores das suas pachuchadas, como trata um vendedor de terrenos imprestáveis. Fecharam o cinema Pathé, casa de tão belas tradições em Bello Horizonte, e extinguiram o palco do Avenida. O do cinema Brasil é o inverso da definição de substantivo concreto, da anedota...E os preços? Temos cinema em Bello Horizonte a preços de theatro. E mau cinema, porque o commum dos programmas é constituído de fitas já há vários annos exhibidas em reprises enfadonha e soporíferas. Bello Horizonte pensa em fazer um plebiscito, no qual se apurarão as preferências do povo dentro deste questionário. Qual, para vosso interesse, a empresa que deveria explorar as diversões em Bello Horizonte; a actual ou a antiga? O que se precisaria fazer para que Bello Horizonte tivesse uma perfeita organisação destinada a proporcionar diversões publicas? Será o próprio povo, de que nos

> orgulhamos de seu um dos bons amigos, que dirá do descalabro reinante nesse importante assumpto para uma grande cidade como já é a nossa capital ".

Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Domingo, 23 de Março de 1930.

> "A causa principal, senão única, de todas estas falhas do nosso meio esportivo, é o fato de ser o *football* o pensamento único dos nossos *sportmen*. O *footbal*l não merece, assim como outro qualquer sport, esta preferência escandalosa. Não se comprehende como nossos chefes sportivos e os nossos amadores podem preterir o athletismo, a natação etc., que fazem tanto bem ao physico quanto ao espírito, ao *football*, que, muito fácil de ser mal interpretado, é a causa de deformações physicas e, não raro moral dos nossos jogadores. Esta preferência prejudicial é observada, a todo momento na resolução dos nossos chefes sportivos. Isto se observa facilmente nos *clubs* principaes da nossa cidade[283]".

[283] Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Geraes – Domingo, 23 de Março de 1930.

A carta do presidente da *Federations Internationale* de *Football* sr. Julies Rimet[284]. ajudou-me a comprender um pouco mais desse momento do esporte na cidade.

> "Expressivo documento firmado pelo sr. Rimet".
> "Respondo de boa vontade ao pedido que me é feito de exprimir minha opinião sobre a partida que tive o prazer de assistir hontem á noite em Bello Horizonte, jogada entre as esquadras do *club* local, Athletico e a do Fluminense. É a primeira vez que vejo jogar o *football* a luz artificial; não me parece que essa condição diminua o interesse do jogo. As duas esquadras e talvez com mais vantagem a de Bello Horizonte mostraram um jogo de boa qualidade do ponto de vista technico e de grande valor pela coragem. O score de dois *goals* a um representa muito exactamente, no meu parecer, a forma dos dois quadros. Fiquei muito agradavelmente surpreendido com a attitude dos assistentes. Applaudindo com enthusiasmo os predillectos, o publico de hontem soube evitar toda a manifestação que pudesse desagradar aos adversários. É a nota de uma educação sportiva bastante rara de encontrar-se e que assignalo de passagem... E aproveito a occasião que me é dada para confessar aqui toda a minha gratidão aos directores, aos jogadores e ao público pela recepção e pelo acolhimento que tive em Bello Horizonte. Minha curta estada aqui me ficará como uma das melhores lembranças da minha viagem. Bello Horizonte, 17 de Agosto de 1930[285]"

[284] Julies Rimet esteve em Belo Horizonte e a sua carta é mais um indício de como o futebol estava se constituindo na cidade. Destaco que as suas percepções foram significativas para mim pelo fato do presidente da FIFA ter informações do futebol em outros países e pelo seu olhar de estranhamento e de admiração. É prudente, no entanto, relativizar alguns pontos, pois entendo que seria muito deselegante o ilustre visitante expor as nossas fragilidades.
[285]Arquivo da Imprensa Oficial. Minas Gerais – Quarta-feira, 20 de Agosto de 1930, p.12.

Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Domingo, 1 de Novembro de 1931, p.16.

> "Só louvamos o esporte quando praticado com o fim exclusivo de dar alegria ao corpo, concomitantemente á alma e de concorrer para o fortalecimento físico da raça. Fora deste objetivo, ele torna-se-nos indiferente se não foge muito da linha de disciplina, e condenável se o domina o fanatismo. No Brasil, principalmente, por ser pais tropical, o esporte deve ser compreendido na sua mais elevada e nobre finalidade. Porque, entediado o brasileiro pela sua morbidez psíquica, que não é senão melancolia física oriunda da falta de vivacidade corporal, para debelar aquela urge exterminar a esta, a que os cuidados terapêuticos são insuficientes, quando isolados e eficazes, quando recebem o concurso dos exercícios metodizados, que dão aos sistemas primaciais do corpo a alegria e a predisposição carecidas ao seu desenvolto funcionamento. Entretanto, como a tudo, ao esporte a indisciplina também desvirtua, tornando-o contraproducente e nocivo á saúde. É necessário, pois, a quem quer dedicar-se a ele, o conhecimento pleno dos seus métodos e fins, não o praticando displicentemente, nem se excedendo a ponto de trazer ao corpo, com exaustivas e desmedidas ginásticas, o peso do cansaço e do esgotamento[286]".

[286] Arquivo da Imprensa Oficial - Minas Gerais – Domingo, 1 de Novembro de 1931, p.16.

Fonte: SANTANA, 2003, p. 51. “Palestra 1, América 0, dezembro de 1937. Caieira e Souza (de gorro, à direita) contra três adversários”.
Foto Acervo Geraldo Souza (reproduções Célio Apolinário).

Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

Revista Semana Ilustrada. Anno I. Bello Horizonte, 14 de Abril de 1928.

Fonte GALUPPO, 2003, p. 60. Rezende, Evandro e Guaracy Januzzi (o Guará...).

Foto Acervo Clube Atlético Mineiro.

EDIÇÃO DE HOJE : 10.000 EXEMPLARES

Folha da Noite

Por Minas Grande Num Brasil Maior

COMPOSTO EM LINOTYPO IMPRESSO EM MARINONI — Vespertino Independente — RED. AV. AFF. PENNA 708 1º And. OFFS. RUA TAMOYOS 502

ANNO I — Bello Horizonte, (Minas-Brasil) 1 de Abril de 1929 — Numero 1

A tarde sportiva de hontem

Leiam a reportagem pormenorizada da tarde sportiva de hontem na 3.ª e 7.ª paginas

Um jornal que surge é sempre uma esperança que floresce no coração dos humildes e dos injustiçados. E, si esse jornal traz, como FOLHA DA NOITE, um programma de sadio liberalismo e de absoluta independencia, sem seitas nem credos, é um sol que desponta, uma clareira que se abre, uma chuva de estrellas sobre estradas trevosas.

FOLHA DA NOITE quer ser os sentimentos e os sentidos de Minas, quer ser o coração de ouro das suas minas pulsando na capital, consente de que traduz um passado intellectual e moral de dois seculos de bons principios, desde os ansios libertarios de Villa Rica até a reimplorada cruzada do voto secreto.

A responsabilidade do passado, o esplendor das tradições mineiras, nos illuminarão a rota a seguir, estando onde Minas estiver, porque ella se arregimenta, sempre, ao lado das boas causas, nos transes dolorosos da vida nacional.

Collocados no centro do paiz, a natureza talhou-nos, acertadamente, como um Brasil menor, dando-nos todos os climas e proporcionando-nos todas as producções nacionaes. Dentro do nosso territorio estadual, sabemos, porque sentem as sentimos, as necessidades de todos os irmãos brasileiros e podemos aquilatar do labor de todas as culturas porque, nas nossas ricas montanhas, o trabalho rural se distribue pelos productos variados da terra.

E' esse factor economico, formador do homem mineiro, que tem marcado a politica de Minas na Federação, que tem feito o equilibrio da vida nacional e concorrido para a indestructibilidade da união brasileira.

Nas graves problemas nacionaes, nunca deixou de ser ouvida a palavra conciliadora de Minas, porque não atravessaram ainda estas montanhas vigilantes os prejuizos raciaes desnacionalisadores, as ambições dissolventes, as hegemonias impertinentes e atrophiadoras da marcha ascensional do paiz.

Por outro lado, gente simples, agricultores, operarios honrados pela profissão e livres e ousados pelo trabalho que a terra generosa recompensa, aprendemos, desde os primordios da nacionalidade, a amar a liberdade, a odiar as violencias, a stygmatisar o despotismo sob qualquer forma que elle se apresenta.

Rega a Historia Patria o sangue dos mineiros e as luctas pela Independencia, pela Democracia e pela Republica aqui se alicerçaram no sacrificio dos proto-martyres.

E o presente não tem envergonhado a memoria dos que se foram. Os erros dos homens, si muitos, não conseguiram derruir a obra realisada. As tendencias reaccionarias de alguns abafam-se diante do clamor da multidão liberal. O regimen substitue os homens que tem ansios de perfeição. Havemos de attingi-la, com o clamor da mocidade e o amadurecimento das instituições.

FOLHA DA NOITE é um jornal constructor. Quer Minas grande dentro do Brasil maior.

Para isso, o passado lhe guiará o futuro, e o povo mineiro, o povo que trabalha, sem distincção de classes, que odeia as injustiças, será o orientador deste jornal.

Em todos os problemas a se agitarem, dentro e fóra de Minas, havemos de consultal-o, de ouvil-o, de auscultar-lhe os anseios, para lhe seguir a opinião.

Queremos, com a nossa gente, ser um operario de Minas e do Brasil.

Si aval fosse preciso para as nossas palavras, elles aqui estão: a nossa mocidade, o nosso enthusiasmo solar, a nossa mineiridade, o nosso amor ao Brasil.

Que vibrem os nossos nervos e Deus illumine a nossa intelligencia ***por Minas grande num Brasil maior!***

15x

Fonte: Jornal Folha da Noite. Anno I, Bello Horizonte (Minas-Brasil). Número I. 1 de Abril de 1929. Coleção Linhares.

Commemorando o 11.º anniversario da fundação do "Alves Nogueira F. C." de Sabará

1.º — Team do "Commercial S. C." de Bello Horizonte. 2.º — Combinado do "Alves Nogueira F. C." de Sabará

INSCRIPÇÃO

Mãe, em tua tumba colloco esta pequena corôa de laurel. São rosas e não profanarão teu silencio. Bem sei que dormes socegada sob este céo lindo, e não quero, nem de leve, perturbar a doçura de teu somno. Quando sobre a minha solitude desce a lyrica suave das estrellas, penso na tua imagem, ó santa de minha meninice! Ainda ha pouco alguem me leu entre lagrimas velha carta tua. Sentida e cheia de temôres pela sorte de teu filho. Nella dizias que eu estava muito doente, e ajoelhada junto do berço rezavas soluçando na angustia de um desenlace fatal! Mas, a tua prece salvou-me! E, hoje, sob este crepusculo que me cobre o coração de cinza, deponho, nesta lapide votiva, algumas rosas e um canto de saudade...

WANDERLEY VILLELA

(Das Canções)

SOFFRER

Soffrer não é sentir physicamente um mal
Em que o corpo succumbe aos poucos, abatido;
Ter faminto e mendigo o semblante espectral
Sem carinho, sem lar, nem pouso definido...

Soffrer não é carpir num catre de hospital
Uma dor que se expande em lugubre gemido...
Soffrer não é vibrar nessa angustia moral
De ver inerte e frio um ente estremecido!

Soffrer é cultuar feliz, esperançado,
Um sonho em pleno viço e ardor desabrochado
E antes de o conseguir ter de renunciar...

E', guardando, em silencio, uma lembrança grata,
Na dor de uma saudade immensa que maltrata,
Amar perdidamente e não poder falar!

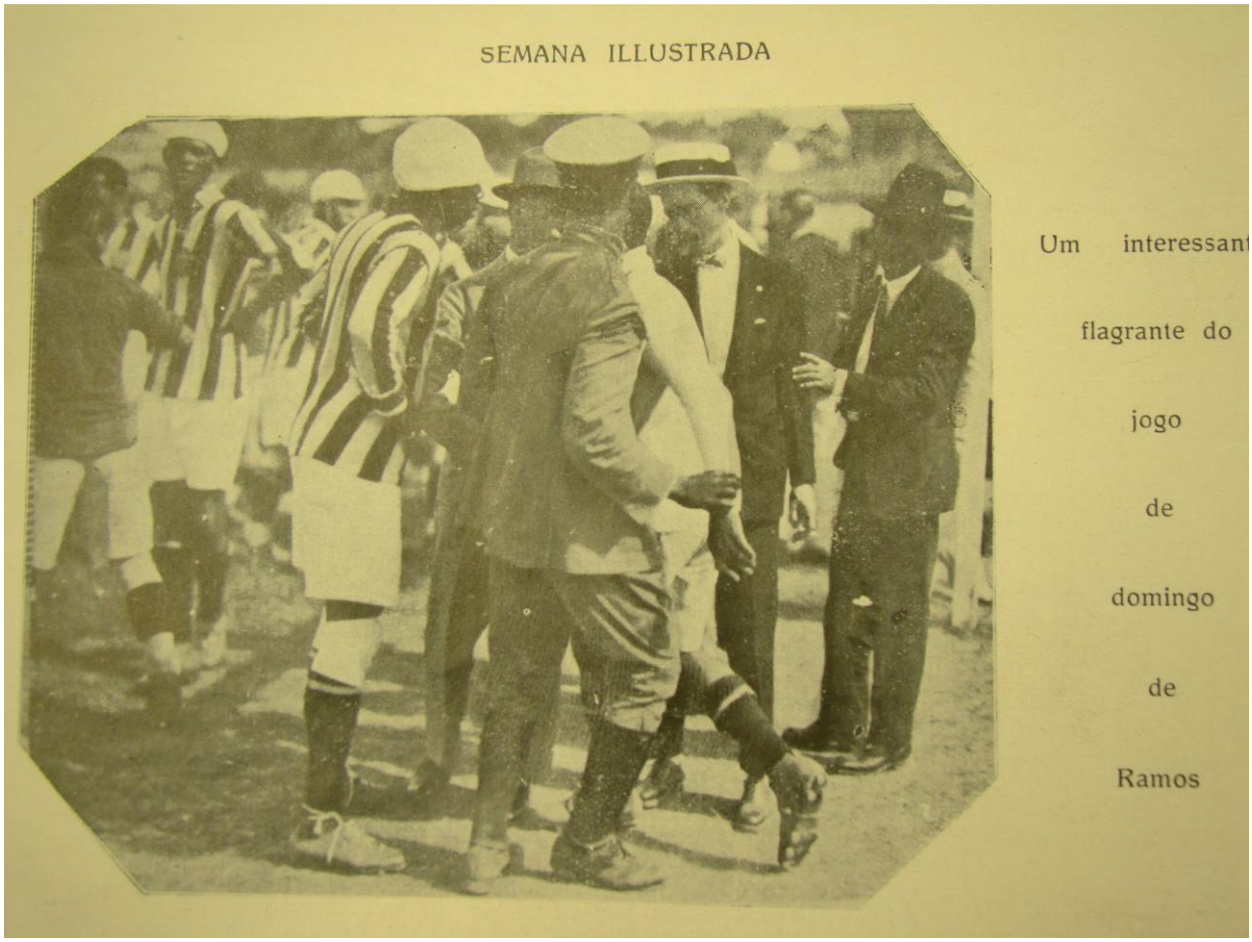
CARMEN CINIRA

Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

Revista Semana Ilustrada. Anno I. Num 34. Bello Horizonte, 21 Janeiro de 1928.

Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

Revista Semana Ilustrada. Anno I. Bello Horizonte, 14 de Abril de 1928.



Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

Revista Semana Ilustrada. Anno I. Bello Horizonte, 14 de Abril de 1928.

Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

Revista Semana Ilustrada. Anno I. Bello Horizonte, 14 de Abril de 1928.

SEMANA ILLUSTRADA

O DOMINGO SPORTIVO

Team do Alves Nogueira F. C., de Sabará, que empatou com o Guarany, no domingo passado.

Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

Revista Semana Ilustrada. Anno I. Bello Horizonte, 14 de Abril de 1928.

Team do Calafate F. C., que empatou com o Palmeiras.

Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

Revista Semana Ilustrada. Anno I. Bello Horizonte, 14 de Abril de 1928.

Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

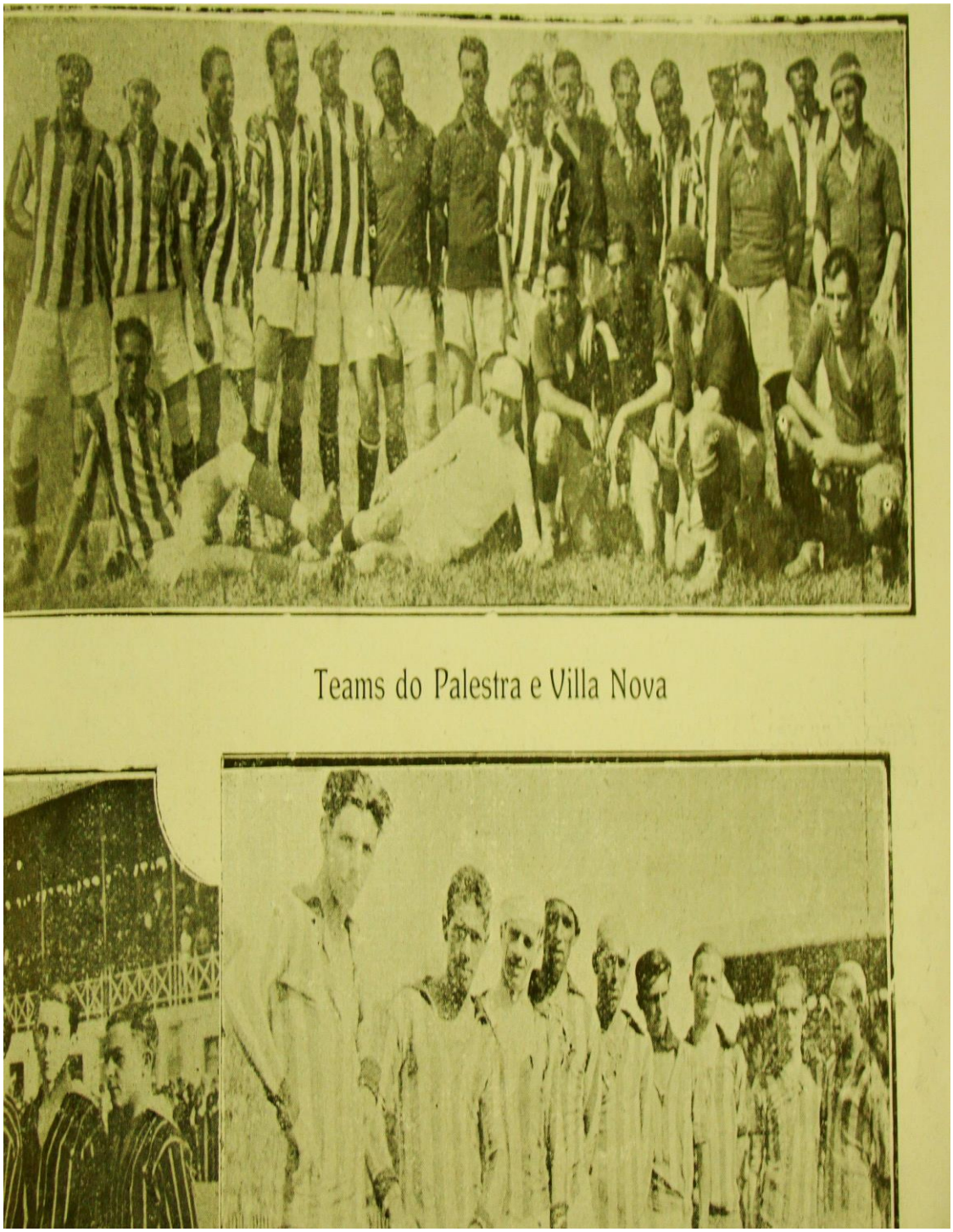
Revista Semana Ilustrada. Anno I. Num 34. Bello Horizonte, 21 Janeiro de 1928.

«Team Artidoro Flexa e a sua madrinha, senhorinha Menininha Flexa

Oculos e pence-nez na "OPTICA ALLEMÃ" — Rua Tupinambás, 450

Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

Revista Semana Ilustrada. Anno I. Num 34. Bello Horizonte, 21 Janeiro de 1928.



Teams do Palestra e Villa Nova

Arquivo Público da cidade de Belo Horizonte

Revista Semana Ilustrada. Anno I. Bello Horizonte, 14 de Abril de 1928.